



Ministério da Educação – MEC
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
Diretoria de Educação a Distância – DED
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Programa Nacional de Formação em Administração Pública – PNAP

NÉLIO SOARES MACHADO

**PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NA ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA: AVALIANDO PROJETOS INTERVENTIVOS DE
EDUCADORES DE EMEFs DE SÃO PAULO - SP**

BRASÍLIA – DF

2015

NÉLIO SOARES MACHADO

**PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NA ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA: AVALIANDO PROJETOS INTERVENTIVOS DE
EDUCADORES DE EMEFs DE SÃO PAULO - SP**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Administração como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharel em Administração Pública.

Orientador: Doutor Ronni Geraldo
Gomes de Amorim.

BRASÍLIA – DF

2015

NÉLIO SOARES MACHADO

**PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NA ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA: AVALIANDO PROJETOS INTERVENTIVOS DE
EDUCADORES DE EMEFs DE SÃO PAULO - SP**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO PELA SEGUINTE COMISSÃO
EXAMINADORA:

Doutor, Ronni Geraldo Gomes de Amorim
Universidade de Brasília – UnB
Professor-Orientador

Mestre, Átila Rabelo Tavares da Câmara
Universidade de Brasília - UnB
Professor-Examinador

Ficha Catalográfica

Machado, Nélio Soares, 2015.

Prevenção do uso de drogas na Administração Pública: avaliando projetos interventivos de educadores de EMEFs de São Paulo - SP /

Nélio Soares Machado. - Brasília. Universidade de Brasília. Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - FACE, 2015.

141 p.

1. Educação e Promoção da Saúde. 2. Prevenção do Uso de Drogas. 3. Prevenção do uso de drogas para Crianças e Adolescentes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Objetivo Geral.....	11
1.2	Objetivos Específicos	11
1.3	Justificativa	12
1.4	Contribuição prática.....	13
2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
2.1	Definição do Problema de Pesquisa.....	15
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
4	METODOLOGIA	19
4.1	Tipo e descrição geral da pesquisa	23
4.2	Caracterização da organização, setor ou área do estudo	25
4.3	População e amostra (ou participantes)	26
4.4	Procedimentos de coleta e de análise de dados	27
4.4.1	Instrumento avaliativo.....	28
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1	Escola A	33
5.2	Escola B	42
5.3	Escola C	53
5.4	Escola D	62
5.5	Escola E	70
5.6	Escola F	79
5.7	Escola G	89
5.8	Escola H	100
5.9	Escola I	111
5.10	Escola J	120
6	CONSIDERACOES FINAIS	134
7	REFERÊNCIAS.....	136

1 INTRODUÇÃO

A crescente presença das drogas na sociedade - inclusive no universo escolar, que se configura como espaço em que as crianças e os adolescentes estabelecem suas primeiras relações sociais sem interferência familiar direta - obriga as famílias, os educadores, os gestores e os administradores públicos à reflexão acerca do papel de cada um para a solução deste problema.

Tal reflexão certamente deve levar em conta as transformações sociais e econômicas ocorridas nas últimas décadas, e que culminaram num novo modelo de família, divergente do padrão tradicional em que o pai era o provedor e à mãe cabia cuidar do lar e dos filhos.

Os novos modos de organização familiar e social podem gerar conflitos e desejos que, quando não resolvidos ou satisfeitos, configuram fatores de risco e vulnerabilidade para estes indivíduos que ainda não possuem mecanismos de avaliação e autodefesa frente às investidas da sociedade de consumo, pautada em valores por vezes tão distantes destas crianças e adolescentes, e que nem sempre privilegiam o ser humano.

Do mesmo modo, na perspectiva de Ariés (1973, *apud* Oliveira, 2004), não é possível deixar de considerar a ressignificação da adolescência no contexto do desenvolvimento humano conforme o tempo e o grupo social, e a conseqüente valorização desta etapa de formação do indivíduo, principalmente após a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA).

O Artigo 3 de nossa Carta Magna prevê a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; a garantia do desenvolvimento nacional; a erradicação da pobreza e a marginalização; a redução das desigualdades sociais e regionais; e a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Constituição Federal da República, 1988).

O Artigo 33 da Convenção sobre Direitos da Criança prevê que o Estado deve adotar todas as medidas adequadas - incluindo medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas - para proteger as crianças contra o consumo ilícito de entorpecentes e de substâncias psicotrópicas, tais como definidos nas convenções internacionais aplicáveis, e para prevenir a utilização de crianças na produção e no tráfico ilícito de tais substâncias (UNICEF, 2004).

Contudo, os instrumentos legais, por si só, não são capazes de garantir o respeito aos direitos das crianças e adolescentes, sendo, por tal motivo, imprescindível que se estabeleçam ações conjuntas entre os diferentes segmentos da sociedade, a fim de levantar as particularidades de cada região, e de propor medidas preventivas que respondam às necessidades específicas de cada grupo.

Para tanto, foi recentemente aprovada a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNaPS), instituída pela Portaria MS/GM 687, de 30 de março de 2006, surgindo para ratificar o compromisso do Estado brasileiro com a ampliação e qualificação de ações de promoção de saúde nos serviços e na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo, a partir de então, imediatamente inserida na agenda estratégica dos gestores do SUS e Planos Nacionais de Saúde subsequentes, ampliando assim as possibilidades das políticas públicas existentes.

Seu objetivo geral prevê a promoção da equidade e a melhoria das condições e dos modos de viver, ampliando a potencialidade da saúde individual e coletiva e reduzindo vulnerabilidades e riscos à saúde decorrentes dos determinantes sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais.

Considerando que o uso de drogas e álcool é um fenômeno sociocultural complexo, isso significa dizer que sua presença em nossa sociedade não é simples. Assim, não apenas existem variados tipos de drogas, mas também são diferentes os efeitos por elas produzidos, sendo a problemática do consumo das drogas um mal que assola a contemporaneidade, presente sobretudo nos grandes centros urbanos. Como

consequências do vício, observa-se o aumento direto da criminalidade, uma vez que os viciados, para sustentarem sua dependência das drogas, cometem crimes variados, tais como furtos, roubos e até mesmo homicídios, devido ao aumento da agressividade, em decorrência do consumo desses entorpecentes. Assim, é importante observar que o uso de drogas está associado a um número elevado de problemas, principalmente violência, acidentes e AIDS (SENAD, 2010).

Os usuários de drogas são vítimas que, em momentos de fragilidade, tem as drogas como fonte de alívio para suas angústias. Aproveitando-se dessa fraqueza, traficantes usam tais pessoas para oferecer entorpecentes e tirar proveito em benefício próprio, sem se preocupar com os danos causados a saúde desses indivíduos.

A adolescência - período marcado por mudanças e curiosidades sobre um mundo que existe além da família - representa um momento especial no qual a droga exerce forte atrativo. Trata-se de uma fase preocupante, dada a vulnerabilidade social a que estão submetidos os indivíduos dessa faixa etária, devendo, portanto, ser olhada com atenção e cautela. Como característica típica dessa fase, é comum o forte elo do adolescente com o grupo de amigos.

Com a adolescência, o jovem desenvolve novas necessidades que exigem mudanças na forma de se relacionar com a família. Há crises na família porque as regras que antes determinavam as relações deixam de funcionar. O sistema familiar sofre pressões para mudar a rotina de vida e operar de variadas formas e com outras estruturas. As famílias, sem a flexibilidade necessária, se esforçam em manter o antigo padrão. Portanto, não é apenas o adolescente que muda, mas toda a família se transforma com ele. (SUDBRACK; PENSO, 2012, p. 163).

De acordo com Sudbrack e Penso (2012, p.215), o adolescente necessita organizar sua originalidade, sua criatividade e, ao mesmo tempo, estar seguro de que ela é compartilhada. Por isso, na adolescência, os grupos são fundamentais. Contudo, a lealdade às amizades pode incentivar o uso de drogas - lícitas ou ilícitas - ou, em um viés oposto, funcionar como

uma rede de proteção ao adolescente que, a partir de influências positivas do meio social - entidades assistenciais com atividades ocupacionais, família cuidadora, escola atenta e atuante - elevará a autoestima deste, desviando seu olhar das influências negativas do ambiente.

Já na concepção de Oliveira (2012, p.42), o adolescente se aproxima e se vincula àqueles com os quais ele próprio se identifica, a partir de critérios e valores que não necessariamente expressam os da família. Tais valores contribuem para que o grupo de pares de idade passe a ter grande importância em diferentes dimensões da vida do adolescente.

Rede social é o conjunto de relações significativas de uma pessoa (SENAD, 2012, p.141). Assim, ao retirar os adolescentes do ócio, trazendo-os para o convívio no ambiente escolar, amplia-se a sua rede de proteção social. Ao remover esses sujeitos em formação das situações de risco, criam-se novas possibilidades de se trabalhar o despertar de suas vocações, com intenção de se resgatar sua autoestima.

Para uma política de prevenção eficaz, como indicam Maluf e Meyer (2002) e Sloboda (2004), entre outros, é necessário primeiramente um levantamento dos fatores de risco e fatores de proteção, entendendo os mesmos como as condições às quais os indivíduos estão expostos, que podem aumentar ou diminuir a probabilidade do uso de drogas.

Diante do exposto, e partindo da premissa de que a grande maioria dos adolescentes se encontram matriculados em escolas das redes pública e privada, o autor desta pesquisa acredita que o foco para uma efetiva prevenção do uso de drogas seja educativo. Para tanto, a escola deve ser interpretada como uma extensão das famílias e da comunidade social, constituindo o tripé escola-família-comunidade.

Por meio da educação, que transmite a cultura gerada e o conhecimento através dos tempos, o aluno é chamado a despertar suas potencialidades, a refletir e a criticar a realidade na qual está inserido, bem como estará capacitado a intervir e a propor novas orientações no ambiente de seu convívio. As influências do meio escolar podem ser muito produtivas,

desde que os alunos sejam envolvidos nas ações e reconheçam a necessidade e a repercussão de sua atuação.

Assim, os educadores participantes da 5ª edição do curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas foram orientados a desenvolver projetos nas escolas onde trabalham, os quais foram posteriormente recolhidos e avaliados pelo pesquisador.

1.1 Objetivo geral

Como objetivo geral deste projeto, pretende-se avaliar projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos por educadores de Escolas Públicas do estado de SP, cursistas da 5ª edição do Curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas*, considerando critérios tais como: introdução, aspectos teóricos, objetivos geral e específicos, metodologia e referências, após observação do diagnóstico prévio de cada instituição de ensino, com mapeamento das redes sociais existentes naquelas escolas (Escola-Família; Escola-Instituições de Assistência/Segurança; e Escola-Saúde).

1.2 Objetivo específico

Como objetivos específicos, destacam-se:

- Levantar os projetos de prevenção do uso de drogas enviados pelos grupos de professores, via plataforma *moodle*, ao pesquisador, durante a realização da 5ª edição do curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas, ministrado pelo Prodequi/UnB;
- Analisar os projetos entregues, para verificação de atendimento dos pré-requisitos metodológicos (Seção 4, p.28-32), após observação do diagnóstico de cada instituição de ensino, previamente encaminhado ao pesquisador;

- Avaliar a viabilidade dos projetos encaminhados, a partir dos encaminhamentos didáticos realizados pelo Prodequi em plataforma virtual *moodle*;
- Avaliar, por meio de modelo de projeto de prevenção do uso de drogas (vide Seção 4, p.28-32), os projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos por grupos de educadores-cursistas de escolas públicas do estado de SP, de acordo com uma série de critérios a serem definidos nas próximas seções;
- Mapear, por meio dos mesmos projetos apresentados, as redes sociais existentes nas escolas (sobretudo as interações Escola-Família, Escola-Instituições de Assistência/Segurança e Escola-Saúde) dos educadores participantes do curso de Prevenção do Uso de Drogas. Tal etapa fornecerá subsídio para que a meta, estabelecida pelo objetivo geral, seja alcançada.

1.3 Justificativa

O uso abusivo de substâncias entorpecentes, sobretudo o *crack*, *óxi* e outras drogas, é responsável pela potencialização de mazelas sociais, tais como a marginalidade e a prostituição, diretamente responsáveis pelo aumento da criminalidade como um todo. Atualmente, observa-se aumento considerável de casos de furtos, homicídios, latrocínios, roubos à mão armada, tráfico de drogas, etc., que refletem diretamente na sociedade, culminando no agravamento de uma grave crise no sistema de Segurança Pública, já que o enfrentamento desta problemática pelas autoridades policiais aumenta significativamente os gastos públicos empreendidos nesta área basilar da Administração Pública, no sentido de assegurar ao cidadão o cumprimento de seus direitos garantidos pela Carta Magna de 1988.

Diante do exposto, a temática da prevenção do uso de drogas constitui tema atual e relevante para ser implementada efetivamente na Administração

Pública brasileira, sobretudo no contexto moderno de uma sociedade marcadamente afligida pelas drogas lícitas e ilícitas.

Paralelamente, a proposta se destaca pela prevenção da origem do problema, por meio da conscientização de educadores de escolas públicas, que se tornarão replicadores das ideias desenvolvidas ao longo da construção coletiva do projeto de prevenção em escolas públicas de São Paulo - SP, o que torna a pesquisa bastante adequada e pertinente no contexto atual da Administração Pública nacional.

1.4 Contribuição prática

Como contribuição prática, este projeto pretende auxiliar a sociedade de maneira geral, através da prevenção do uso de drogas, por meio da conscientização dos educadores de escolas públicas da cidade de São Paulo - SP, sujeitos-alvo do supracitado curso. Para tanto, o autor propõe fornecer subsídio e direcionamento prévio aqueles educadores, no sentido de avaliar e dar feedback aos projetos voltados à Prevenção do Uso de Drogas desenvolvidos ao longo do curso.

É imperioso ressaltar que a proposta almejou que as ações preventivas dispostas nos projetos supracitados fossem efetivamente implementados nas escolas e sua extensão (comunidade e núcleos familiares), a *posteriori*, por meio do aprofundamento acerca da adequada abordagem das situações de risco que levam ao uso de álcool, *crack* e outras drogas lícitas e ilícitas, além do correto diagnóstico dos comportamentos de risco, em suas diversas manifestações.

Para tanto, o autor avaliou - por meio de instrumentos avaliativos que serão posteriormente descritos na Metodologia - a qualidade acadêmica dos projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos coletivamente por grupos de educadores de escolas públicas participantes da 5ª edição do Curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas** que atuam em escolas da cidade de São Paulo - SP.

O projeto em tela objetivou ainda comprovar a hipótese levantada, qual seja a de que os projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos coletivamente pelos grupos de educadores, participantes da 5ª edição do Curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas*, da cidade de São Paulo - SP apresentam boa qualidade acadêmica.

* É conveniente salientar que a 5ª edição do curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas* foi promovida pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) do Ministério da Justiça e pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC). Sua execução ocorreu sob responsabilidade técnica da Universidade de Brasília (UnB) por meio do Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas/PRODEQUI do Instituto de Psicologia (IP/PCL), sendo oferecido na modalidade a distância - entre os meses de março a outubro de 2013 - com carga horária total de 180 horas, e destinando-se a um quantitativo aproximado de 50 mil educadores de escolas públicas estaduais e municipais das seguintes unidades federativas: Acre, Amazonas, Amapá, Bahia, Espírito Santo, Pará, Paraná, Roraima, Rondônia, **São Paulo**, Sergipe, Tocantins, além do Distrito Federal.

Ressalta-se que a comprovação da hipótese acima definida é deveras importante, sobretudo porque a qualidade dos projetos desenvolvidos acarreta diretamente no impacto que estes terão na prevenção do uso de drogas lícitas e ilícitas no interior da escola e em suas adjacências (extensão), principalmente na comunidade que a cerca, inclusive no próprio seio dos núcleos familiares, atores para os quais os resultados decorrentes das ações preventivas previstas nos projetos serão úteis, por reduzirem o impacto desestruturante causado em decorrência do uso de drogas por crianças e adolescentes vulneráveis, com a vantagem da diminuição significativa dos custos empreendidos neste intento.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

2.1 Definição do Problema de Pesquisa

Considerando os parâmetros de qualidade definidos no instrumento (projeto) avaliativo de programas na área de saúde (Seção 4.4.1, p.28-32), a finalidade desta pesquisa foi avaliar os projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos por grupos de educadores, como trabalho de conclusão do 5º Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas, desenvolvido pelo consórcio SENAD/MEC, no âmbito de determinadas escolas públicas municipais da cidade de São Paulo - SP.

Desta feita, a pergunta a ser feita pelo proponente é a seguinte:

- Considerando-se os projetos de prevenção do uso de drogas, como se enquadram os projetos de prevenção do uso de drogas, desenvolvidos coletivamente por grupos de educadores de escolas públicas participantes da 5ª edição do Curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas* de São Paulo - SP.

* Um modelo de projeto de prevenção do uso de drogas será apresentado logo adiante, na Metodologia (seção 4, p.28-31).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Droga, segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento.

Segundo Nicastrí e Ramos (2014, p. 88), uma droga não pode ser considerada por si só como boa ou má. Existem substâncias que são usadas com a finalidade de produzir efeitos benéficos, como o tratamento de determinadas doenças, sendo consideradas medicamentos. Contudo, por outro lado existem substâncias que provocam malefícios à saúde, a exemplo dos venenos ou tóxicos. Torna-se interessante frisar que a mesma substância pode funcionar como medicamento em algumas situações, e como tóxico em outras.

As substâncias listadas na Classificação Internacional de Doenças, 10ª Revisão (CID-10), em seu capítulo V (Transtornos Mentais e de Comportamento) incluem:

- Álcool;
- Opioides (morfina, heroína, codeína, diversas substâncias sintéticas);
- Canabinoides (maconha);
- Sedativos ou hipnóticos (barbitúricos, benzodiazepínicos);
- Cocaína;
- Outros estimulantes (tais como anfetaminas e substâncias relacionadas à cafeína);
- Alucinógenos;
- Tabaco;
- Solventes voláteis.

Do ponto de vista legal as drogas podem ser classificadas como lícitas e ilícitas. As drogas lícitas podem ser livremente comercializadas, podendo, no entanto, ser submetidas a certas restrições. Por exemplo, bebidas alcoólicas e tabaco não podem ser comercializados para crianças e adolescentes. No caso de medicamentos, alguns só podem ser adquiridos por meio de prescrição médica. Estas, por sua vez, são proibidas por força de lei.

O ser humano é, por natureza, um ser sociável que se constitui nas interações, sejam positivas ou negativas, cabendo aos formadores da rede escolar, juntamente com outras redes - principalmente a familiar - agregar

valores e conceitos que privilegiem atitudes e comportamentos no adolescente, e que colaborem para formar neste uma identidade social positiva. Corroborando com esse pensamento Sudbrack e Penso (2012) assim definem o homem:

O homem, como ser social, estabelece sua primeira rede de relação no momento em que vem ao mundo. A interação com a família confere-lhe o aprendizado e a socialização, que estendem para outras redes sociais. É por meio da convivência com grupos e pessoas que se moldarão muitas das características pessoais determinantes para sua identidade social

De acordo com Leal, Araújo e Pinheiro (2012, p.61), o consumo de álcool é um dos principais responsáveis por mortes ocorridas no mundo inteiro, quer seja por doenças secundárias oportunistas ou pelos acidentes que provoca. Além disso, o alcoolismo ainda lidera as internações ocasionadas por dependência de drogas.

Segundo Ramal (2012), o risco do consumo de drogas lícitas ou ilícitas ronda todas as famílias, de maneira que qualquer jovem pode vir a se envolver com elas. Para ela, os adolescentes constituem o grupo de risco mais vulnerável, pelo fato dessa fase ser caracterizada por crises e pela descoberta da própria identidade, na qual muitos contestam os modelos vigentes e se distanciam da família. Surge assim a insegurança, a timidez, a curiosidade pelo que é proibido, o que contribui para levá-los ao uso de drogas – na ilusão equivocada de diminuir a timidez, ser aceito nos grupos, ganhar status, etc.

A Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (IBGE, 2012) traz dados que preocupam: só no estado de São Paulo, 23,5% dos alunos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental em escolas das redes pública e privada experimentaram cigarro alguma vez, sendo 22% do sexo masculino e 25,2% do sexo feminino. Já com relação à experimentação de bebida alcoólica, o percentual observado pela pesquisa foi consideravelmente mais alarmante. Observou-se que 73,3% dos alunos da supramencionada série

experimentaram tais drogas alguma vez neste contexto, sendo 70,3% do sexo masculino e 76,5% do sexo oposto.

Castro (2002) destaca a importância do PPP da escola, que, além da dimensão cognitiva, deve sempre ter em vista o ser das pessoas. Para eles, uma nova escola supõe uma nova pedagogia, onde não há receitas, e sim experiências bem-sucedidas e indicações que nascem dessas experiências, sendo fundamental o compromisso da escola, de seus professores e de toda a comunidade escolar com a meta de combater, por um novo clima de educação e aprendizagem, as drogas e as violências escolares.

Para Soldara et al (2004), o adolescente vive de certa forma um hermetismo, onde muitas vezes se fecha para o diálogo, em alguns momentos, com a escola e família. Ele, frequentemente, busca como ouvinte um amigo ou um grupo deles.

Finalmente, Nicastri e Ramos (2001, p.25-29) destacam que estudos sobre intervenções com adolescentes, com o objetivo de prevenir o uso de drogas, apontam ser muito importante que os investimentos sejam realizados em adolescentes com idade precoce, pois isso faz com que melhorem os resultados dos programas; se, além disso, houver apoio posterior a estes adolescentes, se houver envolvimento dos diferentes locais por onde eles se movem, como escola e família, os resultados serão ainda melhores.

Diante dos argumentos acima expostos, o autor desta pesquisa optou por focar sua atenção na Educação Básica, orientando e avaliando projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos por educadores de escolas públicas de Ensino Fundamental do estado de São Paulo, bastante conhecido pelo enfrentamento de problemáticas decorrentes do uso crônico de drogas.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo resultem em descrições numéricas de determinadas características do corpo do texto, especial atenção vem sendo dada às distinções, tipos e qualidades do texto, previamente à realização de qualquer quantificação.

A análise de conteúdo trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos. Existem tradicionalmente dois tipos de textos:

- Textos que são construídos no processo de pesquisa, tais como transcrições de entrevista e protocolos de observação; e
- Textos que já foram produzidos com finalidade diversa, a exemplo de jornais, memorandos ou projetos de corporações.

Na análise de conteúdo, o ponto de partida é a mensagem. Contudo, as condições contextuais de seus produtores devem ser consideradas. Além do mais, tal avaliação se assenta na concepção crítica e dinâmica da linguagem (PUGLISI; FRANCO, 2005, p. 13).

Assim sendo, deve-se considerar não apenas a semântica da língua, mas também a interpretação do sentido que um indivíduo atribui às mensagens.

A análise do conteúdo, em suas primeiras utilizações, apresenta muitas semelhanças com o processo de categorização e tabulação de respostas a questões abertas. Inicialmente criada como uma técnica de pesquisa, voltada à uma descrição objetiva, quantitativa e sistemática de comunicações em emissoras de rádio, filmes, jornais, revistas e televisão, atualmente vem sendo progressivamente utilizada com finalidade de análise de material qualitativo obtido por meio de entrevistas de pesquisa (Machado, 1991, p. 53).

Minayo (2003, p. 74) enfatiza que a análise de conteúdo objetiva verificar hipóteses e/ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. Portanto, na concepção desse autor, aquilo que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente). Por outro lado, a análise e a interpretação dos conteúdos obtidos enquadrar-se-ão na condição dos passos (ou processos) a serem seguidos.

Dessa maneira, pode-se destacar que, de maneira a permitir o efetivo caminhar neste processo, a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, ao mesmo tempo em que também serve como pano de fundo, no sentido de garantir a relevância dos resultados a serem divulgados e, de preferência, socializados (PUGLISI; FRANCO, 2005, p. 24).

Bardin (1977, p. 42), por sua vez, conceitua essa análise de conteúdo como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não), os quais permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção - "variáveis inferidas", como a própria autora destaca - destas mensagens.

Assim, a análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema. Portanto, a finalidade dessa análise é a de produzir inferência, trabalhando com vestígios e índices postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos (PUGLISI; FRANCO, 2005, p. 25).

Na fronteira hermenêutica, os métodos são puramente semânticos, ao contrário da linguística, que incorpora os métodos lógicos estéticos, voltados aos aspectos formais do autor e do texto.

Em suma, quando da escolha da análise de conteúdo, deve-se optar pelas unidades de registro e de contexto, as quais são geralmente acompanhadas de algumas limitações. Dentre elas, as características

definidoras específicas - que devem ser adaptadas a esta ou àquela investigação, podendo apresentar tipologias diferenciadas (palavra, tema, personagem, item, etc.).

A unidade de contexto é a parte mais ampla do conteúdo a ser analisado. Contudo, para Puglisi e Franco (2005, p. 43), tal unidade seria indispensável para a necessária análise e interpretação dos textos a serem decodificados e, principalmente, para que se possa estabelecer a necessária diferenciação resultante dos conceitos de significado e sentido.

Uma vez que cada entrevista é tratada em profundidade, sendo o quadro de estudo sobretudo qualitativo, questões de amostragem se tornam secundárias. Entretanto, a seleção de entrevistados deve ser explicitada e justificada, de acordo com os objetivos que se pretende alcançar (Machado, 1991, p. 54).

Pode-se imaginar que o resultado dessa análise temática poderia ser colocado em tabelas. Contudo, ao invés de números, as células da tabela conteriam as falas particulares dos sujeitos entrevistados. Em muitos casos, o simples levantamento dos temas abordados nas entrevistas é o objetivo da pesquisa (Machado, 1991, p. 55).

Dentre as vantagens de se utilizar o método, destacam-se:

- Permite lidar com grandes quantidades de dados, além de fazer o uso principalmente de dados brutos, que ocorrem naturalmente;
- Possui também um conjunto de procedimentos maduros e bem documentados, onde o pesquisador caminha através da criação, seleção de unidades e categorização de dados brutos;
- Possibilita a construção de dados históricos, por meio da utilização de dados remanescentes da atividade passada (entrevistas, experimentos, observação e levantamentos), condicionados ao presente (Bauer e Gaskell, 2002, p. 212).

É importante destacar que esta pesquisa visou avaliar a qualidade dos projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos e entregues por grupos de professores de dez (10) escolas estaduais de São Paulo - SP que cursaram a 5ª edição do curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas, desenvolvido pelo Prodequi da Universidade de Brasília (UnB), em parceria com o governo federal, representado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). Os projetos foram entregues pelo público-alvo de educadores como pré-requisito para aprovação no supramencionado curso.

O Prodequi é um laboratório do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura/PPG (PsiCC), do Departamento de Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da UnB. De acordo com dados extraídos por meio do sítio do Prodequi, aquele laboratório foi criado em 1991, com o objetivo de desenvolver atividades integradas de pesquisa, ensino e extensão sobre o tema das dependências químicas, que objetivam contribuir com a evolução da abordagem científica das questões referentes ao envolvimento do ser humano com as drogas, em suas diferentes dimensões, privilegiando, no contexto da Psicologia Clínica, o estudo da dimensão do sofrimento psíquico do sujeito, da família e dos demais contextos onde o consumo de drogas se expressa como problema, buscando construir bases teórico-metodológicas para intervenções tanto preventivas como terapêuticas na área, ao mesmo tempo em que, entendendo a problemática das drogas/álcool em uma perspectiva da complexidade, apresenta, como proposta, a realização de uma leitura sistêmica da questão do uso de drogas, vislumbrando um vasto campo de investigação, uma riqueza de possibilidades de intervenção e, sobretudo, muitos desafios.

Assim, o objeto de pesquisa se amplia, passando da questão específica da dependência de substâncias para o tema mais amplo das adições e da ressonância do fenômeno das drogas no tecido social. Portanto, a construção de metodologias de intervenções sistêmicas e comunitárias de prevenção da marginalização social dos sujeitos, grupos e comunidades, com especial investimento de recursos federais na interface drogas-violência, sobretudo na população de adolescentes e jovens constituiu amplo interesse.

O fenômeno das drogas, definido enquanto objeto complexo de investigação e de intervenção remete, portanto, inevitavelmente, a interfaces com as demais áreas do conhecimento científico, as quais encontram no Prodequi um fértil espaço para elaboração de propostas multi, inter e transdisciplinares, que, por sua vez, se viabilizam e se concretizam no decorrer dos diferentes projetos dos grupos de trabalho, num processo de co-construção permanente, atendendo tanto a demandas sociais como a demandas acadêmicas, o que vem permitindo uma ampliação do campo da Administração Pública, em resposta e sintonia aos desafios da cultura na contemporaneidade.

4.1 Tipo e descrição geral da pesquisa

A pesquisa realizada foi do tipo descritivo, apresentando como objetivo geral avaliar, considerando-se parâmetros tais como as interações entre Escola e Famílias; Escola e Instituições de Assistência/Segurança; Escola e Saúde; Escola e Comunidade; e Drogas e Rede Escolar, os projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos coletivamente por grupos de educadores de escolas públicas participantes da 5ª edição do *Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas* de São Paulo - SP.

Na verdade, trata-se de um estudo de casos, caracterizado pelo levantamento de dados originados de documentos (projetos) enviados pelos professores de dez (10) escolas que cursaram a 5ª edição do curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas de São Paulo - SP.

Estudo de caso é um instrumento pedagógico que apresenta um problema mal estruturado, qual seja aquele que não tem uma solução pré-definida, exigindo empenho do aluno para identificar o problema, analisar evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções, etc.

De acordo com o portal do Insper (internet), esse tipo de estudo pode ainda ser definido como um problema que reproduz os questionamentos, as incertezas e as possibilidades de um contexto empresarial que dispara a necessidade de uma tomada de decisão. O processo de chegar a uma decisão, por meio da análise e discussão individual e coletiva das informações expostas no estudo de casos promove o raciocínio crítico-argumentativo dos alunos, tornando-o um eficiente aliado pedagógico no apoio ao desenvolvimento dessas competências, ao colocar o aluno no papel de protagonista em situações realistas e complexas que simulam o cotidiano corporativo.

Ao discutir um caso, o aluno vivencia o conflito e, assim, enriquece seu aprendizado por meio do compartilhamento do ponto de vista de seus colegas, concluindo que não existem respostas prontas, certas ou erradas. Portanto, para participar de uma discussão e contribuir coletivamente com o aprendizado, o educando deve se preparar, lendo atentamente, além de analisar informações e dados.

Em função dessas características, o estudo de casos constitui um importante instrumento pedagógico que desafia o discente a raciocinar, argumentar, negociar e refletir – habilidades cognitivo-sociais.

Diante do exposto, os projetos foram estruturados da seguinte maneira:

- ✓ Introdução;
- ✓ Aspectos Teóricos;
- ✓ Objetivos Geral e Específicos;
- ✓ Metodologia (com Cronograma das Ações propostas);
- ✓ Referências.

4.2 Caracterização do objeto de estudo

O 5º curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas*, desenvolvido pelo Prodequi/UnB e pela SENAD, foi oferecido por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) em plataforma Moodle, com apoio de material didático impresso e mídia *Digital Video Disk* (DVD).

O AVA foi organizado com conteúdos, recursos didáticos e dispositivos interativos que oportunizaram, por meio de atividades colaborativas e individuais, a aprendizagem de conceitos e metodologias no âmbito da promoção da saúde, com ênfase na prevenção do uso de drogas.

As atividades de aprendizagem contribuíram para a articulação entre as diversas modalidades de conteúdos e metodologias apresentados durante o curso, favorecendo a elaboração gradativa do projeto de prevenção do uso de drogas, por meio da interação e da colaboração entre cursistas de uma mesma escola e de uma mesma turma.

O acompanhamento tutorial foi garantido ao longo de todo o percurso e realizado por educadores-tutores, onde cada tutor acompanhou turmas de diversas escolas da rede pública de educação básica com aproximadamente dez (10) educadores-cursistas cada, em geral, de um mesmo estado da federação.

A quantidade de projetos recebidos pelo pesquisador dos participantes do estudo, quais sejam os educadores-cursistas de escolas estaduais de São Paulo - SP, foi de dez (10), os quais o pesquisador objetivou avaliar detalhadamente, a partir dos critérios informados em 1.1 e 1.2 (p.11-12).

É interessante esclarecer que os projetos foram desenvolvidos coletivamente por grupos de educadores-cursistas participantes da 5ª edição do curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas*.

A proposta de avaliação dos projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos por educadores-cursistas, participantes da 5ª edição do curso

de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas, é fundamental, uma vez que todo projeto apresenta acertos e erros, e somente uma avaliação criteriosa do tipo *checklist* de todas as atividades realizadas pode indicar possíveis modificações em razão do que funcionou ou não.

No decorrer de cada módulo, os educadores-cursistas participantes receberam orientações e *feedbacks* voltados à construção de um projeto de prevenção do uso de drogas no contexto escolar, realizando encontros, levantamentos e organizando informações importantes dentro de cada instituição escolar e comunidade.

Finalmente, observa-se que o último módulo do curso (Módulo 5) foi essencialmente prático, voltando-se à implementação prática do projeto de prevenção no contexto de cada escola, visando facilitar o aperfeiçoamento, a socialização e a implementação das ações propostas no projeto final encaminhado pelos educadores cursistas ao pesquisador.

4.3 População e amostra

A pesquisa objetiva levantar dados originados de projetos de Prevenção do Uso de Drogas realizados por educadores de escolas públicas de São Paulo - SP e enviados pelos mesmos, via Ambiente Virtual de Aprendizagem (Plataforma *moodle*).

Ao todo, foram enviados um total amostral de dez (10) casos, realizados, coletivamente, pelos cursistas da 5ª edição do curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas daquela localidade.

É interessante frisar que os projetos foram elaborados, coletivamente, pela equipe de professores, coordenadores, diretores e funcionários do quadro de escolas estaduais, previamente inscritos no curso, conferindo em um total geral aproximado de cem (100) educadores-cursistas.

4.4 Procedimentos de coleta e de análise de dados

O processo de análise de dados tem por objetivo reduzir grandes quantidades de dados brutos a uma forma interpretável e mensurável. Partindo desta premissa, dentre as técnicas de análise de dados analisadas, o pesquisador optou por utilizar o método de análise de conteúdo dos projetos de prevenção do uso de drogas desenvolvidos por educadores-cursistas da 5ª edição do curso de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas*, por considerá-la mais apropriada à natureza e aos objetivos propostos pela pesquisa.

Identificado o objeto de pesquisa, formulado o problema e justificativas, o pesquisador deve partir para a avaliação dos projetos de *Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas*, a partir do levantamento detalhado de estruturação das etapas dos projetos de prevenção encaminhados pelos participantes do estudo ao pesquisador.

De acordo com D'Ascensão (2001, p. 70), podemos conceituar o levantamento como a obtenção (ou coleta) de todos os elementos necessários para o conhecimento quantitativo e qualitativo do processo que desejamos estudar.

D'Ascensão (2001, p. 71) ressalta ainda que a equipe de analistas, ao iniciar o levantamento detalhado do processo em estudo, deve estar preocupada com as seguintes variáveis:

- ✓ A documentação existente;
- ✓ O volume de trabalho;
- ✓ Os recursos utilizados;
- ✓ Os tempos de execução;
- ✓ Os custos envolvidos;
- ✓ O fluxo do processo;
- ✓ Os fatores críticos de sucesso e os pontos chave do processo; e
- ✓ A tecnologia da informação (TI) utilizada.

"Analisar um processo é examinar cada parte, visando conhecer seus objetivos, suas funções, suas atividades, seu fluxo de informações e suas relações com os demais processos existentes" (D'Ascenção, 2001, p. 73).

Assim, na perspectiva desse autor, um levantamento bem-feito seria a base da análise, ou seja, do exame minucioso das partes de um processo, em que são constatados seus problemas e evidenciadas suas causas, que é exatamente o que esta pesquisa pretende realizar, por meio da realização de uma análise descritiva, conforme previamente destacado.

4.4.1 Instrumento Avaliativo

Inicialmente, é imperioso destacar que os instrumentos avaliativos foram utilizados com o intuito de se levantar detalhes importantes acerca de fatores tais como: Avaliação das Redes Sociais das Escolas, Interações Escola-Famílias, Escola-Instituições de Assistência/Segurança, Escola-Saúde, Escola-Comunidade, e Drogas e Redes das Escolas.

Os projetos desenvolvidos pelos cursistas da 5ª edição do curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas exploraram questões relevantes relacionadas à prevenção do uso de drogas, cuja análise posterior permitirá a realização de avaliações qualitativas cujos resultados serão discutidos na seção final deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Diante do exposto, segue abaixo um modelo do roteiro do projeto de prevenção do uso de drogas proposto aos sujeitos da intervenção desta pesquisa:

MODELO DE PROJETO DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS

1. Introdução

1.1 Situação e descrição

O pesquisador observou se a introdução situou o leitor acerca do projeto, seu contexto de elaboração no âmbito do curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, em consonância com a Política Nacional de prevenção do uso de drogas e a rede social escolar (instituições governamentais envolvidas).

Além disso, também foi observado se os projetos descreveram todas as etapas de elaboração, sem olvidar da expectativa dos educadores quanto à sua implementação.

1.2 Contextualização

O autor da pesquisa analisou se os projetos contemplaram aspectos que contextualizaram a escola, seus educandos, a rede social e aspectos relacionados ao uso de álcool e outras drogas.

Nesse tópico foi importante que a necessidade de realização do projeto fosse defendida pelos educadores, evidenciando assim sua justificativa.

2. Aspectos teóricos/ Referencial

2.1 Orientações conceituais

Foi observado se os aspectos teóricos explicitados no projeto de prevenção, desenvolvido pelos educadores, apresentaram orientações conceituais coerentes com as perspectivas do curso e da Política Nacional de prevenção do uso de drogas.

Ademais, o pesquisador avaliou a fundamentação dos projetos de prevenção e se eles ajudaram na compreensão das demandas daquilo que foi proposto pelos desenvolvedores.

2.2 Conteúdo

O pesquisador observou se o conteúdo elaborado neste tópico era relevante, de acordo com os tópicos tratados ao longo do curso de prevenção do uso de drogas.

Outro tópico observado foi se houve aperfeiçoamento dos referenciais teóricos apresentados, conforme orientações prévias do pesquisador tutor.

3. Objetivos

3.1 Coerência

O pesquisador avaliou se os objetivos apresentados nos projetos foram coerentes com as necessidades e demandas levantadas na contextualização da escola.

Além disso, também foi verificado se esses objetivos eram viáveis e se conduziam às ações preventivas propostas pelos educadores.

3.2 Sujeitos da intervenção

Foi analisado se os sujeitos da intervenção dos projetos foram bem definidos e se os objetivos apresentados estavam ajustados aos mesmos.

3.3 Conteúdo

O pesquisador observou se o conteúdo elaborado nesse tópico continha aspectos relevantes. Também houve preocupação em avaliar se os educadores implementaram os objetivos definidos.

4. Metodologia

4.1 Eixos de ação

O pesquisador avaliou se o projeto explicitou um ou mais eixos de ação propostos ao longo do curso de prevenção do uso de drogas, e se as ações propostas evidenciaram coerência com aqueles eixos.

4.2 Direcionamento das ações

Foi avaliado pelo pesquisador se as ações decorreram dos objetivos específicos propostos e se estas estavam direcionadas à promoção de ações consistentes de promoção da saúde e educação integral.

4.3 Cronograma e recursos adicionais

O pesquisador verificou se os projetos apresentaram cronograma e recursos necessários para a sua execução.

5. Referências

5.1 Conformidade com a ABNT

O pesquisador avaliou se os autores, textos ou sites consultados foram citados neste tópico e se estavam em conformidade com o estabelecido pela ABNT.

* É importante observar que neste tópico foram consideradas a adequação dos referenciais ao projeto e à proposta do curso de prevenção do uso de drogas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, observa-se que, a título de preservação do sigilo das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) pesquisadas, o pesquisador atribuiu representações alfabéticas para identificá-las. Assim sendo, nesta seção tais instituições de ensino serão identificadas com letras que vão de “A” a “J”.

Ao final do curso de prevenção do uso de drogas, os projetos de prevenção foram recebidos, via e-mail e plataforma *moodle*, pelo pesquisador e, em seguida, analisados, considerando sobretudo os aspectos ligados aos conteúdos, conforme critérios definidos na Metodologia.

5.1 Escola “A”

A EMEF “A” está inserida em um bairro periférico que apresenta acentuados problemas sociais e econômicos - desde a ausência de infraestrutura (água encanada, esgoto, iluminação de ruas, pavimentação) até a debilidade ou ausência de serviços públicos - transporte deficiente, inexistência de bibliotecas, poucos espaços livres onde podem ser desenvolvidas atividades esportivas e culturais.

A escola, primeira da rede municipal de ensino a ser construída na região e, portanto, referência para todo o bairro, atende a um número aproximado de mil e seiscentos alunos, distribuídos em três turnos diários. Inaugurada em 1970, seu edifício, circundado por casas pequenas e simples de operários e fruto da autoconstrução, causava impacto e atraía uma população carente de todos os demais serviços públicos, diante sobretudo da ausência de serviços de saúde, segurança pública, bibliotecas, agências de correio, etc.

De acordo com os professores, o bairro onde se situa a escola é um bairro dormitório densamente povoado, fato que faz com que os equipamentos e os serviços públicos sejam insuficientes para atender à atual

demanda. Como o número de escolas multiplicou-se significativamente na região, atualmente alguns serviços já são oferecidos – a exemplo de posto da Associação Amigos do Autista (AMA), Pronto-Socorro, Distrito Policial e agência de correio. Ainda conforme o ponto de vista dos educadores, mesmo após trinta e quatro anos, ainda permanece a grande falha na oferta de equipamentos públicos para a prática de atividades culturais e esportivas. Por outro lado, uma larga faixa de crianças e jovens não possui opções ocupacionais, o que justifica a omissão do estado com relação a tal quesito.

Ademais, o bairro conta ainda com um tímido comércio varejista e incipientes empresas prestadoras de serviços, abrigando o comércio informal em larga escala, com constante presença de vendedores ambulantes pelas praças e ruas. Também impressiona o número de bares disseminados pela região, situação que coloca adolescentes e crianças em cotidiano contato com a droga lícita mais consumida na região - o álcool.

Os professores desta escola relataram que é grande o número de familiares que fazem uso de bebidas alcoólicas. Assim, diante dessa realidade local, os adolescentes passam a consumir tais substâncias entorpecentes sem repreensão e como autoafirmação perante seu grupo de amigos.

Na opinião dos professores, a estrutura familiar dos alunos da escola “A” apresenta um equilíbrio bastante frágil, caracterizada pela ausência da figura paterna como referência aos estudantes. Além disso, parte considerável da comunidade atendida pela escola é educada pelos avós, que dispõem de poucos recursos para sustento da família. Os pais que trabalham durante o dia são obrigados, diante da falta de opções de lazer, a deixarem seus filhos sozinhos em casa, muitas vezes ociosos ou cuidando dos irmãos menores.

Os educadores ainda relataram registros de alunos que sofreram violência física por parte de pais alcoolizados, tendo muitas vezes - juntamente com os irmãos e a mãe - que deixar a casa onde moravam às pressas em busca de proteção.

Outro relato importante foi o de que, em ocasiões festivas na escola, foi observado que alguns alunos tentaram introduzir bebidas alcoólicas no interior de garrafas de refrigerante, fato que levou a direção da escola a proibir a entrada das mesmas no recinto. Os professores da escola A se

surpreenderam porque tal artifício também foi utilizado por estudantes adultos, frequentadores do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Além disso, foi observado pelos cursistas que jovens e crianças, quando ociosos, perambulavam pelas ruas, tornando-se vulneráveis a situações de risco, já que muitos deles frequentam como única opção de lazer um parque local que, durante a semana e em determinados horários, oferece situações de risco aos adolescentes, tais como cooptação para a prostituição e apologia ao uso de drogas.

Foi também destacado que alguns alunos apresentavam um forte elo com a instituição escolar, justificado pelo fato de muitas gerações a encararem como uma escola de referência no bairro - pais, tios, primos e vários familiares dos atuais alunos frequentam ou já frequentaram o ambiente da escola.

Os professores relataram ainda que as quadras esportivas eram franqueadas ao uso da comunidade nos finais de semana, sendo que, mais recentemente, um parque infantil foi construído na escola, atendendo a uma faixa etária que ficava inteiramente desassistida. Foi observado que, nessas ocasiões, pais e filhos frequentavam o ambiente escolar, atitude que concorria para que os laços entre escola e comunidade fossem estreitados.

Frisou-se que a proposta pedagógica da escola se alicerçava em um projeto intitulado Ler e Escrever, onde a literatura proporciona o mergulho em realidades alheias, por vezes estranhas, por vezes surpreendentemente semelhantes, e nos sensibiliza para compreendermos a nós próprios e àqueles com os quais nos relacionamos.

Além disso, as atividades extracurriculares desenvolvidas na escola, especialmente culturais – tais como visitas a museus, excursões a teatros, parques e cinemas - além de resgatar a autoestima, estimulavam pedagogicamente os alunos, auxiliando os que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

Justificou-se que, a partir dessas atividades, a equipe docente objetivava garimpar textos que poderiam se adequar às diferentes faixas etárias dos alunos e que, ao mesmo tempo em que ampliassem a compreensão da língua portuguesa, trazendo informações sobre o uso de drogas e as consequências nefastas de seu uso. Entretanto, a meta mais audaciosa apresentada foi a de sensibilização para que o aluno pudesse

enxergar diferentemente seus familiares alcoólatras, identificando eventuais riscos nas tentativas de sedução por traficantes e a aprendendo a averiguar perigos e a se resguardarem dos mesmos.

Esclareceu-se que a sensibilização para o tema seria ampliada à medida em que os trabalhos desenvolvidos pelos alunos fossem exibidos para a comunidade, que, de acordo com os professores, frequentam regularmente as reuniões cívicas e festivas proporcionadas pela escola. Assim, acerca da temática seriam apresentadas pequenas peças teatrais, com cenários produzidos pelos alunos e documentários, por meio do software computacional *movie maker*®, no ambiente da sala de Informática da escola.

Foi ainda observado que consta, no calendário escolar, um festival musical, onde composições próprias dos alunos seriam apresentadas à comunidade, já que muitos alunos se dedicam ao estudo de música, atividade muito valorizada por agregações religiosas locais.

Acrescentou-se que, além da abordagem e conhecimento disseminados por meio da literatura também seriam produzidos textos poéticos, ilustrados através de mosaicos, que seriam distribuídos nas dependências da escola.

Para enriquecer mais o trabalho, estudou-se a elaboração e criação do *Jornal da Escola*, com publicação trimestral (Figura 1, p.40), com objetivo de informar e integrar a comunidade, valorizando a rede de proteção social. Além disso, cada disciplina procuraria tratar do assunto “prevenção” dentro de seu escopo de atuação.

A disciplina de Língua Inglesa abordaria o tema por meio do estudo de letras de canções e da análise de grafites (Figura 2, p.41), que seriam redesenhados pelos alunos, recebendo títulos e rápidos comentários em inglês.

Em História, as drogas seriam tema constante, pulverizado ao longo do conteúdo disciplinar, a fim de se evitar uma exposição cansativa do assunto. Ocorrências atuais - tais como o tráfico de drogas na Bolívia e sua conexão com o Brasil, a violência nas grandes cidades brasileiras, e a preocupação que as Olimpíadas no Rio de Janeiro provoca - seriam relacionadas com momentos onde as drogas foram tema recorrente - como a Guerra do Ópio, o consumo e a atitude de protesto nos anos setenta e os rituais de transe indígenas.

Outra sugestão dos professores foi de representar o espraiamento do consumo de drogas e seus malefícios por meio de mapas, indicando áreas produtoras e consumidoras e o tráfico mundial. Assim, confeccionariam gráficos para a demonstração do aumento ou redução do consumo de drogas - com consultas à internet para a confecção de cartazes demonstrativos dos resultados positivos ou negativos da lei antitabagista, implantada recentemente na cidade de São Paulo, sem prejuízo da legislação nacional, que aplica punições rigorosas aos condutores de veículos alcoolizados.

Esclareceu-se que a relação direta entre saúde e consumo de drogas lícitas ou ilícitas seria abordada mais acentuadamente nas disciplinas de Ciências e Educação Física, por meio de comentários e observações durante o desempenho das atividades cotidianas, além de palestras proferidas por profissionais convidados pelos professores.

O conhecimento adquirido individualmente, alicerçado na criatividade e na necessidade de interação com os pares, deverá frutificar na realização de oficinas culturais onde, além de contar com o auxílio de voluntários - dentre os diversos profissionais existentes na comunidade e na escola - os principais protagonistas seriam os próprios alunos, cuja linguagem e apelo repercutem muito mais entre crianças e jovens. Dessa forma, pretender-se-á o despertar nos jovens da percepção de que eles constituem peças fundamentais para o encaminhamento de ações e para o direcionamento da orquestração social, sendo responsáveis por si e por seu grupo de amigos e familiares.

OBJETIVOS

Diante da realidade aflitiva experimentada por muitos alunos da escola "A", além da possibilidade de serem transformados em alvo de pessoas mal-intencionadas, pretendemos, ao longo de nosso projeto, retirar os alunos das situações de risco, oferecendo-lhes uma rede social de proteção. O papel destinado à escola é de grande responsabilidade, pois é no âmbito do meio escolar que as contradições e antagonismos podem aflorar e, de acordo com o preparo e a intervenção dos agentes, podem ser vislumbrados interesses sociais que atendam a uma maior parcela da população, permitindo a

manifestação de diversos segmentos sociais. A escola deve servir como um espaço de participação, prática e idealização, constituindo referência atrativa e prazerosa para a comunidade escolar.

Na concepção dos professores da escola “A”, a meta de resgate da autoestima através do estímulo por meio do prazer nas atividades desenvolvidas e do reconhecimento da importância de sua ação para a melhoria das condições de vida de todos os que vivem no entorno imprimiria maior confiança e incrementaria a iniciativa dos alunos, envolvendo-os em uma rede protetora social da qual seriam, ao mesmo tempo, beneficiários e membros integrantes.

Seguem abaixo outras metas pretendidas pelos educadores com a realização deste projeto:

- Estimular a melhoria da qualidade de vida de nossos alunos e familiares através da promoção da saúde física e mental;
- Intervir junto à comunidade com ações educativas em saúde como forma de reduzir os danos sociais;
- Promover parceria com instituições formadoras de recursos humanos em saúde e áreas afins para a capacitação e treinamento dos professores e funcionários da escola, com uma perspectiva mais realista e isenta de preconceitos, afim de perceberem que não existe escola sem drogas.

METODOLOGIA

De acordo com os professores da escola “A”, as apresentações dos trabalhos produzidos pelos alunos ocorreriam nos dias das reuniões de pais (quatro reuniões ao ano, uma a cada bimestre), para que os familiares se inteirassem e participassem das produções dos alunos. Os documentários, peças teatrais, cartazes contendo gráficos, poesias, mapas e ilustrações, teriam horários pré-determinados para serem exibidos, visando garantir um maior número de espectadores. Pequenos cartazes seriam colocados pelos alunos junto às pequenas casas comerciais que existem em abundância pelo

bairro, convidando alunos e ex-alunos (os pais de hoje) para as palestras e exposições.

As atividades de desenvolvimento dos trabalhos seriam realizadas durante as aulas e poderíamos contar, além das dependências escolares já citadas, com um espaço coberto que ladeia o prédio anexo, cuja utilização poderia ocorrer concomitantemente ao desenrolar das aulas nos diversos períodos. Dessa forma, os alunos poderiam produzir trabalhos ou até mesmo realizar ensaios e outras atividades em horários diversificados, ampliando a sua permanência na escola.

Foi citado que a escola "A" contava com importantes recursos, tais como a sala de Informática, sala de Leitura, aparelhos de projeção, filmadora, máquinas fotográficas e produtos consumíveis, a exemplo de papéis, tintas, fitas adesivas. Além disso, sugeriu-se que a escola poderia se tornar um centro de divulgação das atividades programadas para acontecer no bairro, espalhando cartazes informativos que poderiam ser confeccionados pelos próprios alunos.

Para o desenvolvimento das oficinas, os professores contaram com uma rede já existente de instituições que ofereciam cursos e atividades esportivas no bairro. No clube da Caixa Econômica Federal ocorriam torneios esportivos e atividades musicais, tais como o coral, eventos esses abertos para apreciação dos moradores do bairro; uma instituição particular de ensino oferecia cursos gratuitos de língua árabe; os jovens podiam frequentar, sem restrições de uso, uma quadra esportiva existente ao lado do 43º Distrito Policial; uma Escola Estadual existente nas proximidades realizava o projeto Escola da Família, onde diversas atividades eram oferecidas aos moradores; em um Centro Educacional e Assistencial eram ofertados cursos gratuitos de Eletricidade Residencial e Informática; e em uma igreja católica eram desenvolvidos encontros de jovens, onde aulas de artesanato eram ministradas; o Centro de Atenção Psicossocial de Usuários de Substâncias (Caps) oferecia tratamento, com orientação de psicólogos e médicos; o Alcoólicos Anônimos (AA), localizado na igreja matriz do bairro, além de um Centro Espírita e da sociedade Amigos Unidos do Bairro, ofereciam diversos cursos e atendimento social à comunidade carente.

Ainda na concepção dos professores da escola "A", a maior parte da comunidade escolar era formada por famílias numerosas, muitas delas com

figura paterna ausente, contando-se apenas com a mãe e um irmão. Assim, multiplicando-se o número de alunos por três, teríamos então um público-alvo de, aproximadamente, 4800. Além do habitual comparecimento da população aos eventos desenvolvidos pela escola, um pequeno informativo sobre os trabalhos autorais realizados seria levado pelos educandos para suas casas.

Cronograma



Figura 1. Cronograma de execução do Projeto de Prevenção do uso de drogas da Escola "A".

Para os professores da escola “A”, a rede municipal de ensino de São Paulo conta com uma verba que é aplicada na obtenção de materiais consumíveis - papéis, canetas, tintas, CDs para gravação, fitas adesivas - e com um grupo de professores, cujos salários já estão previstos no orçamento. Os custos serão, portanto, indiretos, já que as palestras deverão ser proferidas por profissionais que atuarão voluntariamente.

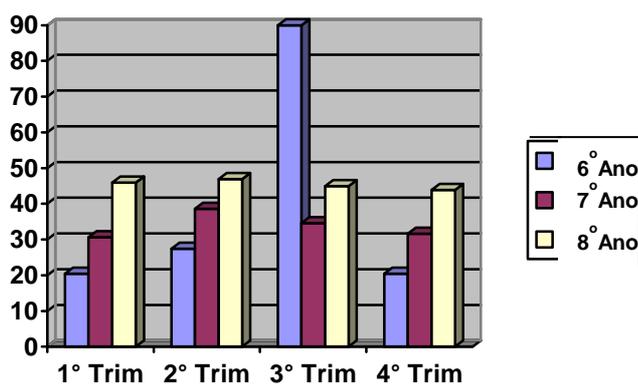


Figura 2. Estudo de letras de canções e grafites

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Máquina fotográfica, microfone, DVD (filmes), materiais de papelaria, materiais impressos e Xerox, computador, data show, telão.

RECURSOS HUMANOS:

- Psicólogos, médicos, psiquiatras, assistentes sociais, membros da APM (Associação de Pais e Mestres) e do Conselho Tutelar, palestrantes, familiares dos alunos, professores, outros funcionários da escola e alunos.

ATIVIDADES:

- Pesquisa, relatórios, confecção de murais contendo informações sobre os diversos tipos de drogas lícitas e ilícitas e seus efeitos

colaterais, palestras com profissionais, criação e apresentação de peças teatrais, elaboração e confecção de jornal, filmes que abordem os temas em questão; oficinas de criação de poesia, atividades com música; confecção de cartazes e divulgação de atividades culturais nas instituições do bairro.

* É interessante destacar que os educadores-cursistas esclareceram que não trabalhariam com depoimentos de ex-usuários de drogas em seus projetos, para que o adolescente não tivesse a visão equivocada de que pode consumir e largar o vício das drogas quando o quiser.

5.2 Escola “B”

Na EMEF “B” estavam matriculados no Ensino Fundamental I - período vespertino - quatrocentos e vinte alunos; já o Ensino Fundamental II - período matutino – comportava quatrocentos e vinte quatro discentes, tendo, portanto, a escola um total de oitocentos e quarenta e quatro estudantes. A faixa etária predominante estava distribuída entre os dez a treze anos, embora ocorram alguns casos de alunos matriculados fora de sua idade/série.

O perfil dos alunos matriculados era, em sua maioria, o de descendentes de progenitores das regiões Norte e Nordeste, cujos avós e pais vieram a São Paulo, a procura de maior qualidade de vida. Com relação ao tamanho das famílias, a maioria era formada por grupos de 3 a 5 pessoas, seguidas por famílias mais numerosas, contendo de 6 a 8 pessoas e, nos outros casos, seriam de famílias compostas por mais de 9 pessoas. É importante destacar que, em uma mesma casa ou barraco moravam duas ou mais famílias, além dos agregados.

O rendimento dos alunos por várias questões é abaixo do índice apontado pelas diversas avaliações externas e internas, muitos apresentam vocabulário rudimentar, tendo assim, muita dificuldade para expressarem suas opiniões.

Apesar das dificuldades elencadas, podemos perceber que os alunos

identificam o espaço escolar como o seu local de convívio social.

Conforme relatos dos professores da escola “B”, os alunos atendidos por esta unidade escolar, bem como suas famílias, encontravam-se em situação de grande vulnerabilidade social, relacionada sobretudo às áreas cultural, econômica, social, de saúde, social, econômica e cultural. Acrescentou-se que a realidade que permeava a comunidade na qual a escola estava inserida encontrava-se saturada de violência urbana, de miséria e do tráfico de entorpecentes.

Fazia-se necessário, portanto, uma educação preventiva e a conscientização geral: de alunos, pais professores, enfim, de toda a comunidade, acerca dos efeitos e consequências maléficas causadas por essas substâncias nocivas à vida humana, nos aspectos físico, psíquico e social.

Conhecendo o educando e identificando a rede social da escola

O uso de drogas é um fenômeno sociocultural complexo, o que significa dizer que sua presença em nossa sociedade e especialmente em nossa escola não é simples.

Na unidade escolar dos professores da escola “B” existem matriculados no Ensino Fundamental I, no período vespertino, quatrocentos e vinte alunos e no Ensino Fundamental II, no período matutino, quatrocentos e vinte quatro, temos assim um total de oitocentos e quarenta e quatro alunos. A faixa etária predominante está entre os dez/ treze anos, embora ocorram alguns casos de alunos fora de sua idade/série.

Os alunos matriculados na escola “B” são, em sua maioria, descendentes de progenitores das regiões Norte e Nordeste, cujos pais e avós vieram a São Paulo em busca de melhor qualidade de vida. Com relação ao tamanho das famílias, a maioria delas estava reunida em grupos de 3 a 5 pessoas, seguidas por famílias mais numerosas de 6 a 8 pessoas e, em alguns casos, famílias compostas por mais de 9 pessoas. É importante destacar que em uma mesma habitação moram duas ou mais famílias, além dos agregados.

O rendimento dos alunos, por várias questões, estava abaixo do índice

apontado pelas diversas avaliações externas e internas. Além disso, muitos apresentam vocabulário precário, e, portanto, grande dificuldade para expressar suas opiniões.

Apesar das dificuldades elencadas pelos professores, contudo, afirmaram que puderam perceber que os alunos identificam o espaço escolar como o seu local de convívio social.

Os alunos atendidos pela escola “B”, bem como suas famílias, encontram-se em situação de grande vulnerabilidade, relacionada às áreas de cultural, econômica, social, emocional e de saúde. É muito importante observar que o uso de drogas está associado a um número muito grande de problemas, principalmente violência, acidentes e AIDS (SENAD, 2010), de maneira que a realidade que permeia a comunidade na qual a escola está inserida encontra-se saturada da violência urbana, da miséria e do tráfico de entorpecentes.

Diante do exposto pelos professores, faz-se necessário uma educação preventiva e a conscientização de alunos, pais, professores e da comunidade em geral acerca dos efeitos e consequências maléficas causadas por essas substâncias à vida humana em todos os seus aspectos físico, psíquico e social.

Contextualizando a escola: o uso de drogas e fatores de risco e proteção do contexto escolar

Na concepção dos professores, as parcerias que existiam na escola “B”, tais como direção, educadores, APM, funcionários, alunos, Conselho Tutelar e projeto Proerd (Programa de Resistência às Drogas da Polícia Militar) - realizado pela Polícia Militar do Estado de São Paulo para o 4º ano do Ensino Fundamental I - já se encontravam diretamente vinculadas à unidade escolar. Ademais, sabia-se, por meio de relatos e dos raros incidentes ocorridos dentro da escola, que as drogas mais consumidas pela comunidade e pelos alunos são álcool, tabaco e maconha (*Cannabis sativa*).

Portanto, para os educadores, o maior desafio do projeto realizado era a luta pela valorização da vida e da saúde pessoal e coletiva, como bem social a serviço da construção de uma sociedade com melhor qualidade de

vida.

Justificativa

Para os professores desta escola, o projeto realizado em sua escola evidenciou que o usuário de drogas é vítima de si próprio. Assim, primeiramente ele sofre as consequências de sua própria ação, vitimando, em seguida, sua família. Portanto, estão identificadas as vítimas do uso abusivo de substâncias que provocam dependência física ou psíquica. (KOSOVSKI, 1998, p.17).

Os educadores concordam com o papel fundamental da Escola na sociedade, cuja importância tem aumentado cada vez mais nas últimas décadas, diante da ampliação das possibilidades de melhorias que o espaço escolar tem proporcionado em nossa sociedade.

Diante desta visão pautada em princípios humanistas, de respeito ao próximo, de valorização da diversidade social e cultural, o projeto apresentado busca o acolhimento como forma de contrapor a discriminação dos alunos e dos familiares, através da criação de estratégias que possam envolver toda a comunidade no enfrentamento coletivo dos problemas relacionados ao consumo de drogas lícitas e ilícitas.

O projeto desenvolvido pelos professores da escola “B”, intitulado “Drogas - Esperto é quem não usa” apresentou uma proposta interessante de desenvolvimento transversal e multidisciplinar, com abordagem integrada entre as disciplinas nos projetos educacionais e nos diferentes departamentos da unidade escolar.

Definindo referenciais teóricos do projeto de prevenção do uso de drogas na escola

Os professores pesquisados afirmaram que o primeiro passo do projeto focaria na renovação de suas práticas, ideais, sentimentos, pensamentos, posturas, valores e finalidades, propondo, para tanto, a transformação da realidade, a partir da renovação. Com o projeto

apresentado, propuseram a transformação de sua realidade por meio do incentivo à pesquisa, promovendo ações, reflexões, práticas de inclusão, leitura crítica como garantias do desenvolvimento da autoestima positiva de todos os indivíduos empenhados na realização do mesmo.

De acordo com os professores da escola, ao se pensar sobre prevenção, amplia-se também o olhar de acionamento e valorização da ação das redes sociais. A identificação e o fortalecimento dessas redes atuarão como ponto de apoio tanto para nós profissionais, como para os nossos alunos que estão envolvidos com as drogas de forma direta ou indireta. Estabeleceremos ou resgataremos vínculos saudáveis e a criação de um novo espaço de ação conjunta, cujo foco voltava-se à educação e à saúde, ressaltando aspectos como a valorização da vida e a participação da comunidade.

Ainda na opinião do corpo docente da escola, ao se contemplar a prática educativa visando fatores ligados ao ensino, à ecologia, a hábitos alimentares saudáveis, às relações interpessoais, ao incentivo do desenvolvimento social, almeja-se a busca da construção de um ambiente atrativo e estimulante, capaz de proporcionar a expansão da mente, o estímulo à criatividade e a possibilidade de novas sensações prazerosas, diminuindo o espaço para sentimentos de tédio, exclusão e desmotivação.

Objetivos

Objetivos gerais

- Promover um amplo trabalho de educação para prevenir e reduzir os problemas decorrentes do uso e comercialização de álcool, fumo e entorpecentes em nossa comunidade;
- Ajudar a formar cidadãos críticos, atuantes, responsáveis e conscientes de seus direitos e deveres para que possam buscar uma melhor qualidade de vida;
- Integrar as atividades com todas as disciplinas da escola, pois por ser um tema que aborda um problema social possibilita pontos em todas as áreas do currículo.

Objetivos Específicos

- Sensibilizar os professores para a abordagem da questão;
- Facilitar às famílias a conversação com as crianças e com os jovens;
- Desenvolver a espontaneidade e a autoestima dos alunos para facilitar a comunicação com os pais, não só de modo geral, mas em especial sobre a questão das drogas;
- Inserir temas sobre álcool e outras drogas em disciplinas curriculares de forma integrada por meio de didática e metodologia inclusiva, que visem à aproximação e o envolvimento;
- Propiciar meios que levem os alunos a descobrirem seus talentos e habilidades, fortalecendo a autoestima (através de dinâmicas, apresentações, etc.);
- Sensibilizar as famílias para a necessidade da integração com a escola e do diálogo com o jovem;
- Proporcionar a união entre família x escola x jovem a fim de permitir um ambiente de esclarecimento sobre ações educativas de prevenção do uso de álcool e outras drogas;
- Buscar parcerias com a Secretaria Municipal de Saúde e Secretaria Municipal de Educação para promoção de palestras informativas;
- Desenvolver, junto ao Proerd, um projeto que amplie as turmas por série/ano atendidas pelo programa;
- Buscar parceria com Conselho Tutelar para maior apoio, orientação e palestras.

Definindo a metodologia e as ações preventivas

O projeto “Drogas - Esperto é quem não usa” seria desenvolvido por todas as pessoas envolvidas com o Ensino Fundamental II, tendo início no segundo semestre de 2013 e fim programado para dezembro de 2014, com ações a serem desenvolvidas durante todo o período letivo, em diferentes momentos das aulas e atividades extraclases.

Diante do exposto, foram previstos oito passos bem detalhados para que todas as pessoas envolvidas no projeto saibam exatamente como e

quando contribuir. O primeiro desses passos seria a elaboração e reprodução do projeto para ser encaminhado a cada um dos parceiros envolvidos para, caso necessário, realizar algum ajuste. O segundo, entrar em contato com todos os possíveis parceiros, por meio de protocolo na entidade ou órgão visitado de uma cópia do projeto, para garantir que cada um dos envolvidos possa conhecer todos os detalhes.

O terceiro e quarto passos ocorreriam simultaneamente, uma vez que apresentam objetivos semelhantes, qual seja a sensibilização do público envolvido. A diferença entre essas duas etapas repousaria no local e na distinção dos dois públicos, pois o primeiro (gestores, professores e funcionários) estão presentes na Escola todos os dias, e o segundo grupo (comunidade em geral) vem à Escola regularmente, principalmente nas reuniões de pais, além de eventos especiais ao longo do ano. Dessa forma, seriam elaborados convites apresentando o Projeto para cada um dos funcionários da Escola e para os alunos e familiares. Além disso, nas reuniões dos “Conselhos de Classe” seriam repassadas informações sobre o projeto a ser executado na Escola.

A quinta etapa seria executada por funcionários convidados das entidades parceiras, por meio da apresentação de variadas palestras na Escola, todas versando sobre a temática “educação antidrogas” e “vida saudável”. Nesse período, era esperado que a comunidade do entorno da Escola também participasse das palestras. Nessa etapa haveria participação de diversos profissionais e técnicos, que seriam responsáveis pela apresentação dos seguintes tópicos: (1) o papel do Conselho Municipal de Políticas Antidrogas; (2) as ações da Secretaria Municipal de Trânsito e Segurança e da Polícia Militar no combate à violência e prevenção de embriagues ao volante; (3) as ações do Conselho Tutelar no apoio às famílias com problemas por causa de alcoolismo e drogas; (4) a atuação dos profissionais de Saúde no tratamento de pessoas viciadas; (5) as ações dos órgãos federais, estaduais e municipais de assistência social e no controle do comércio de bebidas, fumo e medicamentos. Tudo isso fará com que alunos, funcionários da Escola e a comunidade em geral conheçam melhor o que tem sido feito pela prevenção e combate dos problemas relacionados ao uso de bebidas, fumo e entorpecentes em nossa cidade e região, o que possibilitará que os mesmos possam colaborar mais para a melhoria dessas ações e

projetos.

É importante ainda destacar que caberia a cada professor trabalhar antecipadamente cada um dos temas agendados para as palestras, por meio de atividades em classe, de acordo com os seguintes exemplos: (1) leitura de textos de jornais e revistas para a sensibilização; (2) debates e discussões; (3) pesquisas na biblioteca e na internet; e (4) mostra de vídeos.

A palestra seria seguida de discussão em classe. Posteriormente, todos seriam convidados a escrever um parágrafo analisando os pontos positivos e negativos do evento. Sugeriu-se que tal atividade fosse anônima, de maneira que os alunos não se identificassem, trocando críticas entre si. Assim, eles poderiam realizar a leitura de suas opiniões acerca do evento livremente, sem medo ou vergonha de ter sua identidade revelada. Nos trabalhos que antecedem as palestras, bem como nas atividades seguintes, o professor deveria incentivar o pensamento crítico com relação ao assunto discutido. Ressalta-se que muitos adolescentes só vão ser sinceros se houver estímulo e a sensação de que eles serão aceitos mesmo se tiverem opiniões diferentes (SENAD, 2010).

O quinto e sexto passos ocorreriam concomitantemente, já que ambos estariam relacionados. Durante essas etapas, que ocorreriam quando os palestrantes convidados viessem à Escola para trazer informações e ideias, a ideia dos professores da escola “B” era aproveitar tais momentos para realizar o planejamento e a execução de outras ações e atividades previstas no projeto. As atividades complementares propostas, que contariam com acompanhamento dos convidados seriam: (1) preparação de uma peça de teatro com temática “educação antidrogas”; (2) organização de um concurso de desenhos, com exposição e premiação dos melhores trabalhos; (3) concurso de poesias, redações e músicas com a temática “vida saudável sem drogas”, com a culminância de uma apresentação dos melhores trabalhos; (4) concurso para eleição da “miss da vida saudável” e o “galã da consciência limpa”; e (5) criação de um “Acordo de Convivência na Escola”.

A sétima etapa trataria da divulgação dos resultados, que ocorreria ao final do ano letivo de 2014, com a confecção de boletim informativo e produção de cartazes elaborados pelos alunos. Em seguida, todo o material produzido seria oportunamente distribuído aos parceiros, por meio dos veículos de comunicação de massa e impressos, permitindo que cada aluno

e/ou funcionário da escola possam adquirir um exemplar. O desafio seria garantir que os professores e a equipe administrativa se envolvessem no projeto, incentivando também a comunidade (pais e responsáveis pelos alunos) a participarem mais ativamente do dia a dia da escola, por meio de reuniões e apresentações dos alunos durante os eventos.

O oitavo e último passo seria a avaliação do projeto, que será detalhado em tópico exclusivo logo adiante.

Propostas de conteúdos e atividades

A) Língua Portuguesa

- Leitura de textos sobre violência no trânsito e álcool;
- Elaboração de redações e poesias com essa temática;
- Debates e apresentação de vídeos.

B) Matemática

- Organizar gráficos com números de acidentes de trânsito e consumo de álcool;
- Organizar tabelas com dados de ocorrências policiais nos dias de festas e feriados.

C) Inglês

- Tradução de textos com a temática “educação antidrogas”;
- Traduzir e comparar letras de músicas que falam de problemas sobre drogas;
- Propor aos alunos que pesquisem artistas e músicos de língua inglesa que tiveram problemas com abuso de remédios, álcool e drogas.

D) Ciências

- Poluição do ar;
- Componentes do cigarro;
- Processo de destilação e fermentação de bebidas;
- Verificar o teor alcoólico de soluções (perfume, vinagre, vinho etc.).
- Produção de remédios;

- Males do consumo excessivo de remédios;
- Males do consumo de drogas;
- Risco do consumo de álcool e cigarro durante a gravidez.

E) História

- História da produção de medicamentos;
- Males das drogas na história da humanidade;
- Drogas nas civilizações antigas (gregos, romanos, babilônios, egípcios etc.);
- Drogas em rituais mágicos nas comunidades indígenas;
- Origem do Carnaval e demais festas nacionais e estaduais.

F) Geografia

- Origem das drogas no mundo e no Brasil;
- Tráfico Internacional de drogas;
- Patentes de medicamentos e biopirataria;
- Visão das religiões e o consumo de álcool e fumo.

G) Educação Física

- Doping nos esportes nacionais e internacionais;
- Prejuízos do uso de anabolizantes.

H) Artes

- Desenhos com a temática “educação antidrogas” e vida saudável;
- Compor músicas, no estilo “hip hop” ou “repente nordestino”.

Recursos físicos e materiais

Sala dos professores, salas de aula, quadra esportiva, pátio, sala de Informática, sala de leitura, laboratório de Biologia, sala de Artes, sala de Teatro, sala de vídeo, câmeras fotográficas, microfone, aparelho de DVD, DVDs, CDs, impressora, tinta para impressora, papel sulfite e diversos, cola, tesoura, fita crepe, canetas, lápis, lápis de cor, pinceis (tipo hidrocor), régua, data show, etc.

Recursos humanos

Professores, corpo gestor e demais funcionários da escola, alunos, familiares de alunos, psicólogos, médicos, membros da PM e da Guarda Civil Municipal (GCM), membros do Conselho Tutelar, ex-usuários de drogas, familiares dos alunos, advogados, etc.

Cronograma

- Agosto de 2013 a dezembro de 2014.

* As ações serão contínuas durante todo o ano letivo e deverão ser repetidas a cada ano, sendo aprimoradas sempre que se fizer necessário.

Avaliação das ações desenvolvidas

Os professores da escola “B” destacaram que o projeto seria avaliado durante todas as fases apresentadas no item anterior, desde seu início – por meio do contato e sensibilização dos parceiros - até a execução propriamente dita, que inicialmente ocorrerá dentro da escola, esperando-se que alcance outros locais da comunidade, sobretudo o ambiente familiar dos alunos e funcionários da Escola.

Na fase de implantação haveria verificação da aceitação do projeto pelo público-alvo. Quanto às demais metas, ressaltou-se que seriam observadas de forma continuada, verificando-se, após a execução, o cumprimento dos objetivos propostos.

Os alunos seriam avaliados ao longo do projeto, por meio da observação do interesse, da realização e acompanhamento da participação em atividades orais, escritas e práticas. Os conteúdos explorados também seriam analisados pelos trabalhos e atividades aplicadas em sala de aula.

5.3 Escola “C”

Fundada em 1959, a EMEF “C” chegou a ocupar galpões de madeira, quando das instalações iniciais. Apenas em 1967, com a inauguração do prédio de alvenaria, passou a ocupar outro endereço, alterando também seu nome, época em que finalmente recebeu a denominação de Escola Municipal de Ensino Fundamental.

No ano de 2013 a escola tinha 780 alunos matriculados, sendo, ao todo: 12 salas de ciclo I¹, agrupando 45% dos alunos; além de 15 salas de ciclo II, com 55% dos alunos. De acordo com o sexo, a escola apresentava 55% de meninos e 45% de meninas no ciclo I; e 48% de meninos e 52% de meninas no ciclo II. Foi observado que a maior parte desses alunos estuda na Escola desde o 1º ano, existindo um vínculo afetivo e de respeito por ela. Talvez por esse motivo, os professores da escola “C” relataram ter poucos problemas considerados críticos, os quais, quando ocorrem, são pontuais e de imediatos diagnóstico e direcionamento.

* Ciclo I – refere-se ao ensino fundamental do primeiro ao quinto ano e Ciclo II refere-se ao ensino fundamental do sexto ao nono ano.

Os professores da escola relataram que a comunidade local é constituída por classes sociais heterogêneas, tendo desde filhos de advogados, médicos e empresários a moradores mais carentes, o que evidencia a disparidade na qualidade de vida e no poder aquisitivo dos alunos.

Foi também informado que a grande maioria dos alunos residia nas proximidades, contudo alguns migraram de bairros mais distantes, pois as famílias faziam questão que seus filhos nela estudassem, justificado pela existência de uma história de respeito e parceria com a comunidade, responsável por uma propaganda do tipo ‘boca a boca’, divulgando o orgulho de seus filhos estudarem naquela escola.

Com relação à dinâmica e às ações apresentadas pela escola observou-se preocupação dos educadores em proporcionar aos alunos uma

participação significativa em concursos externos de conhecimento (olimpíadas, etc.), criatividade artística, saídas para teatro, cinema, museus, eventos culturais e campeonatos esportivos. No âmbito interno houve atuação do protagonismo juvenil, representado pelo Grêmio e Clube da Leitura, entidades que articulam as relações do corpo discente com a estrutura escolar, viabilizando eventos como o Show de Talentos e intermediando necessidades, solicitações e desejos do alunado junto ao corpo diretivo da Escola. Com relação à integração e interação com as famílias e comunidade local, foi relatado a realização de festas comemorativas, temáticas, Mostra Cultural, além das reuniões regulares de pais e Conselho Escolar.

No início do ano letivo de 2012 os professores da escola “C” fizeram uma pesquisa sobre os hábitos da família, sua relação com a sustentabilidade (consumo de energia, água, separação de resíduos), o tempo que o aluno dedica à internet e se é monitorado pela família ou não, bem como o tipo de lazer preferido.

A pesquisa supracitada revelou alguns dados relevantes que demonstraram o modo de vida e o perfil dos alunos, por exemplo: 92% são paulistanos, tendo nascido na capital do estado de São Paulo. Contudo, seus pais e avós são das mais variadas regiões do país. Os professores também perceberam que 75% dos alunos residem na casa dos pais; 15% só com a mãe, por falecimento ou abandono do pai; apenas 3% moram com o pai; 2% moram com os avós e 2% moram em abrigos. A maioria de nossos alunos tem computador em casa com acesso à internet (75%), e são pouco controlados pelos responsáveis. A maioria (75%) afirma conversar com os responsáveis sobre os problemas que os afligem, mas o restante não encontra abertura para isso. Nas horas livres, os alunos costumam brincar, jogar vídeo game e navegar na internet. Entre as brincadeiras prediletas está o futebol, a bicicleta e o papo com os amigos.

Os professores acrescentaram que, na escola, o que os alunos mais gostam são: aulas de Educação Física (23%); dos professores (21%); dos amigos (20%); da ala de Leitura (10%); de tudo (10%); das aulas (10%); do recreio (5%); e outros (2%). Por outro lado, o que eles não gostam são: as brigas (28%); o recreio (22%); de ir para a direção (21%); da fila da merenda (13%); de alguns professores (11%); e da lição de casa (5%).

Conforme relato dos professores da escola "C", ao iniciarem o curso sentiram necessidade de identificar melhor o grau de envolvimento de seus jovens alunos com drogas lícitas ou ilícitas. Para tanto, elaboraram um questionário claro e direto sobre o assunto, realizando uma pesquisa por amostragem com 114 alunos com idades entre 12 e 15 anos.

Sobre o consumo de álcool, a pesquisa realizada apontou que apenas 4,6% dos meninos e 3,4% das meninas afirmaram fazer uso frequente dessa substância depressora da atividade mental. Contudo, o que mais os preocupou foi o dado referente ao uso esporádico desse psicotrópico, já que 36,9% dos meninos e 20% das meninas assumiram que consomem álcool em festas e finais de semana, inclusive junto aos familiares e amigos próximos.

Com relação ao uso do tabaco, foi detectada uma surpresa positiva, uma vez que nenhum dos entrevistados citou o uso dessa droga estimulante/depressora da atividade mental.

Quando perguntados se já experimentaram outros tipos de drogas, obteve-se os seguintes resultados: 4,6% dos meninos já experimentaram maconha, 1,5% êxtase, e o mesmo índice assinalou o uso de inalantes; já as meninas experimentaram maconha, com índice de 3,4%.

Ao serem questionados se já foram abordados para experimentarem drogas, as respostas obtidas foram: 26,2% dos meninos e 18,6% das meninas afirmaram que sim. A maconha foi a droga mais ofertada, com 90,9% às meninas e 82,4% para os meninos; o crack teve um percentual de 9,1% para as meninas e 11,8% para os meninos; o êxtase foi oferecido às meninas com o índice de 18,2% e aos meninos 11,8%; inalantes foram as drogas com maior discrepância de oferta: 35,3% para os meninos e 18,2% para as meninas. Finalmente, drogas como cocaína e heroína obtiveram dados de oferta aos meninos com índice de 5,9%.

Com relação ao local de abordagem ficou destacado que os alunos eram abordados com mais frequência nas proximidades de suas residências, com índice de 54,5% para as meninas e 35,2% para os meninos. Para surpresa dos educadores, 23,5% dos meninos e 18,2% das meninas citaram terem sido abordados nas imediações da escola, o que foi considerado por eles uma novidade, pois acreditavam que não corriam tal risco, visto que a

comunidade normalmente procura avisar a escola quando percebe qualquer movimentação suspeita em seus arredores.

Com relação ao que os alunos acreditam ser o motivo da dependência às drogas lícitas ou ilícitas, observou-se que 73,8% dos meninos e 49,2% das meninas acreditam que o uso de entorpecentes se deve ao fato da influência do grupo social. Além disso, 23% dos alunos têm clareza de que os dependentes químicos devem ser tratados como doentes e 15,3% pontuaram que quem faz uso de droga é um “delinquente”.

Os dados revelaram que, como todos os adolescentes, os da escola “C” são vulneráveis às influências do seu grupo. Assim, para serem aceitos pela “tribo” eles são capazes de experimentar e até fazer uso contínuo de drogas como álcool, maconha, inalante, dentre outros.

É importante esclarecer que, muito embora os professores tenham constatado que a oferta de drogas ocorria com maior incidência nos arredores da residência dos alunos, também é deveras importante apresentar a eles as referências positivas da sua comunidade.

Ademais, apesar da equipe escolar acreditar que existe abertura e confiança para os alunos falarem abertamente sobre seus problemas, após o desenvolvimento desta pesquisa, sentiu-se a necessidade de ações mais elaboradas e sistematizadas que representassem um suporte preventivo frente aos assédios supramencionados.

ASPECTOS TEÓRICOS

Os professores da escola “C” destacaram a importância de se fazer o controle de oferta da droga, em um modelo de prevenção tradicional, criminalizando-se o usuário. Nesse modelo, a prevenção seria centrada por posturas de repressão e de amedrontamento. Já na construção de um novo modelo, com enfoque sistêmico, procura-se reduzir a busca pelas drogas, colocando-se limites firmes ao acesso precoce, conscientizando para os problemas de saúde gerados pelo seu consumo, conhecendo a realidade de cada indivíduo, promovendo ações de cooperação entre escola, família e recursos da comunidade na construção da autoconfiança dos jovens.

Em seguida, os educadores destacaram a importância do fortalecimento das redes de proteção, segundo o modelo sistêmico, devendo a promoção da saúde contar com o acesso de todas as pessoas aos serviços existentes na comunidade de ordem institucional, governamental ou não. De acordo com os pesquisados, seria fundamental levar aos indivíduos condições básicas de acesso e obtenção de conhecimentos, costumes e condutas de autoproteção para uma vida saudável, processo onde a garantia dos princípios da universalidade, equidade e integralidade seria fundamental.

Com relação ao atendimento às famílias de usuários de drogas, na opinião dos professores da referida escola seria essencial possibilitar espaços para reflexão acerca das causas que os levaram ao uso dos entorpecentes. Na opinião desses profissionais do ensino, muitas famílias ficam deslocadas e não conseguem vislumbrar uma saída, sentindo-se fracassadas e entrando em crise pessoal. Diante do exposto, seria preciso buscar soluções criativas para resolver tais problemas, estimulando a compreensão pela família da fase por que passa o adolescente, qual seja da conquista de sua autonomia, independência e de pertencimento a um grupo, que induz a uma visão de um sujeito em transformação, capaz de atuar em prol da melhoria das relações familiares e dos demais sistemas.

Os professores acrescentaram que, ao usar a droga, o jovem frequentemente sustenta uma posição de falsa independência. A droga, por sua vez, contraditoriamente, permite ao adolescente estar, ao mesmo tempo, próximo e distante, dentro e fora, ser competente e incompetente em relação à sua família.

Assim, para esses educadores, o conhecimento do jovem no âmbito de suas interações sociais oferta caminhos que facilitam orientações, seja no âmbito da família ou escola, daí a importância de se pensar e compreender a rede social do adolescente, a partir da sua relação de vivência e percepção de mundo, da forma como se percebe e se identifica nesse processo.

OBJETIVO GERAL

A equipe educacional da escola “C” informou que, a partir do resgate da definição constante da introdução, que, de acordo com eles, justificou

esse projeto, o qual fundamentou-se nos dados supramencionados, o objetivo estabelecido pelo grupo foi o de fortalecer a rede de proteção que envolve os alunos matriculados na escola, voltada à prevenção do uso de drogas por meio do envolvimento da escola, família e comunidade externa, com apoio de órgãos tais como: Conselho Tutelar, Centro de Atenção Psicossocial (Caps), ONGs e outras instituições públicas e privadas, de acordo com as necessidades e oportunidades insurgentes ao longo do processo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incluir no PPP escolar os espaços que possibilitem integrar em todas as disciplinas o tema sobre o conhecimento, identificação e consequências do uso de drogas, iniciando a partir do 1º ano do Ciclo II;
- Oferecer palestras para as famílias e alunos, abordando consumo de drogas lícitas e ilícitas, principalmente com foco no consumo do álcool no âmbito doméstico e social.
- Aumentar a confiança e parceria da família na escola, para que participem das ações educativas preventivas do uso dos diferentes tipos de drogas.

METODOLOGIA

A equipe escolar propôs a sensibilização dos professores da escola “C” para este projeto, a partir da sugestão de inclusão do tema no PPP da escola. Tal etapa foi realizada no início de fevereiro de 2013 nas reuniões de organização inicial do planejamento do ano letivo, ocasião quando os docentes deram parecer favorável, afirmando ser necessária a abordagem do tema prevenção do uso de drogas para alunos do Ensino Fundamental, envolvendo os ciclos I e II.

Assim, sugeriu-se a inclusão do tema nos conteúdos pedagógicos dos componentes curriculares que seriam realizados durante todo o ano pelos

professores envolvidos, inclusive contemplando as ações definidas no PPP da escola, onde o item saúde seria tema orientador em diferentes áreas do conhecimento.

Também foram programadas palestras com profissionais de saúde e educação para a comunidade escolar, além de discussões, debates e dinâmicas de grupo com um reduzido número de pais, tendo como foco os desafios do jovem adolescente na sua rede social, destacando temas como autoridade, autoritarismo, dificuldades relacionais, consumo social de álcool na família, parentes ou pessoas próximas envolvidas com drogas.

A proposta do grupo foi elencar os temas em uma ordem crescente e cronológica de complexidade, à medida em que as reuniões fossem tomando forma e mediante a reciprocidade dos participantes, sendo que os educadores seriam os coordenadores desses momentos, ressaltando-se a busca do apoio de outros profissionais através de parcerias.

Para tanto, sugeriu-se o treinamento de alunos multiplicadores, por meio das aulas destinadas à formação e desenvolvimento autônomo do jovem através do protagonismo juvenil, o Grêmio. Seriam quatro aulas semanais, duas delas destinadas à formação dos adolescentes multiplicadores, almejando-se a promoção de mudanças na vida desse jovem e daqueles que o tem como referência, uma vez que, ao se construir um contexto de transformação também somos transformados. Os professores-cursistas destacaram que os alunos do Grêmio constituíam referência direta ao alunado da escola "C".

PARCERIAS

A escola "C" contou com as seguintes parcerias: Universidade Ibirapuera; Universidade de Santo Amaro; ambulatório do Hospital Servidor Público Municipal; setor de Cursos e Palestra do Hospital Pedreira; Unidades Básicas de Saúde locais; Supermercados Extra e Carrefour; Clube Escola da Prefeitura; Conselho Tutelar; e Projeto Proerd, já instalado na escola.

Esclareceu-se que, além dos professores envolvidos neste, participaram do projeto a direção e coordenação pedagógica da escola, todos colaborando com ideias e sugestões pertinentes e esclarecedoras, que, de

acordo com os protagonistas, seriam aplicadas no planejamento das aulas interdisciplinares. Finalmente, também contaram com o apoio de outros funcionários, que realizaram trabalhos voluntários nas áreas de artesanato e reciclagem, contribuindo com oficinas destinadas a alunos e pais.

RECURSOS

Material: aparelho multimídia, DVD, vídeo, som, computador, data show, câmera fotográfica, filmadora, revistas, jornais, material gráfico como: papel Kraft, caneta esferográfica, caneta piloto (várias cores), lápis, folha sulfite e o acervo do Roupeiro da Secretaria Municipal de Ensino da cidade de São Paulo.

Espaço físico: pátio da escola, sala de aula, sala de leitura, sala de Informática, quadra poliesportiva, contando com espaços externos como praças e outros espaços que porventura sejam cedidos para atividades próximas à escola, conforme o planejamento das aulas.

Custos e orçamento: o custo direto referiu-se aos bens permanentes, a exemplo de aparelho multimídia, TV e outros, porém estes já fazem parte do patrimônio da escola, sendo utilizados ao longo do ano para os diferentes projetos desenvolvidos. Os salários dos profissionais envolvidos, inclusive os profissionais de saúde, constituíram custos indiretos.

CRONOGRAMA

1. Sensibilização inicial dos professores e equipe de apoio: realizada nas reuniões iniciais de organização da Unidade Escolar nos dias 1, 4 e 5 de fevereiro;
2. Retomadas de sensibilizações e avaliação do projeto com os professores e equipe de apoio: horários coletivos semanais e/ou reuniões pedagógicas bimestrais;

3. Sensibilização com a comunidade: reuniões de pais e mestres bimestrais;
4. Proerd: atividades semanais, de fevereiro a junho, com o 4º ano;
5. Palestras com os pais: uma por semestre;
6. Palestras com os alunos: duas por semestre;
7. Atividades com o Grêmio: semanais no período de março a novembro;
8. Ações com alunos multiplicadores: semanais no período de março a novembro;
9. Ação docente multidisciplinar: de março a novembro, com todas as turmas;
10. Parceria com CAPS, Conselho Tutelar, Ministério Público, Instituições de Saúde: durante o ano, conforme as necessidades observadas.

* Todas as atividades ocorreram durante o ano letivo de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equipe escolar “C” ressaltou que a escola tem o dever de assumir a sua função social e promover, além da aprendizagem dos conhecimentos científicos, a formação integral dos indivíduos, tornando-os capazes de encarar os desafios do dia a dia de modo autônomo e consciente. Diante disso, também teria papel fundamental na rede de prevenção do uso de álcool e outras drogas por crianças e adolescentes.

Assim, resgataram que o uso de drogas pelo jovem o coloca em uma situação de vida extremamente contraditória, fazendo-o sentir-se em dois mundos: do inferno ao céu, de estar e não estar, do ser poderoso à frágil, vulnerabilizando-o em todas as suas relações sociais, desde a família até a escola e amizades.

Portanto, consideraram que seria necessário compreender os motivos que levam os jovens a fazer o uso de drogas, evitando-se tratá-los como delinquentes e incapazes de reação; promover o diálogo aberto, com uma proposta de ajuda e apoio, visto que esse seria o modelo de intervenção que fundamenta a visão do adolescente como agente transformador de sua realidade.

Destacaram ainda a importância das parcerias dentro da comunidade local, as quais teriam a função de intervir, conhecendo melhor o contexto social, por meio da articulação interdisciplinar dos diferentes profissionais em um trabalho de cooperação. Nesse processo, mesmo a atuação de pessoas desprovidas de conhecimentos específicos sobre drogas deveria ser considerada, uma vez que os aspectos de solidariedade, generosidade, cooperação, dentre outros, também são fundamentais.

Nesse contexto de compreensão, os profissionais da escola “C” sugeriram o desenvolvimento de uma visão educacional sistêmica voltada para saúde, onde o jovem seria percebido como agente de mudanças, capaz de refletir sobre as consequências dos seus atos e desenvolver aptidões para negociar regras e tomar decisões.

Diante do exposto, propuseram acreditar, acolher, buscar caminhos e alternativas, sempre fundamentadas na ótica comunitária e das redes sociais dos jovens.

Escola D

Na opinião dos professores da EMEF “D”, faz-se necessário uma educação preventiva e a conscientização de alunos, pais, professores e comunidade sobre os efeitos e consequências maléficas causadas pelas drogas à vida humana nos aspectos físico, psíquico e social.

Assim, argumentam que o desafio deste projeto é a luta pela valorização da vida como um bem social, a serviço da construção de uma sociedade mais digna e fraterna.

Com relação à abordagem, para eles é muito delicado trabalhar as situações de riscos (drogas, álcool, pobreza, etc.) dos alunos em sala de aula, pois as dificuldades são grandes, envolvendo a família que, muitas vezes, não se encontra presente, ou já perdeu a autoridade perante a vida dos seus filhos. Tais condutas constituem a própria engrenagem que leva essas crianças e adolescentes a um mundo de ilusão e fatalidade.

Na concepção desses educadores a escola ainda acaba sendo uma das, ou até mesmo a única esperança. Contudo, ela é incapaz de acabar com o problema, competindo a ela a busca de maneiras de fortalecer os

seres em formação para capacitá-lo a sair ou evitar situações modernas que podem levá-los a vivenciar tais fatores que os vem transtornando.

Para a equipe escolar, por meio da divulgação de valores positivos, informando a criança, o adolescente e o próprio jovem acerca das diversas situações de risco em que ele pode se inserir, minimiza-se o impacto gerado pelo consumo de drogas, evitando-se assim situações que os tirem de uma rota saudável.

Dessa maneira, o grupo de educadores acredita na demonstração daquilo que pode ser perdido com o uso dessas substâncias entorpecentes, que causam a exclusão do indivíduo de sua própria vida social, como alternativa viável de prevenção.

Diante das informações coletadas no projeto desenvolvido pelos professores, aliado ao conhecimento prévio acerca do bairro onde encontra-se situada, a equipe escolar da escola “D” considerou que, apesar de estar localizada em área favorável – haja vista não ser uma região carente – certamente apresenta alguns problemas.

De acordo com relatos dos educadores, a comunidade local vem, nos últimos anos, apresentando indícios de casos com históricos familiares preocupantes de envolvimento com drogas lícitas e ilícitas. Situações como o “batismo de latas de refrigerante com álcool” ocorrem esporadicamente, apesar de todos os trabalhos de esclarecimento feitos, comprovando falha na prevenção. Assim, observa-se que os alunos carecem de fatores estratégias positivas, tais como mais responsabilidade pelos estudos, redução do consumismo, aumento da disciplina, etc.

Em reunião anual do planejamento da escola, os responsáveis pelo projeto em tela relataram que o assunto que afligia a todos era o que seria feito para desenvolver nos alunos valores que proporcionassem atitudes positivas. Assim, foi destacado que o grande problema dos alunos é a falta de parâmetro do positivo em seus lares, que ocorre em virtude de variados fatores, de modo que as famílias geralmente não estão conseguindo dar um direcionamento equilibrado aos adolescentes, deixando as crianças esses sujeitos em formação fragilizadas diante das frequentes situações de desequilíbrio em seus lares e na sociedade em que vivem.

JUSTIFICATIVA

O corpo docente da escola “D” ponderou que, no período de desenvolvimento do projeto, devido a variados fatores, alguns pais não conversavam com seus filhos sobre determinados assuntos essenciais para uma formação humana plena, que proporcione ao indivíduo condições para fazer suas escolhas com criticidade. Além disso, observava-se exagerada exposição a uma mídia que tem o objetivo primordial de formar um cidadão consumista e não reflexivo.

Diante do problema apontado, a escola havia se transformado daquela a quem cabia apenas a mediação da educação familiar para outra que almejava a formação cidadã - conhecimento científico necessário para que o cidadão esteja apto a conviver e participar da sociedade – preparando o indivíduo para o mercado de trabalho, por meio de uma educação voltada a um trabalho de resgate social.

Assim, notava-se que crianças e adolescentes sem estrutura emocional, espiritual e psíquica acabavam buscando informações e caminhos perigosos, que culminavam em escolhas que os levam a vivenciar situações de risco como o consumo de drogas, por exemplo.

Portanto, as ações tinham como objetivo fornecer informações e conscientizar os jovens a adotarem hábitos saudáveis e protetores em suas vidas, esperando que as pessoas diminuam ou parem de consumir essas substâncias entorpecentes.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Promover uma conscientização em relação à prevenção do uso de drogas (lícitas e ilícitas), bem como reconhecer comportamentos de riscos no contexto social;
- ✓ Diminuir a probabilidade do jovem se envolver com o uso de drogas. Para tanto, os programas de prevenção devem enfatizar a redução dos fatores de riscos, conseqüentemente ampliando os fatores de proteção, por meio do desenvolvimento de valores e atitudes positivas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Enriquecer o currículo escolar com atividades práticas e teóricas na exploração do tema transversal “Educação Antidrogas”;
- Incentivar os alunos a adotar posturas e hábitos que valorizem uma vida saudável, seja em casa na ou na escola;
- Oferecer atividades voltadas para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, estimulando o aprendizado e o desenvolvimento de atitudes sociais positivas, tais como: disciplina, hierarquia, respeito ao próximo, ética, cooperação mútua, amizade, cidadania, entre outras;
- Trabalhar conteúdos atitudinais, onde o aluno possa relacioná-los com as situações que vivem. Colocando-os frente a possibilidade de escolhas diante de problemas que possam levá-los a situações de risco;
- Valorizar as ações positivas dos alunos (ressaltando qualidades) bem como fazê-los identificar algumas das suas ações que possam vir a ser negativas;
- Despertar as famílias à conversação com as crianças e com os jovens, levando-os à adoção de ações espontâneas e de aumento da autoestima, com intuito de facilitar a comunicação com os pais, em especial sobre a questão das drogas;
- Mobilizar a opinião pública escolar, mediante campanhas de ações positivas que proporcionem uma vida mais saudável aos alunos;
- Permitir aos alunos a produção de informações acerca de problemas que podem ser solucionados quando aparecem.

PÚBLICO ALVO

Alunos do ensino fundamental (Ciclo II), famílias e demais membros da unidade escolar.

METODOLOGIA

Tratava-se de intervenção junto aos professores e demais integrantes da comunidade escolar, com o intuito de sensibilizar o grupo sobre a questão das drogas em sua vida, na sala de aula, na escola e arredores, auxiliando-o a repensar sua atitude diante da questão das drogas.

Além disso, objetivava-se ainda conscientizar crianças e adolescentes de que o fumo e a bebida alcoólica constituem drogas perigosas, sem esquecer que as atitudes do professor sempre constituem exemplos para os alunos.

Outra questão importante seria facilitar a percepção do grupo acerca de mitos e preconceitos na questão das drogas, sensibilizando-o para uma participação direta nas atividades de prevenção do uso de drogas.

Os professores da escola “D” sugeriram preparar as aulas necessárias à abordagem deste projeto utilizando-se do espaço das reuniões de pais. Em princípio, através de uma sensibilização sobre os problemas atuais relacionados à juventude.

Diante dos argumentos supracitados, os educadores pretendiam lançar mão de um projeto intitulado “Cinco minutos de valores humanos na escola”, que relata a história de um grupo de crianças que iniciam uma aventura virtual, vivenciando várias situações que os levam a reflexões sobre responsabilidade, cuidado com o meio, sentimento de solidariedade, hábitos perigosos, tudo isso com muita aventura.

Assim, mediado pelos professores da escola “D”, a ideia seria trabalhar o fortalecimento de vínculos e os sentimentos positivos na transformação de atitudes e criação de valores humanos. Como sugestão, sugeriu-se o preparo de “novelinhas de rádio”, onde se poderia desenvolver a importância da atenção do escutar.

Para tanto, a equipe escolar iniciou suas primeiras aulas, duas vezes por semana, lendo ou fazendo os alunos ouvirem a história. Cada parte da história levou apenas cinco minutos, provocando um suspense junto ao aluno. Sugeriu-se realizar, a cada etapa da história, um diálogo, onde ao aluno seria permitido dar seu posicionamento. Nesse momento, poderia ser realizada a desconstrução de conceitos equivocados, bem como construção de novos conceitos.

Os valores não seriam apresentados pela ótica religiosa, mas sim por meio de ações e atitudes que os educadores esperavam que gerassem resultados benéficos a quem os vivencia.

A consciência seria apresentada como um guia interno, estando nela registrada o conhecimento do certo e do errado, tanto que as próprias leis, que foram estabelecidas ao longo do tempo, nasceram desse conhecimento interno, que, de acordo com a ótica dos professores, se aprimora à medida que o ser humano e a sociedade evoluem. Assim, para eles, evidenciar-se-ia a geração de pontos de conflito pela prática de ações que ferem os valores humanos na adolescência, produzindo, por exemplo, o remorso, que é algo ruim, inclusive para a saúde, conforme indicam inúmeras pesquisas científicas.

Ademais, os profissionais da escola “D” narraram que os contos e narrativas, criados especificamente para cada situação, enfatizaram, sempre dentro de possibilidades reais, a importância e benefícios de se vivenciar valores positivos com o alunado, por meio de trabalho interdisciplinar, fato que seria responsável pela percepção da relevância dessas aulas de valores.

Foi proposta uma atividade bimestral diferenciada, como, por exemplo, o professor de História organizaria apresentações de seminários, produzindo argumentações em torno de partes da história; Ciências trabalharia a questão da saúde física e emocional quando estamos desenvolvendo atitudes benéficas, exemplificará com dados, pedirá pesquisas, etc.; Português seria de grande importância no desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e compreensão dos textos; em Inglês se utilizaria a música no estabelecimento de referências com a realidade, que canta certos compositores estrangeiros e principalmente brasileiros; Educação Física contribuiria de maneira esplêndida com a frase “mente sã corpo são”, além de trabalhar questões disciplinares, tais como a do envolvimento de atletas com drogas e álcool, assiduidade e pontualidade, etc.

Assim, o assunto drogas e álcool seria introduzido como consequência de quando não estamos nos sentindo seguros em relação a vida e ao que queremos.

Além disso, todas as atividades abaixo contaram da proposta da equipe da escola “D”:

- Leitura de textos em sala de aula;
- Sensibilização em reuniões de pais, com escolha de alguns textos do projeto;
- Exibição da história em áudio;
- Exibição de filmes relacionados aos temas abordados na novelinha assuntos ligados as consequências de se envolver com situações de riscos como álcool e droga;
- Pesquisas de documentários ou reportagens sobre o assunto;
- Dados científicos sobre o tema;
- Seminários com base nas pesquisas feitas;
- Teatrinhos curtos, tendo os alunos como protagonistas;
- Utilização de músicas selecionadas e discutidas com os alunos;
- Painéis informativos com o resultado de pesquisas feitas, contendo informações sobre os diversos tipos de drogas, seus efeitos e consequências maléficas à vida;
- Produção autoral de vídeos pelos alunos;
- Ilustração das histórias das aulas de valores.

RECURSOS MATERIAIS

- Aparelho de Data Show e computadores;
- Equipamento de som, com caixas e microfone;
- Aparelho de DVD e televisor;
- Material didático: Cola, cartolina, tesoura, canetão, revistas...

RECURSOS FÍSICOS:

- Sala, laboratório de informática, quadra, palco.

RECURSOS HUMANOS

- Equipe gestora, docentes, discentes, pais, equipes de apoio;
- Redes sociais (Posto de Saúde, empresa Brahma, etc.).

TEMPO PREVISTO

- Março e abril de 2013: Início do Projeto;
- Primeira apresentação de atividades: Final de Maio.

* Foi sugerido ainda que diversos trabalhos poderiam encerrar cada atividade, a exemplo de apresentações teatrais (fundamentadas em pesquisas); músicas, confecção de murais, etc. Tal escolha ficaria a critério de cada grupo de alunos, cujas atividades seriam realizadas no interior da própria escola (refeitório, pátio). As ações seriam contínuas, durando todo o ano letivo, e devendo ser repetidas a cada ano.

AValiação

A avaliação deveria acontecer durante todo o processo de realização do projeto, através da observação dos professores da escola “D”, que seria baseada nos critérios pré-estabelecidos.

É importante esclarecer que, durante o desenvolvimento dos trabalhos, seria importante que o professor estivesse presente para interagir com o processo de trabalho dos alunos, diagnosticando conquistas e diferenças, e procedendo à análise das etapas do projeto.

Foi destacado pelo grupo escolar que seria essencial que os professores da referida escola encorajassem os participantes do projeto a dizerem "NÃO" ao consumo de qualquer espécie de droga e hábitos não-saudáveis.

Finalmente, na conclusão uma varredura geral seria realizada, em todo o processo realizado, pelos docentes da escola “D”.

Escola E

Diagnóstico da unidade escolar

A EMEF “E” situa-se próximo à divisa de São Paulo com outros municípios, tratando-se de área cercada por muitas comunidades.

De acordo com o relatado pela equipe da escola “E”:

- Embora ocupe uma área centralizada, era frequentada por alunos de localidades mais afastadas, que têm acesso facilitado pelo terminal do metrô, principalmente no período noturno;
- O corpo docente era formado por 74 profissionais. O grupo gestor conta com uma diretora; duas assistentes de direção; dois coordenadores; e uma assistente de coordenação, que exerce papel fundamental no relacionamento das famílias e alunos com a escola, e que, portanto, muito contribuiu com o fornecimento de dados para este projeto. A escola ainda conta com 11 profissionais que se dividem nos trabalhos de secretaria e inspetoria. O serviço de limpeza é terceirizado, e o da cozinha foi terceirizado em 2012;
- A unidade possuía 15 turmas de Ciclo I no período matutino, com total de 448 alunos; 14 turmas de Ciclo II no período vespertino, com 470 alunos; e 8 turmas de EJA no período noturno, com 163 alunos, segundo o Relatório Analítico de 2012. No entanto, cerca de 10 % dos alunos matriculados no Ciclo II vespertino – considerado para desenvolvimento deste projeto - não frequentavam regularmente as aulas;
- No Ciclo II, a faixa etária dos alunos variou entre 10 e 14 anos, predominando alunos na faixa de 12 e 13 anos, do sexo feminino;
- Conforme referência anterior, o público escolar era bastante heterogêneo, podendo afirmar que a maioria pertence a famílias que apresentam alguma carência ou disfunção. Tratavam-se de famílias de baixa renda, baixo nível sociocultural, baixa escolaridade, que habitam comunidades e/ou cortiços, ou que apresentavam casos de alcoolismo, uso de drogas, violência doméstica ou falta de estrutura

familiar (crianças e adolescentes criados por parentes próximos ou em instituições);

- Os alunos apresentavam desempenho escolar mediano e, consideradas as circunstâncias, eram solícitos e demonstravam, em geral, respeito pelos professores e funcionários, exceto em casos pontuais, que contaram com pronta intervenção da equipe gestora;
- Das atividades escolares oferecidas, as que mais atraíam interesse dos estudantes eram as aulas de Educação Física, Artes e Informática, que refletiam os interesses desses alunos fora da escola. Além disso, muitos frequentavam os cursos do Projeto Arrastão (ONG localizada próxima à escola, que oferecia cursos de música, dança, teatro, etc.), as atividades oferecidas pela biblioteca (saraus e oficinas), além das atividades próprias da idade, como *lan-houses*, shoppings e matinês;
- Apesar de todas as dificuldades que enfrentavam, as famílias participavam da vida escolar das crianças e respondiam quando solicitadas. O que não significava que os problemas disciplinares fossem facilmente sanados, uma vez que para tal, havia necessidade de uma mudança na concepção do papel da escola e da educação na vida do escolar e da sociedade, concepção esta que os pais não tinham com muita clareza;
- A aparente tranquilidade de alguns alunos, muitas vezes impedia os responsáveis pelo projeto de conhecê-los de fato, conhecendo e, conseqüentemente, de auxiliá-los quanto aos dramas que enfrentavam. Contudo, esses profissionais se inteiravam com mais facilidade acerca dos problemas dos alunos indisciplinados, procurando conhecer suas famílias*.

* Em todos os casos relatados era possível estabelecer uma relação entre indisciplina e disfunção familiar. Além disso, a disfunção nem sempre se caracterizava como abandono, separação ou uso de drogas, havendo casos em que a superproteção impedia que os pais exercessem seu papel de orientadores na formação do caráter da criança, autoridade necessária nesta fase. Por outro lado, a prática docente - em sua maioria, alicerçada em

métodos tradicionais – oferecia poucas possibilidades aos alunos de expressarem suas inquietações pessoais, sobretudo os mais tímidos.

Contexto do uso de drogas e o diagnóstico dos fatores de risco e proteção da escola

Ainda na perspectiva da equipe da escola “E”, no bairro onde ela se situa, bem como em outras áreas periféricas, era possível identificar o consumo de drogas abusivo/dependente, principalmente álcool, tabaco e maconha, com aumento do consumo de crack*.

* Os profissionais informaram que, apesar de não disporem de dados estatísticos acerca da localidade - sequer foi realizada uma avaliação por membros da escola junto à comunidade e aos alunos – foi possível verificar fato supra narrado por meio de observação das atividades de consumo que ocorriam na praça central do bairro, localizada ao lado da escola, das quais alguns alunos da unidade faziam parte, e outros tantos tinham conhecimento, tendo sido revelada durante conversas informais com alguns professores ou até mesmo em debates sugeridos durante as aulas.

A equipe ainda destacou que havia na comunidade certa aceitação das chamadas drogas lícitas, inclusive com incentivo e exaltação de seu consumo. Por outro lado, observava-se repúdio declarado quanto às drogas ilícitas, bem como a seus usuários, o que era percebido nas reuniões de pais, e em outras atividades com participação familiar.

O pesquisador desta pesquisa pondera que os profissionais da escola “E” demonstraram atitude madura ao reconhecer que, muito embora tenham tido conhecimento do consumo abusivo/dependente na comunidade local, ao estabelecer o foco no recorte da comunidade escolar, tal padrão de consumo certamente se modificaria.

Quando o corpo docente foi averiguado, verificou-se que havia grande consumo de cafeína, contudo, ao contrário do que ocorria com outras substâncias, esta não era considerada droga, e seu uso regular não era encarado como dependência, muito embora era comum protestarem veementemente quando ocorria falta ou atraso no café a eles servido.

Ademais, também houve relatos de uso frequente de calmantes e analgésicos, sob orientação médica; e consumo esporádico/social de álcool.

Entre os demais funcionários (terceirizados), foi possível verificar casos isolados de consumo de tabaco, que demandariam ações de conscientização da escola, em parceria com as empresas em que trabalham.

Já entre o corpo discente, os profissionais da escola “E” tiveram conhecimento de casos pontuais de consumo de entorpecentes como maconha e cocaína, com suspeita de envolvimento com o tráfico, que apontavam para uma atividade funcional.

Os educadores observaram que, de maneira geral, o padrão de consumo observado era dos tipos experimentador (7º ano) e recreativo (8º e 9º anos). Contudo, justificaram que tais informações não eram oficiais, tendo sido colhidas a partir de conversas informais com os alunos e de atividades pedagógicas de determinadas disciplinas, sobretudo Ciências.

Nos casos identificados de uso funcional de drogas por alunos, verificou-se mudança de atitude em relação aos estudos e à sua perspectiva de futuro, além de abandono moral e desestruturação dos vínculos familiares, ao assumirem postura de prepotência frente às autoridades escolares e familiares. Tal atitude inevitavelmente acarretaria em respostas negativas de aproveitamento escolar, com recorrência de advertências e suspensões que fomentariam aumento dos fatores de risco e baixo desempenho prático.

Também foi noticiado pela equipe da escola “E” uma subvalorização da situação, pautada no fato de que, em comparação com as demais escolas da região, aparentemente, os nossos alunos eram mais calmos e se envolviam em menos delitos. Para eles, isso se devia, ao menos em parte, à história da escola – a mais antiga e tradicional do bairro -; e à composição de seu quadro, que contava com a participação de profissionais cuja formação, desatualizada com relação ao contexto moderno, não contou com a abordagem da temática das drogas, inexistente e/ou discriminada até então.

Além disso, relatou-se que o fato de muitos pais de alunos terem estudado na escola, inclusive com profissionais que lá ainda lecionavam, aumentaria o vínculo entre a instituição e as famílias.

Os autores do projeto em análise informaram ainda que a atualização profissional (reciclagem) era realizada nos horários de trabalho pedagógico coletivo e por meio do compartilhamento de experiências em cursos variados,

durante cujas trocas era possível revisar as propostas de atividades e de utilização dos recursos pedagógicos que a escola oferecia (salas de vídeo, informática e leitura; equipamentos portáteis multimídia); bem como a utilização de espaços coletivos (pátios externos e interno). Entretanto, reconheceram os educadores, ainda assim, o tema das drogas era pouco debatido.

O vínculo famílias-escola existente era simbólico e marcado por uma relação hierárquica, de maneira que as trocas, quando ocorriam, não fluíam de forma recíproca e com participação efetiva dos membros da comunidade. Dessa forma, atentando-se à relação entre tal fato e a prevenção do consumo de drogas, a equipe da escola “E” destacou, dentre os fatores de risco e proteção escolar, os seguintes fatores:

Fatores de proteção:	Fatores de risco:
Pontos fortes da minha escola	Pontos fracos da minha escola
1. Definição e comunicação de normas, regras e limites.	1. Proximidade aos locais de comércio e uso de drogas.
2. Estímulo à prática das atividades escolares.	2. Pouco incentivo aos vínculos afetivos entre professor e aluno.
3. Verbalização das expectativas positivas com relação ao desempenho dos alunos.	3. Vulnerabilidade do espaço físico e falta de policiamento.
4. Vínculo da comunidade com a escola.	4. Ausência de promoção de práticas escolares criativas e estimulantes.
5. Pouca rotatividade do corpo docente e administrativo.	5. Resistência à participação efetiva da família e do aluno nas decisões.
6. Liberdade de ação para o corpo docente.	6. Resistência ao trabalho conjunto inter/transdisciplinar.

Tabela 1. Fatores de proteção e risco observados na escola “E”.

Diante do exposto, os educadores da escola “E” informaram ter avaliado os caminhos que as mudanças na cultura escolar deveriam seguir, desde a mudança nas relações internas até a importância da participação da família na vida escolar.

Referencial teórico

De acordo com os profissionais pesquisados, as particularidades da escola “E”, no que concerne à comunidade em que estava inserida e aos fatores de risco e proteção apresentados (Tabela I), os obrigou à realização da análise das formas de intervenção possíveis dentro das propostas da Política Nacional sobre Drogas e da Política de Promoção da Saúde e da Educação Integral.

Assim, a partir de tal avaliação, eles julgaram ser relevante a preocupação com as questões sociais e familiares, que, em sua opinião, podiam não apenas aumentar o fracasso escolar – que por si já representaria um fator de risco – bem como ainda expor crianças e adolescentes a pressões às quais eles ainda não estavam psicológica e pedagogicamente preparados.

Na opinião dos educadores da escola “E”, a ampliação da função social da escola de “educar integralmente”, atingindo todos os membros da comunidade escolar, e não apenas os alunos, refletiria uma nova demanda dentro do cenário nacional, previamente exposta por Marinho-Araújo, que apontou o papel do professor para “ordenar, conduzir e mediar o processo educativo”, a fim de se alcançar uma transformação social.

Diante do exposto, para eles a pergunta que se colocaria é: como conduzir à transformação social indivíduos imersos em um meio degradante, que não oferece condições sanitárias, econômicas, culturais e afetivas capazes de auxiliá-los no estabelecimento de suas identidades e na significação de suas relações familiares e grupais?

Em seguida, afirmaram os educadores da escola “E” que acreditavam que a resposta à pergunta acima estivesse contida, em certa medida, nos preceitos do ECA, sobretudo na visão de proteção integral, devendo-se,

portanto, proteger a estrutura familiar, a fim de que ela oferecesse a segurança afetiva de que o adolescente necessita. Contudo, observaram que, paradoxalmente, essa proteção deveria emergir do próprio núcleo familiar.

Pelo motivo supracitado, os profissionais da escola “E” defenderam que caberia à escola elaborar projetos e parcerias que fornecessem às famílias o suporte necessário, seja indicando serviços de saúde, de orientação jurídica e espaços de lazer; seja engajando-se em ações para melhoria da infraestrutura urbana. Tal propositura iria de encontro ao conceito de Educação Integral e Promoção da Saúde, onde, para Simões (2012), os termos “integral” e “saúde” são tomados em seus aspectos mais amplos.

Amparados na perspectiva de Duarte e Dalbosco (2012), os educadores da escola “E” reiteraram que a revisão das drogas no plano conceitual refletiu na legislação brasileira que substituiu, aos flagrados consumindo ou portando pequenas quantidade de drogas ilícitas, o “castigo” pela “restauração”, a qual só é possível por meio da educação, que ocorreria por meio da prestação de serviços à comunidade ou a participação em cursos.

A partir dessa premissa, de que se a educação pode restaurar, certamente ela poderia também prevenir, os profissionais da escola pesquisada estabeleceram seus objetivos.

Metodologia

Sujeitos da intervenção

A equipe da escola “E” considerou de máxima importância a participação de diferentes sujeitos, cujas ações estavam vinculadas a diferentes aspectos de proteção. Dos possíveis parceiros citados no projeto desenvolvido, houve destaque para os seguintes:

- Grupos Arrastão e Artemanha, e Biblioteca local, que desenvolveram atividades culturais, oficinas e cursos abertos à comunidade,

oferecendo oportunidade de desenvolvimento cultural para as crianças, adolescentes e seus familiares; e ampliando as possibilidades de inserção social.

- Rede Praça: grupo formado por órgãos e instituições localizados nas imediações da Praça (próxima à escola) e que discutiu propostas para melhorar a infraestrutura do entorno, que foram encaminhadas à subprefeitura. As ações desenvolvidas por esse grupo responderam às demandas sociais, por isso se configurou como espaço privilegiado para o debate de medidas em que houvesse necessidade de intervenção do poder público, tais como policiamento e saneamento. Logo, trataram-se de ações voltadas ao bem-estar das famílias e à sua conscientização quanto à sua responsabilidade para o desenvolvimento da comunidade.

- UBS Arrastão, para o desenvolvimento das ações de saúde dentro do âmbito escolar, por meio de trabalhos de esclarecimento de professores, funcionários e alunos, que já contavam com apoio do projeto de Saúde Bucal. Além disso, foi possível ampliar suas intervenções para as famílias, utilizando a escola como espaço de contato.

- Profissionais da área da Psicologia, Psiquiatria e de comunidades terapêuticas (Crasa – Centro de Reabilitação e Ação Social Altruísta) para orientação da comunidade escolar e/ou intervenção individual ou grupal, conforme definido após levantamento inicial.

- Grêmios estudantis: a ideia ainda incipiente de organização dos alunos necessita de mudanças na cultura escolar para sua efetivação, até mesmo para que os alunos aprendam a se organizar politicamente.

Atividades iniciais

Os educadores da escola “E” esclareceram que as ações que contaram com a participação dos parceiros supracitados deveriam ser antecedidas por atividades internas de sensibilização dos demais professores e funcionários para a adesão e complementação das propostas. Para tanto, seria necessário que os cursistas participassem dos horários coletivos e compartilhassem seus estudos, e que a comunidade escolar interna se unisse em prol do objetivo geral.

Ademais, eles reconheceram que a mudança na cultura escolar para a efetiva participação dos alunos nas decisões ou como agentes internos de transformação certamente não seria tão rápida, considerando, portanto, mais acessíveis as ações que contavam com as parcerias sugeridas.

Entretanto, esses profissionais escolares acreditaram que a conscientização dos demais profissionais quanto aos fatores de risco e às formas de prevenção poderia, gradativamente, inovar suas práticas em sala de aula, a exemplo do que, de acordo com eles, já acontecia em algumas turmas.

Esclareceu-se que as atividades de dança e teatro já estavam sendo desenvolvidas, acompanhadas por leituras que as contextualizam, permitindo aos alunos estabelecer relações entre os conteúdos escolares e a suas vidas, a Arte e a História.

Finalmente, observou-se que nenhuma técnica ou metodologia inovadora seria empregada, tratando-se a metodologia apenas de um fazer pedagógico que consideraria o aluno e seu contexto, antevendo seu potencial transformador, sem olvidar de convidar as famílias a assumirem seu papel na formação daqueles indivíduos.

Objetivos

Objetivo geral

- Minimizar, em parceria com a comunidade escolar, os fatores de risco para o uso de drogas.

Objetivos específicos (curto prazo):

- Multiplicar as informações adquiridas no curso para outros professores e funcionários da unidade escolar, por meio de palestras e encontros;
- Ampliar os conhecimentos técnico-científicos dos professores e funcionários da escola acerca do uso de drogas e formas de prevenção;

- Realizar trabalhos interdisciplinares com os professores para divulgar formas de prevenção do uso de álcool e drogas;
- Criar espaços na rotina escolar para o diálogo entre alunos e professores ampliando a responsabilidade dos alunos nas tomadas de decisão;
- Executar o levantamento dos casos que demandam intervenção seletiva e/ou indicada.

Objetivos específicos (médio prazo):

- Restabelecer parcerias com os Grupos Arrastão, UBS Arrastão, Artemanha e Rede Praça;
- Fortalecer parceria com a Biblioteca local;
- Firmar parcerias com profissionais (psicólogos, terapeutas, policiais, promotores, médicos, etc.), a fim de promover palestras, *workshops*, dinâmicas, etc.;
- Aprofundar a participação de pais de alunos nas ações escolares de prevenção do uso de álcool e drogas.

Objetivos específicos (longo prazo):

- Ampliar o envolvimento da comunidade nas ações de prevenção do uso de drogas;
- Propiciar aos familiares de alunos maior compreensão sobre fatores de risco e formas de minimizá-los, promovendo transformações conceituais nos âmbitos familiar e escolar.

Escola F

A EMEF “F” tinha 1.001 alunos matriculados quando da realização da pesquisa.

1º ano		2º ano		3º ano		5º ano (4ª série)	
F	M	F	M	F	M	F	M
83	103	54	39	50	44	59	73
16%	20%	11%	8%	10%	9%	12%	14%

Tabela 2. Gênero Fundamental I – escola “F”

Total	QTE.	%
M	259	51%
F	246	49%
Total Geral	505	100%

6º ano (5ª série)		7º ano (6ª série)		8º ano (7ª série)		9º ano (8ª série)	
F	M	F	M	F	M	F	M
71	76	58	78	71	69	40	39
14%	15%	12%	16%	14%	14%	8%	8%

Tabela 3. Gênero Fundamental II – escola “F”

Total	QTE.	%
M	262	52%
F	240	48%
Total Geral	502	100%

1ª Etapa		2ª Etapa		3ª Etapa		4ª Etapa	
F	M	F	M	F	M	F	M
16	11	16	9	19	21	42	37
9%	6%	9%	5%	11%	12%	25%	22%

Tabela 4. Gênero EJA – escola “F”

Total	QTE.	%
M	78	46%
F	93	54%
Total Geral	171	100%

Desempenho escolar dos alunos:

A equipe da escola “F” destacou que, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) realizado em 2012, a escola obteve nota 4,6, o que representa um crescimento de 22%, quando comparado ao IDEB de 2011.

Diagnóstico da realidade em que a escola está inserida

Os educadores destacaram que a escola “F” foi construída em um bairro situado em uma das áreas mais carentes e violentas da zona Sul de São Paulo. Como toda comunidade de periferia, sua paisagem tem um

amontado de pequenas casas, com problemas de eletricidade e encanamentos. A comunidade faz parte de uma faixa habitada por mais de um milhão de pessoas que vivem em condições de extrema precariedade sobre qualquer ângulo que se queira olhar e ver. A população é carente, de baixa renda, subempregada, desempregada, vivendo em extrema pobreza. As relações comunidade/escola estão em processo de construção, apesar dos conflitos que surgem no decorrer do processo, porém são mediadas por meio do diálogo.

Redes internas da escola

- Direção;
- APM;
- Conselho de Escola;
- Educadores;
- Funcionários;
- Alunos.

Redes externas da escola

- Comunidade: ONGs – Casa do Zezinho;
- Segurança/Assistência/Proteção: Polícia Comunitária, Batalhão escolar, Conselho Tutelar, Assistência Social e Centro de Integração e Convivência (CIC);
- Saúde: Unidade Básica de Saúde (UBS), AMA, Caps, Estratégia Saúde da Família (ESF).

Perfil do aluno

A equipe escolar destacou que a comunidade ao redor da escola era composta, em maioria, de crianças da faixa etária de 6 a 16 anos de idade, renda familiar baixa - aproximadamente dois salários mínimos - com grande

número de pais desempregados e passando por grandes dificuldades financeiras, necessitando de recursos básicos, como alimentação, saúde, vestuário, material escolar, etc. Ressaltaram ainda que grande parte dos pais dos alunos possuía baixa escolaridade ou nunca frequentaram a escola. Ademais, acrescentaram que o bairro não dispunha de espaços de lazer, sendo, portanto, o ambiente escolar utilizado para tanto. Dessa forma, a unidade escolar desenvolvia diversos projetos, a fim de atender e suprir tal demanda. Contudo, mesmo com o atendimento oferecido pela escola, por ONGs e demais órgãos governamentais de saúde e segurança, ainda eram verificados altos índices de violência e gravidez precoce.

Contextualizando o uso de drogas e fatores de riscos e proteção na escola

Os profissionais da escola “F” afirmaram ter conhecimento de problemas (casos isolados) de envolvimento de alunos com o uso de drogas. Por esse motivo, foram realizadas avaliações (discussões) no sentido de se realizar levantamento sobre as causas que os levaram a se tornarem usuários, sendo que as drogas mais consumidas eram: álcool, energético, maconha, crack e narguilé; dentre os tipos de usuários experimentadores destacavam-se os recreativos e dependentes. É interessante observar que os professores informaram não ter acesso a informações quantitativas sobre o consumo de drogas na comunidade escolar.

Dentre os problemas relacionados ao uso de drogas por eles relatados, destacam-se: danos à saúde, conflitos familiares, revolta, aceitação no grupo social em que conviviam.

Foi destacado ainda que a escola promovia a saúde, tendo a prevenção como a melhor forma de abordar a problemática das drogas. A comunidade, entretanto, apesar de saber e conviver com a questão, não apresentava grande envolvimento no sentido de sanar o problema, provavelmente por medo ou por estar envolvida com as drogas.

Foi informado pela equipe da escola “F” que, nas 4^a séries do ciclo I, era realizado um trabalho preventivo por meio do Programa Educacional de

Resistência às Drogas (Proerd), com participação de integrantes da Polícia Militar, tendo como objetivos:

- Fornecer informações aos estudantes sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas afins;
- Ensinar os estudantes, na prática, a dizer não às drogas;
- Ensinar os estudantes a tomar decisões e sobre as consequências de seu comportamento;
- Trabalhar a autoestima das crianças, ensinando-as a resistir às pressões que as envolviam.

Foi relatado ainda que alguns professores faziam uso de drogas lícitas, sendo, no âmbito escolar, o tabaco a mais usada, sobretudo nos intervalos entre as aulas e, claro, longe da presença dos alunos. De acordo com os profissionais da escola “F”, nada que atrapalhasse o desenvolvimento e o rendimento do trabalho.

Já com relação à família dos alunos e à comunidade, havia relatos dos próprios alunos que testemunharam ou, na maioria das vezes, conviviam com o uso de drogas, o que os deixavam ainda mais vulneráveis e totalmente desprotegidos.

Os profissionais d EMEF “F” relataram que se tratava de escola de grande porte, com funcionamento organizado em três turnos: matutino (7h às 12h), vespertino (13h30 às 18h30) e noturno (19h às 23h) – com trinta e cinco salas em funcionamento. Pela manhã e tarde havia o curso fundamental regular - ciclos I e II – distribuídos em quinze salas por cada turno. À noite ocorria o curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), além do curso fundamental e da suplência com os alunos e alunas distribuídos em cinco salas.

A Escola foi inaugurada em março de 1977, sendo sua construção iniciada e concluída na administração do governador Paulo Egídio Martins. Como escola da rede municipal de São Paulo, oferecia aos professores, de acordo com a disponibilidade de suas cargas-horárias, possibilidade de opção entre jornadas que incluíam ou não a formação continuada. Dentro

dessa perspectiva, por volta de 70% dos professores participavam de jornada que possibilitava o trabalho coletivo.

Já quanto às relações interpessoais, os educadores da escola “F” reportaram que eram estáveis, sendo o compromisso dos professores e funcionários quantitativamente superior ao dos alunos e pais. A relação escola-família-comunidade também era equilibrada, havendo casos de maior proximidade e outros onde a relação necessitava de maior atenção. Os recursos pedagógicos estavam presentes e favoreciam os avanços que todos vinham observando.

Fatores de proteção: Pontos fortes da minha escola	Fatores de risco: Pontos fracos da minha escola
1. Definição, comunicação e negociação de normas, regras e limites;	1. baixa autoestima;
2. Coerência e congruência entre professores, diretores e servidores na aplicação de normas e regras escolares;	2. relações conflituosas com a família;
3. Relações de respeito mútuo, compromisso e cooperação entre agentes educativos;	3. permissividade na negociação de regras familiares;
4. Relações amistosas e de cooperação entre família e escola;	4. presença de violência como estratégia de lidar com conflitos;
5. Estímulo à prática das atividades escolares;	5. proximidade da rede de distribuição de drogas com a escola;
6. Verbalização das expectativas positivas com relação ao desempenho	6. presença do uso de drogas nas

dos alunos;	mediações da escola;
7. Promoção de práticas escolares criativas e estimulantes;	7. ausências de referência de autoridade e limites definidos e respeitados no âmbito familiar;
8. Relações abertas, honestas, sem atitudes negativas, punitivas, preconceituosas e excludentes;	8. baixa expectativa e baixo investimento familiar em relação ao futuro dos adolescentes;
9. Fortes vínculos afetivos entre professor e aluno;	9. desmotivação;
10. Abordagem reflexiva e pedagógica junto aos alunos, centrada em uma postura protetiva e inclusiva, sem repressão e estigmatização.	10. fácil acesso a drogas e violência na comunidade.

Tabela 5. Fatores de proteção e risco observados na escola "F".

Objetivo Geral

- Trabalhar de maneira significativa a temática da prevenção do uso de drogas lícitas e ilícitas de forma a sensibilizar a comunidade escolar de maneira coerente e contextualizada para uma educação integral e sistêmica para promoção da saúde.

Objetivos Específicos

- Expor aos educandos e às redes sociais envolvidas as ações planejadas ao longo deste projeto;
- Integrar as redes sociais da escola a dos educandos, fazendo uso da alternativa mais significativa, a fim de garantir a promoção da saúde;

- Dialogar e encontrar meios de inserção das redes sociais dos estudantes nas atividades propostas por este trabalho;
- Propor ações que possibilitem manifestações apropriadas para uma prevenção significativa que seja promotora de medidas de proteção às crianças, jovens e adultos de nossa comunidade escolar;
- Envolver docentes e demais funcionários da U.E., de modo a buscar a progressão do trabalho coletivo, em busca de resultados sobre os objetivos focados;
- Observar quais eram os alunos em situação vulnerável (envolvimento com drogas), trabalhando sempre por meio de redes sociais;
- Promover momentos interativos abordando o assunto tratado através da conscientização a respeito dos riscos e das consequências com o envolvimento com drogas;
- Oferecer aos alunos informações e orientações sobre o uso de entorpecentes;
- Envolver os integrantes deste processo, de maneira a construir saberes coletivos sobre o tema;
- Ofertar possibilidades de desenvolvimento do protagonismo juvenil por meio de ações educativas que construam um trabalho de multiplicação dos saberes construídos através deste projeto, junto aos colegas, familiares e demais instituições do entorno escolar.

Delimitação dos sujeitos da intervenção

- Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I ao 9º ano do Fundamental II;
- EJA – Etapas 1, 2, 3 e 4;
- Faixa etária: a partir dos 10 anos de idade;
- Turnos de ensino: Manhã, Tarde e Noite.
- Componentes curriculares envolvidos:
 - ✓ Matemática;
 - ✓ Língua Portuguesa;
 - ✓ Ciências Sociais;
 - ✓ História;

- ✓ Geografia;
- ✓ Educação Especial;
- ✓ Educação Física;

METODOLOGIA

De acordo com os profissionais da escola “F”, o público-alvo do projeto seria toda a comunidade escolar, sendo o espaço das salas de aula utilizado para trabalhos com os alunos, e o auditório para oficinas, palestras e reuniões.

Materiais necessários:

- *Data show*;
- Computador;
- Filmes (vídeos oferecidos durante o curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas; “A corrente do bem”, 2000. Direção: Mini Leder; e “Entre os Muros da Escola”, 2008. Direção: Laurent Cantet);
- Papel (para o mural e banner);
- Tesoura, cola, figuras ilustrativas, impressora, livro ata (para registro das reuniões).

Recursos Humanos:

- Professores;
- Enfermeiros;
- Dentista
- Palestrantes;
- Integrante do Conselho Tutelar;
- Médicos;
- Ex-dependentes (AA)

Atividades desenvolvidas:

- Reuniões de mobilização e sensibilização da comunidade escolar;
- Apresentação de vídeos;
- Palestras;
- Criação de mural;
- Preparação do folder;
- Divulgação do material confeccionado.

* Os profissionais da escola “F” destacaram que não teriam custos, uma vez que usariam o material disponível na escola e os palestrantes seriam disponibilizados por meio de parceria firmada entre a Secretaria Municipal e ONGs.

CRONOGRAMA

MÊS	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
ATIVIDADES								
Reuniões com a comunidade escolar	X							
Sensibilização da família	X							
Integração família escola jovem	X	X						
Buscar parcerias		X						
Oficinas			X					

Apresentação de Vídeos			X					
Palestras				X				
Painel					X			
Criação do banner						X		
Distribuição dos banners							X	
Peça teatral								X

Tabela 6. Cronograma de atividades da escola “F”.

Avaliação:

A avaliação aconteceria durante todas as etapas de aplicação do projeto por meio de observação dos educadores, levando-se em conta o que foi previsto no cronograma e realizando os ajustes, sempre que necessários.

Escola G

PÚBLICO-ALVO:

- Alunos do Ensino Fundamental I e II da EMEF “G”, familiares e responsáveis, equipe escolar e toda comunidade do bairro onde a escola está localizada.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

- Ano letivo de 2013.

Na opinião dos professores da escola “G”, como o uso de drogas é um fenômeno sociocultural complexo, logo, sua presença em nossa sociedade não é simples. Existem diferentes tipos de drogas, que apresentam variados efeitos, e a pré-adolescência e adolescência, períodos marcados por transformações e experimentações além da família, representam momentos especiais nos quais as drogas exercem forte atrativo. Portanto, faz-se necessária uma educação preventiva, além de conscientização de toda a comunidade escolar acerca dos efeitos e consequências maléficas causadas pelas drogas lícitas e/ou ilícitas na vida humana, em seus aspectos físico, psíquico e social.

De acordo com os educadores da escola “G”, os trabalhos científicos sobre prevenção de drogas demonstram que as palestras, realizadas individualmente por profissionais especializados na temática das drogas, apesar de demandar gastos de tempo e investimento, não ocasionam mudanças na visão dos jovens acerca do assunto. Por outro lado, uma abordagem sistêmica, que vise à atuação de diversas áreas e profissionais (escola, família, equipes multidisciplinares, comunidade e órgãos públicos), com o desenvolvimento autoral de atividades pelos alunos, como protagonistas de ações na prevenção do uso de drogas, além de atividades de promoção de saúde são eficientes e, portanto, devem estar presentes em qualquer projeto que almeja resultados efetivos.

A escola “G” está localizada na região metropolitana de São Paulo, atendendo a alunos das comunidades de bairros próximos. As famílias dos alunos matriculados são, em sua maioria, de baixa renda.

De acordo com relatos da equipe de profissionais que nela trabalham, a escola funciona nos períodos matutino e vespertino, contando com dezessete salas de aula, sendo nove delas usadas para o Ensino Fundamental I e oito pelo Ensino Fundamental II, totalizando 435 alunos. A distribuição de meninos e meninas é balanceada em todas as turmas, bem como as idades dos discentes são compatíveis com a série escolar, o que indica um baixo índice de reprovação.

Os autores do projeto esclareceram ainda que a relação dos membros da escola com as famílias dos alunos era bastante aberta, dinâmica e transparente. Além disso, acrescentaram que as reuniões bimestrais de pais

proporcionavam uma relação ainda mais estreita entre os mesmos na construção cognitiva, afetiva e social dos alunos.

A equipe da escola “G” considerou que a grande maioria dos alunos apresentou rendimento satisfatório, tendo apreendido os conteúdos conceituais dentro das expectativas, porém sem grandes destaques ou inovações. No entanto, apontaram ainda os outros extremos – alunos que apresentaram rendimento não satisfatório e plenamente satisfatório.

De maneira geral, com exceção de alguns poucos, foi relatado que os discentes apresentaram como padrão de comportamento a agressividade (típica da elevação dos hormônios na adolescência): falavam alto, utilizavam de palavrões e de palavras grosseiras na comunicação, não respeitavam as regras de convivência social e escolar e agrediam fisicamente em certas situações.

Além disso, foi reportado que a unidade escolar contava com um corpo docente que planejava aulas diversificadas, contando com recursos variados, a exemplo de apoio didático-pedagógico. Contudo, foi destacado que os alunos do Ensino Fundamental I preferiam atividades que envolviam habilidades manuais, enquanto os alunos do Fundamental II, as que envolviam habilidades teatrais e musicais. Ademais, as atividades físicas, eram sempre bem recebidas por praticamente todos os alunos.

Foi interessante observar o reconhecimento dos profissionais da escola “G” acerca do conhecimento limitado que possuíam sobre seu alunado, especulando sobre os possíveis motivos para tanto: o fato de eles apresentarem postura retraída, não costumando conversar com a equipe escolar sobre suas vidas pessoais; o forte desejo dos professores em ajudar tais alunos a avançar em seus conhecimentos cognitivos, o que porventura acarretaria no esquecimento de afinar os laços de convivência interpessoal.

Com relação à rede interna de relacionamentos, os professores da escola “G” afirmaram que esta era bem estruturada (Figura 3, p.98), o que facilitaria muito na implementação do projeto. Destacaram ainda a realização de assembleias (docentes/alunos/funcionários), que ajudavam no funcionamento e organização da escola, com fins de se atingir os objetivos descritos no PPP, e que poderiam auxiliar na execução do Projeto de Prevenção do Uso de Drogas na escola. A única exceção a essa rede era o

grêmio estudantil que, embora constasse do planejamento, não existia e até então não dispunha de previsão de início.

Na perspectiva desses educadores, a rede externa escolar (Figura 4, p.99) também favorecia o projeto, existindo grande proximidade entre escola, segmentos de proteção e saúde, e família. Foi destacado, inclusive, que recentemente a escola apresentou alguns problemas com o comércio externo pela ausência de muros, sendo que isso favorecia que indivíduos comercializassem alimentos e drogas por entre as grades. Entretanto, foi informado que, tão logo a nova gestão assumiu a direção, esta solicitou que a escola fosse totalmente murada, impedindo tal realidade. A existência de ponto de comércio de bebidas em frente à escola também foi reportada, esclarecendo-se que a direção da escola fez contato com a proprietária do estabelecimento, solicitando a interrupção da comercialização de bebidas, o que foi prontamente atendido.

Segundo o ponto de vista da equipe da escola “G”, a única exceção que impedia uma rede social perfeita era a comunidade, destacada na cor vermelha (Figura 4, p.99), pois faltava maior aproximação com as associações de bairro, empresários, ex-alunos. Como justificativa para tanto, afirmaram que, além dos alunos que efetivamente residiam no bairro, a escola recebia alunos de diversas regiões distantes, o que acarretava na falta de entrosamento relatada.

Diante do exposto, esclareceu-se que o objetivo do presente projeto era promover as ações supra destacadas para que a comunidade da EMEF “G” viesse a se tornar um modelo de prevenção do uso de drogas, além de um local de acolhimento que pudesse auxiliar os usuários dependentes a abandonar o vício.

ASPECTOS TEÓRICOS

O grupo da escola “G” decidiu investir primeiramente em ações voltadas ao 4º e 5º anos.

NICASTRI e RAMOS (2001) demonstraram que os pais influenciam jovens no uso ou não de drogas. Assim, os profissionais da escola “G” consideraram que, se no ambiente familiar há diálogo e informações sobre as

consequências do uso de drogas, se existe uma boa comunicação, se há direcionamento e escuta nas trocas entre adolescente e família, o risco daquele entrar em contato com as drogas diminui consideravelmente.

Atentando para isso, consideraram essencial ao projeto estabelecer uma parceria com os pais e responsáveis pelos alunos, que funcionariam como agentes multiplicadores da rede de proteção à criança e ao adolescente.

Além disso, a equipe da escola “G” acrescentou que a realização de oficinas de adolescentes multiplicadores seria fundamental para que eles se sentissem acolhidos e mais à vontade para dialogar e expor suas dificuldades, dúvidas e medos.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Tornar a escola uma multiplicadora de informações e ações de prevenção do uso de drogas e promoção de saúde e um local de acolhimento ao jovem que precisa de ajuda para sair do vício.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

CURTO PRAZO

- Sensibilizar a equipe escolar, alunos, famílias e comunidade para este trabalho;
- Formar os professores e equipe escolar para elaboração de estratégias para execução do projeto;
- Definir as regras e procedimentos da escola a serem incluídas no regimento interno da escola e enviadas aos pais dos alunos para ciência;

MÉDIO PRAZO

- Elaborar atividades que estimulem a autoestima dos alunos e o convívio social para diminuição de insegurança e timidez (debates, seminários, teatro, atividades artísticas e esportivas para envolver os adolescentes e minimizar atitudes erradas ou má influência);
- Dialogar sobre o que são as drogas, seus efeitos no organismo, os efeitos sociais que as drogas ilícitas, e mesmo lícitas, causam nas famílias e comunidade em aulas interativas;
- Estabelecer parcerias com os postos de saúde e comércio das proximidades da escola.

LONGO PRAZO

- Permitir que os alunos atuem como protagonistas do projeto e multiplicadores de informações e ações na prevenção do uso de drogas;
- Facilitar às famílias o diálogo com as crianças e com os jovens;
- Desenvolver a espontaneidade e autoestima dos alunos, facilitando a comunicação com as famílias, não só de modo geral, mas em especial sobre a questão das drogas;
- Constituíam ainda objetivo deste projeto a revisão do PPP da EMEF “G”, pensando em uma ação educativa que voltasse seu olhar para o indivíduo.

METODOLOGIA

Definindo metodologia e ações preventivas:

Sensibilização da equipe escolar

Foi informado que a primeira etapa do projeto seria constituída pela sensibilização de toda a equipe durante a semana de planejamento escolar, onde o grupo que estaria realizando a formação também poderia compartilhar os conhecimentos apreendidos nessa etapa, trazendo a proposta de projeto para a escola e, assim, motivando toda a equipe a contribuir e participar dele.

Conversa com gestão da escola e disponibilização de um tempo no planejamento escolar, no período compreendido entre 05 e 15 de março de 2013.

Estabelecimento de parcerias

- Haveria convocação dos professores e funcionários para estabelecer parcerias com a escola, nos postos de saúde, igrejas, comércio e centros de esporte nas proximidades da escola. O prazo de consolidação desta etapa seria março de 2013.

Formação de professores

Foi estabelecido pela equipe da escola “G” um estudo dos docentes em formação do Programa Especial de Ação - PEA (ao todo seriam três segundas-feiras, das 18:30h as 21:30h, nos dias 18 e 25/02 e 04/03) para o planejamento das atividades do projeto: atividades de sensibilização com os alunos para atuarem como protagonistas do projeto.

A Secretaria de Saúde seria convidada para esta parceria, esperando-se a disponibilização de médicos e psicólogos na realização dessas formações.

Alguns filmes também deveriam ser passados com intuito de sensibilizar a equipe, permitindo o início das discussões e reflexões acerca do assunto.

Alunos protagonistas

Os profissionais da escola “G” selecionariam uma equipe de alunos para ajudar no estabelecimento de mais parcerias e na elaboração de questionário para diagnóstico das drogas mais ofertadas e consumidas na comunidade.

Uma ação prevista seria promover oficinas de formação de adolescentes multiplicadores, possibilitando reflexões sobre os fatores de risco e de proteção, identificados em seus diferentes contextos de socialização: família, escola, grupos de pares, comunidade, com destaque para a inclusão das comunidades virtuais.

Os resultados dessas oficinas seriam divulgados para os demais alunos, educadores e famílias por meio de painéis e palestras, oferecidas pelos próprios alunos, acompanhados de um professor mediador e de um agente de saúde.

Esta etapa do projeto estava prevista para maio de 2013.

Projetos interdisciplinares

O tema sobre as drogas não deveria se restringir à disciplina de Ciências. Portanto, a proposta é que todos deveriam abordá-lo em discussões, filmes, seminários e teatros, por meio de discussões com os jovens acerca das drogas, seus efeitos sociais e na saúde, além do contexto histórico de sua utilização até os dias atuais, de forma a despertar o interesse e a atenção dos jovens.

Promoção de Saúde na Escola

Após o estabelecimento de parcerias com os postos de saúde, os responsáveis pela escola G convidariam esses parceiros para organizar um evento de Promoção de Saúde na escola, durante o 2º semestre letivo (preferencialmente em um sábado do mês de setembro), onde exames simples (testes de glicemia e oftalmologia, dicas de nutrição, palestras sobre drogas) seriam ofertados gratuitamente à comunidade.

O cronograma de organização desse evento deveria ser trabalhado de março a setembro, até a data do evento.

Criação de uma equipe mediadora para alunos e famílias carentes

Foi sugerido que a equipe seria composta por representantes da gestão escolar, além de professores e alunos. Assim, os alunos envolvidos anteriormente no projeto poderiam ajudar a escola a identificar outros discentes que precisassem de ajuda.

Em seguida, uma conversa inicial com o interessado ou responsável (familiar) no ambiente escolar poderia ser útil, de maneira que, se houvesse necessidade, a escola poderia encaminhar o aluno para avaliação psicológica.

Outra forma de ajuda dessa comissão seria oferecer apoio ao aluno oriundo de famílias cujos parentes faziam uso de drogas, por meio de conversas ou ainda encaminhamento psicológico, que poderiam ajudá-lo a seguir um caminho diferente do escolhido por seus familiares.

O cronograma previa a criação da equipe mediadora até abril de 2013, com atuação prevista ao longo de todo o ano letivo.

Recursos a serem utilizados

Recursos humanos:

- a) Equipe escolar;
- b) Alunos;
- c) Autoridades policial e jurídica;
- d) Conselho tutelar;
- e) Conselho escolar;
- f) Especialistas na área de saúde;
- g) Comunidade do entorno;
- h) Pais e responsáveis;
- i) Secretaria da Saúde.

Recursos físicos:

- a) Sala de informática;
- b) Quadra poliesportiva;
- c) Salas de aula;

- d) Sala de leitura;
- e) Pátio da escola;
- f) Comércio do entorno.

Material:

- a) Vídeos;
- b) DVD/TV;
- c) Data show;
- d) Máquina fotográfica/ filmadora;
- e) Computador;
- f) Livros;
- g) Internet.

AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO

Na segunda quinzena de dezembro deveria ser realizada a avaliação final do projeto, objetivando observar o cumprimento dos objetivos propostos, a execução e os resultados obtidos. Tal análise permitiria mudanças e melhorias, permitindo a continuação de projetos semelhante nos anos seguintes.



Figura 3. Esquema representativo da rede interna da escola "G".

* Outros: Empresas terceirizadas (merenda escolar; limpeza; vigilância).

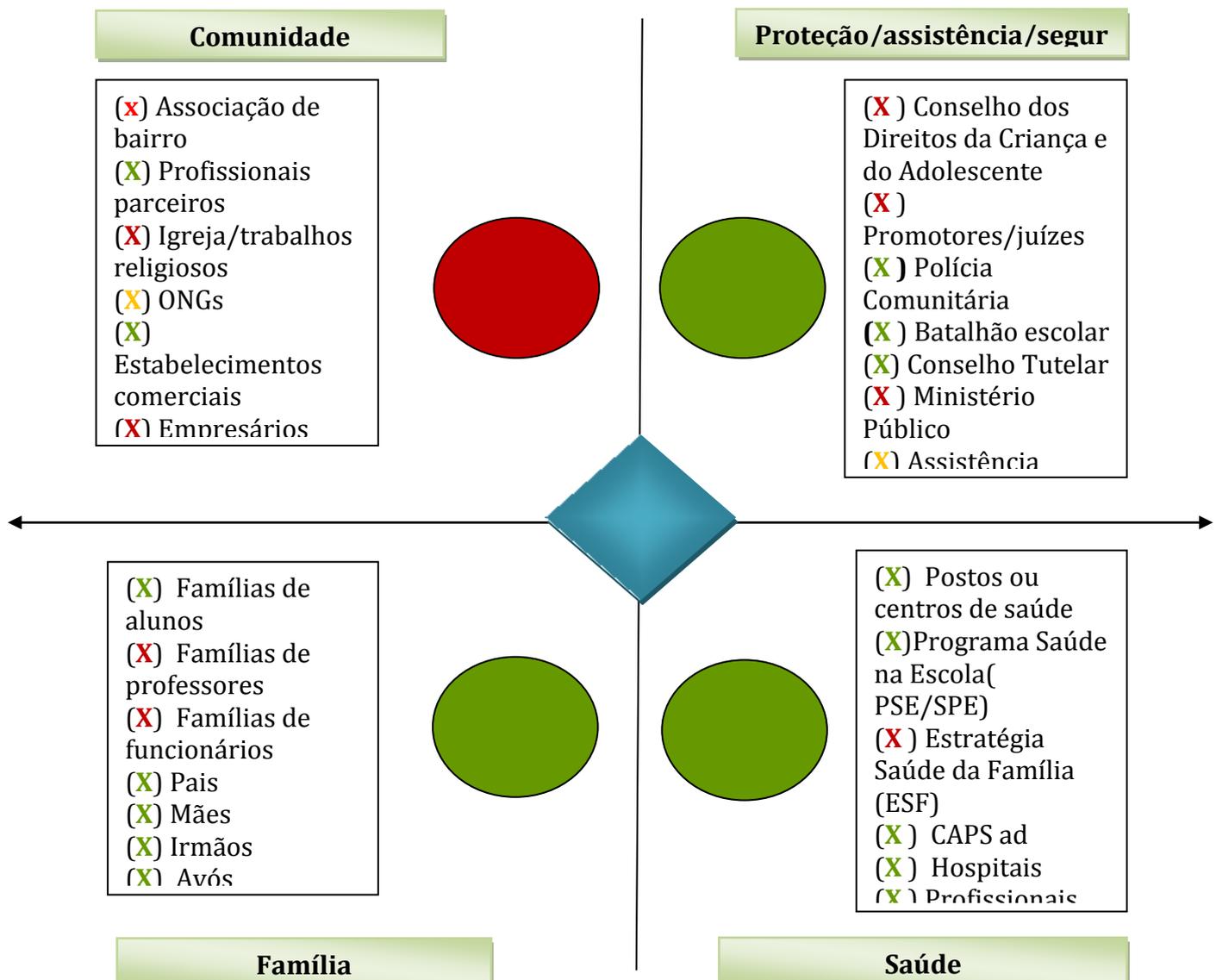


Figura 4. Esquema representativo da rede externa da escola "G".

* Outro – Caps Infantil e parcerias com universidades (UNIP/PUC).

ESCOLA H

Os professores da EMEF "H" iniciaram alertando sobre o grave problema enfrentado pela sociedade moderna, com relação às drogas (lícitas e ilícitas), sendo, em sua opinião, necessário unir forças no combate à essa vilã que atinge, de forma crescente e assustadora, os jovens, que porventura ingressam precocemente no submundo que a mesma proporciona. Entretanto, ponderaram que a ideia não seria travar um combate frontal – que

compete às autoridades policiais. Assim, a proposta seria estabelecer uma forma preventiva de construção de conhecimentos e atitudes saudáveis que pudessem garantir ao jovem uma atuação fortalecida frente às tentações que lhe afligem.

Na intenção de tomar conhecimento acerca dos efeitos, da legislação e da melhor forma de atuar no contexto social das drogas, os educadores da escola “H” buscaram a perspectiva de que “prevenir seria o melhor remédio”. Para tanto, pensaram as ações que seriam efetivadas dentro do contexto escolar, com intuito de abordar, porém sem confrontar, tal temática com naturalidade, proporcionando aos jovens horizontes diferentes dos que a maioria conhece.

Dessa forma, idealizaram várias situações, onde os professores, auxiliados pelos demais colegas escolares, formariam uma força tarefa em prol da saúde e do bem-estar, por meio do desenvolvimento cognitivo e físico, estabelecendo parceria da escola com alunos, família e comunidade, gerando uma rede social onde o jovem pudesse se sentir protegido.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A escola “H”, situada região norte da cidade de São Paulo, funcionava em dois turnos, atendendo a crianças de 6 a 14 anos, matriculadas no 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sendo o ciclo II no turno matutino (7h às 11:50h), e o ciclo I no vespertino (13:30h às 18:20h).

Os profissionais da escola “H” informaram que a escola estava adequando o ensino a crianças da faixa etária dos nove anos, contando ainda com o atendimento a outras com algum tipo de deficiência nos dois turnos.

Ademais, acrescentaram os educadores da escola “H”, ter observado uma quantidade maior de alunos matriculados no ciclo II - 5ª a 8ª séries (6º ao 9º anos) - com maior, porém não expressivo, número de alunos matriculados na 7ª série, havendo distribuição quase uniforme entre as demais séries.

A equipe de profissionais da escola “H” observou ainda que, na quantificação entre todas as séries por gênero, percebeu-se uma quantidade

maior de meninas matriculadas nas diversas séries. Além disso, os alunos residiam, em geral, próximos à escola e provinham de famílias, muitas vezes, desestruturadas e até mesmo de abrigos infantis, onde estavam sob a guarda da justiça.

Para eles, o fato de a escola estar situada em uma área econômica de transição situada entre um bairro de classe média alta e outro abrangendo população de baixa renda, poderia explicar a ausência, ou a distância, de equipamentos públicos de lazer. Diante disso, acrescentaram que a quadra da escola era utilizada aos finais de semana como um desses meios de lazer, o que, em sua opinião, refletia na postura dos alunos com relação à escola, pois a enxergavam mais como um evento social do que como um local de aprendizagem propriamente dito.

Na concepção dos educadores da escola “H”, a presença dessa área econômica mais desenvolvida era, talvez, responsável por uma desvirtuação do conceito de sucesso e fracasso, onde o estudo, a dedicação e o trabalho seriam postos de lado, dando-se valor a conceitos, como o famoso “jeitinho brasileiro”, para se conseguir o que se queria, gerando para os docentes um problema, ao tentarmos cativar tais alunos para a participação e dedicação aos estudos.

Os profissionais da escola “H” afirmaram ter conhecimento de que o entorno da escola apresentava pontos de venda de drogas e usuários nas redondezas, acrescentando ainda que, no ano anterior, tiveram problemas relacionados ao consumo de drogas dentro da escola, destacando que a abordagem da situação não foi das melhores, o que os motivou ainda mais a realizarem o curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas.

Com o objetivo de sanar as dificuldades elencadas, a equipe da escola “H” pontuou que procura manter contato frequente com as famílias dos alunos, ressaltando que os pais dos alunos do ciclo I eram muito mais presentes do que os pais de discentes do ciclo II, onde os conflitos ocorriam mais frequentemente.

Ademais, os profissionais responsáveis pela escola consideraram que o desempenho dos alunos poderia ser caracterizado como mediano, em virtude de haver uma parcela de alunos “muito bons e participativos” e outra de “não tão participativos e aplicados”, contudo, em alguns pontos, o

desempenho estava dentro do esperado pelo professor. Esclareceram ainda os educadores que as avaliações externas realizadas comprovaram tal expectativa, já que a escola alcançou, no IDEB 2011, o índice de 4,5 para o ciclo II - cuja meta era de 4,1 - e o ciclo I, cuja meta era de 4,9, alcançou 5,0, indicando crescimento, resultado de um trabalho em equipe que vinha sendo desenvolvido pela equipe atual, refletindo em uma política de estímulo à aprendizagem e aproveitamento dos alunos.

Com relação ao relacionamento dos estudantes com professores e funcionários, os educadores da escola “H” destacaram que era amistoso, de maneira que, sempre que surgiam conflitos ou contratempos, estes eram rapidamente sanados, contando ainda com o apoio dos familiares, para que não se perdesse o mínimo de convívio harmonioso que foi alcançado pela escola.

A escola “H” também proporcionava aos alunos eventos sociais externos, tais como: mostra cultural, saraus, festas típicas, saídas pedagógicas a centros culturais, museus, parques, Bienal do livro, etc.; e internos, representados pelas festas que ocorriam na escola, principalmente aquelas abertas à comunidade. Ressaltaram que nestes era notória uma grande adesão.

Em virtude do horário restrito de aula do Fundamental II, os professores da escola “H” afirmaram ter sentido falta de maior contato com os alunos, permitindo que os conhecessem melhor, justificando que os eventos promovidos pela escola constituíam uma forma diferenciada de interação com esses discentes. Ademais, destacaram que, por meio das saídas pedagógicas promovidas, tentaram instigar a curiosidade e busca dos educandos, aproveitando ainda para perceber se havia interesse pela atividade realizada. Ademais, outra forma de contato mais próximo com os alunos eram os projetos (grupos de estudo, recuperação paralela, esportes, xadrez, etc.) coordenados pelos professores no contra turno.

Foi ressaltado ainda que, ao longo do desenvolvimento dos projetos supracitados, devido, em parte, ao número reduzido de discentes atendidos, o contato entre professor e aluno se estreitava, permitindo que o aluno estivesse mais propenso a se abrir, expondo assim seus temores e dificuldades. Dessa forma, os educadores aproveitaram o ensejo para atuar

nesse campo, onde, por meio do diálogo, tentaram intervir de maneira a ajudá-los.

Por meio desse contato mais íntimo, os professores da escola “H” ponderaram que seria possível traçar projetos voltados ao desenvolvimento das habilidades dos alunos, procurando superar seus temores e dificuldades. Assim, para eles, uma das estratégias que poderia ser utilizada na aproximação com os discentes seria conhecê-los melhor por meio de sondagens, partindo de seus interesses e observando seus anseios e expectativas, para então adequá-los ao conteúdo desenvolvido nos projetos.

ASPECTOS TEÓRICOS/ REFERENCIAL

Os educadores da escola “H” utilizaram em seu projeto o modelo sistêmico de prevenção, justificando que, de acordo com seu ponto de vista, desenvolver um trabalho de prevenção do uso de drogas envolvia conhecimento e formação continuados acerca do contexto social no qual estavam inseridos.

Dito isso, afirmaram ter buscado no livro texto do Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores da Escola Pública os referenciais bibliográficos para ampliar tal conhecimento, bem como na Política Nacional sobre as Drogas.

Aliado aos recursos destacados, buscaram ainda apoio em textos pedagógicos que os orientaram no reconhecimento das dificuldades escolares decorrentes da situação em que o aluno se encontrava, pois conforme SENAD (2012, p.28), as ações que ocorrem no processo educativo são determinadas por múltiplas influências, não só ideológicas, mas históricas, econômicas, jurídicas, políticas e sociais.

Haja vista que aluno e professores não estão livres das ações externas, podendo e devendo, contudo, no contexto escolar, criar situações que permitam a interação, a socialização e o crescimento intelectual, os educadores da escola “H” esclareceram que, para a implantação do projeto de prevenção do uso de drogas, lançariam mão de seus conhecimentos pedagógicos, bem como atentar-se-iam para as abordagens significativas nos conteúdos que permitissem o diálogo aberto e franco entre professores e

alunos, na construção de um único objetivo em saúde, de forma integrada ao ambiente escolar.

OBJETIVOS GERAIS

- Elaborar, implantar e difundir na comunidade escolar o projeto de prevenção do uso de drogas na escola, a partir do ano letivo de 2013;
- Aumentar o conhecimento da comunidade escolar sobre um assunto tão presente na vida das crianças e adolescentes, buscando o apoio de parcerias na busca de aumento na qualidade de vida;
- Difundir a ideia de que uma das maiores armas na luta contra as drogas é a informação, de forma clara e acessível a todos, bem como a união família-escola-adolescente;
- Tornar o jovem um multiplicador de ideias saudáveis e preventivas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Envolver o corpo docente neste projeto de prevenção, demonstrando que, em diversos momentos do ano letivo, é possível trabalhar e desenvolver o tema;
- Socializar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso aos colegas e demais agentes escolares no início do ano letivo;
- Integrar o tema drogas às disciplinas curriculares, através de ações comuns às turmas, além dos 8º e 9º anos especificamente, por meio do conteúdo trabalhado na disciplina Ciências;
- Apresentar aos educandos, através dos projetos vigentes na escola em 2013, um espaço para vivenciarem seus anseios e expectativas, através da dança, do teatro, do xadrez, basquete e outras oficinas oferecidas;
- Utilizar os espaços escolares e horários no contra turno para formar um grupo de alunos multiplicadores da experiência de uma vida saudável e culturalmente desfrutável para os alunos do Ensino Fundamental II;

- Propor ao grupo de Saúde na Escola a geração de uma abordagem para o tema, juntamente com as palestras já disponíveis para todos os alunos;
- Integrar a família na dinâmica escolar, através da reunião de pais, Conselhos de classe e eventos abertos à comunidade (Mostra Cultural, Festa Típicas, etc.);
- Estimular os alunos do Ensino Fundamental I a uma vida saudável, através da alimentação, higiene, comportamento, cooperação, convivência, com intervenções nas diversas disciplinas;
- Apresentar e registrar os trabalhos desenvolvidos no decorrer do ano na Mostra Cultural (outubro de 2013).

DEFINIÇÃO DOS SUJEITOS

- Inicialmente, os professores, agentes escolares (gestores e equipe escolar como um todo);
- Em um segundo momento, os alunos de Ensino Fundamental I e II, através das propostas apresentadas para abordagem do tema;
- Por último, mas não menos importante, a comunidade escolar, com a apresentação dos resultados e avanços do projeto.

METODOLOGIA

Tendo em vista a estrutura da escola “H”, além do apoio dos gestores, foi idealizado como eixo de ação a *Integração da prevenção no currículo escolar*. Para tanto, adotou-se o modelo sistêmico de prevenção, onde atuariam na formação dos atores escolares por meio de uma abordagem preventiva, apresentando as maneiras de enfrentamento das situações de forma reflexiva e integrada.

Por ser uma atividade extracurricular, os educadores da escola “H” consideraram que seria possível manter um diálogo mais afinado entre alunos e professores. Para tanto, seria necessário um trabalho prévio de conscientização acerca da importância do tema, além da possibilidade de se

trabalhar com ele em diversos momentos, propondo que, mais do que um tema transversal, ele passasse a ser item integrante do currículo escolar. Todo esse trabalho possibilitaria que os professores, mesmo os que não participaram do curso, tivessem a possibilidade de formar jovens multiplicadores.

A partir dessa formação inicial, passariam a atuar nas ações e projetos diversos dentro do contexto escolar, com o intuito de se criar uma cultura preventiva, com valorização do ser e da vida, estimulando bons hábitos e uma vida saudável, inclusive com o apoio do grupo de saúde na escola.

Destacaram ainda que pretendiam apresentar um teatro na Mostra Cultural da escola, onde o grupo de dança também participaria, apresentando o resultado do trabalho em grupo, evento que seria aberto à comunidade.

Finalmente, a equipe da escola “H” acrescentou que os grupos de estudo formados pelas componentes curriculares Geografia e História abordariam as consequências econômicas, financeira e social das drogas na humanidade, propondo ações dentro do contexto escolar que proporcionariam a abordagem do tema de forma salutar e contínua voltada à construção de uma cultura de bem viver.

ANEXOS

ANEXO I

Pesquisa feita com 41 alunos do Ensino Fundamental I (5º ano) em
14/11/2012



Figura 5. Gráfico sobre conhecimento do uso de drogas por alunos do 5º Ano.

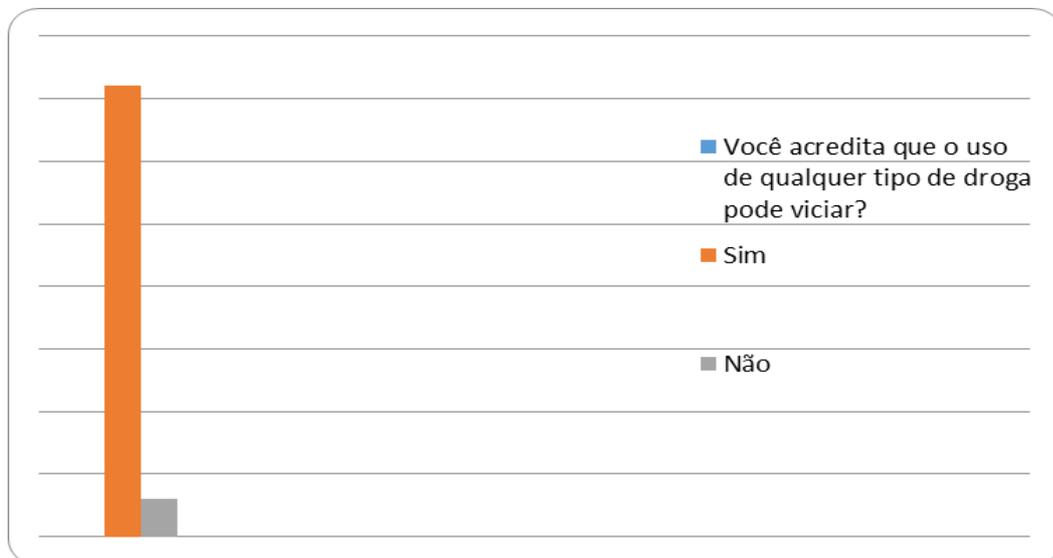


Figura 6. Gráfico sobre conhecimento do vício em drogas por alunos do 5º Ano.

Marque com um "x" as opções que você classificaria como drogas:

- a) Maconha
- b) Cocaína
- c) LSD
- d) Bebidas Alcoólicas
- e) Remédios
- f) Crack
- g) Cola de sapateiro
- h) Heroína
- i) Ecstasy
- j) Cigarro
- k) Café

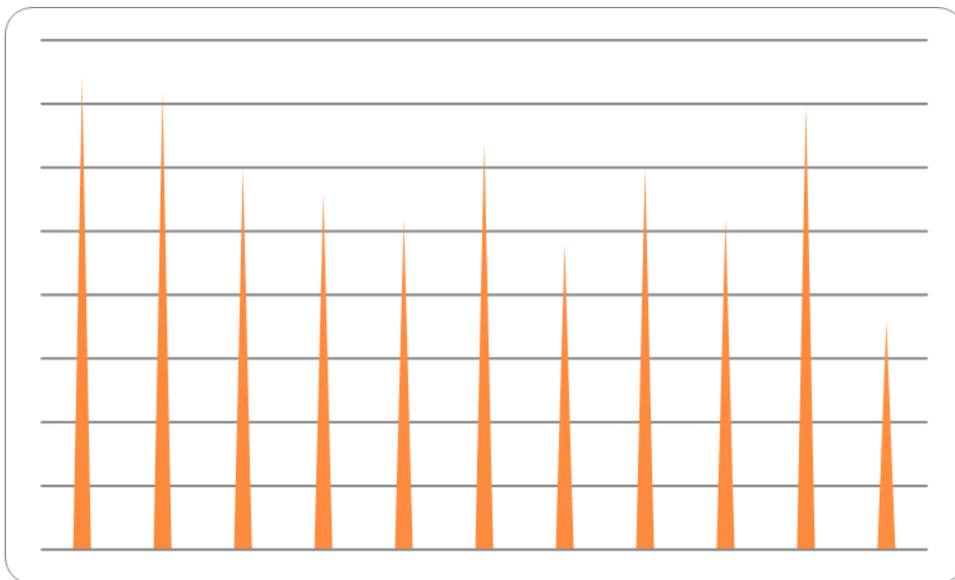


Figura 7. Gráfico sobre conhecimento das drogas por alunos do 5º Ano.

ANEXO II

Pesquisa feita com 188 alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos) em 14/11/2012

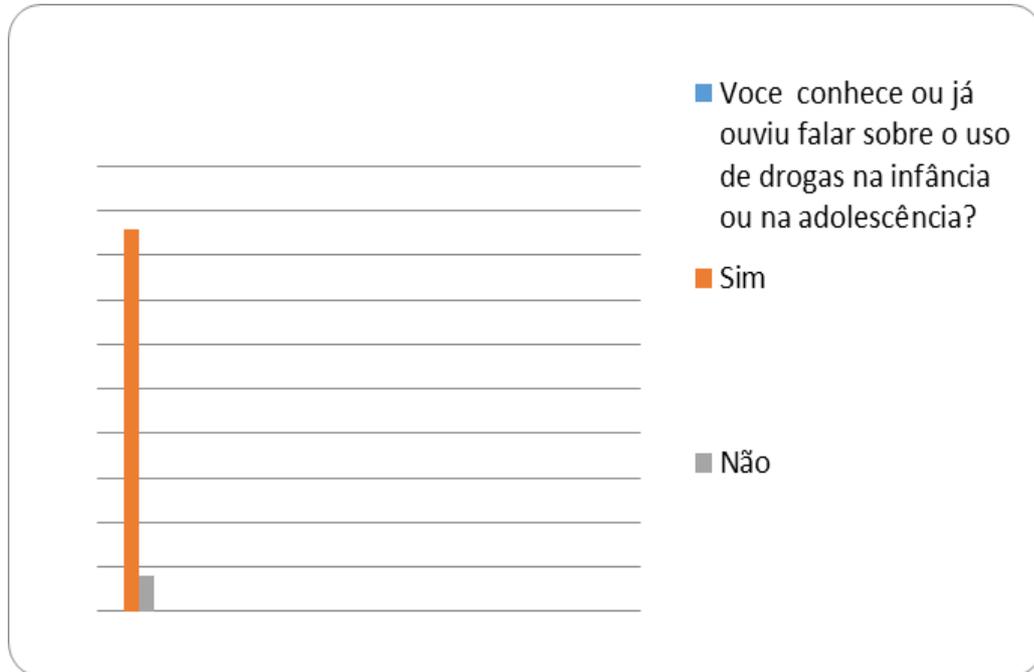


Figura 8. Gráfico sobre conhecimento do uso de drogas por alunos do 6º ao 9º Anos.

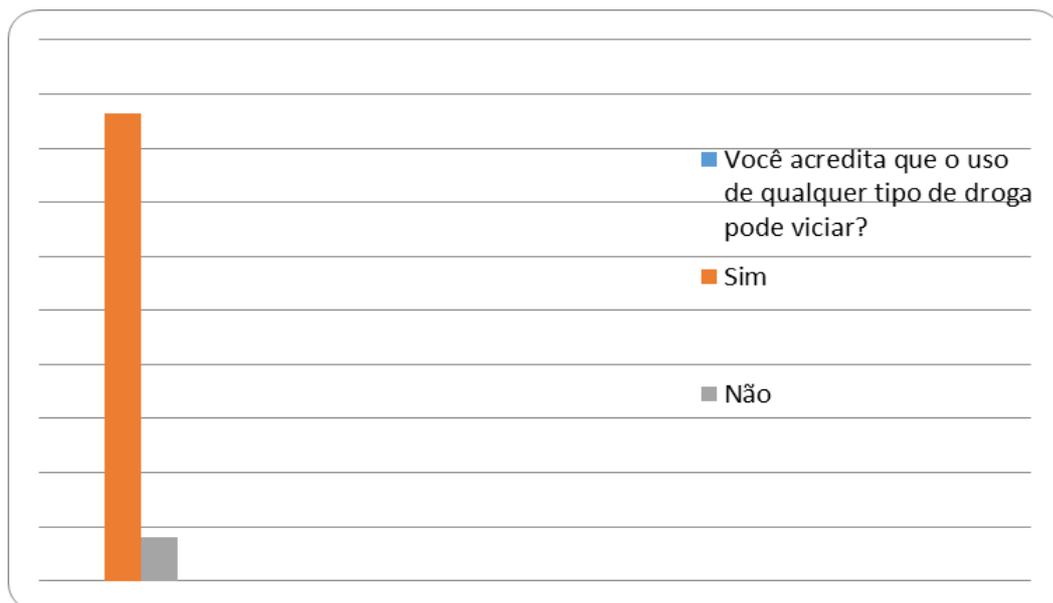


Figura 9. Gráfico sobre conhecimento do vício em drogas por alunos do 6º ao 9º Anos.

Marque com um "x" as opções que você classificaria como drogas:

- a) Maconha
- b) Cocaína
- c) LSD
- d) Bebidas Alcoólicas
- e) Remédios
- f) Crack
- g) Cola de sapateiro
- h) heroína
- i) Ecstasy
- j) Cigarro
- k) Café

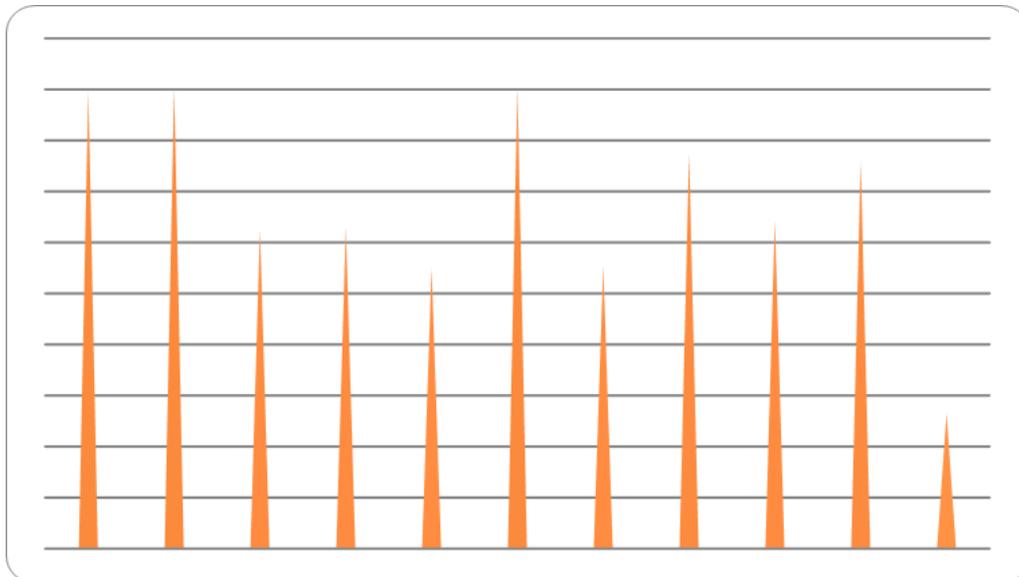


Figura 10. Gráfico sobre conhecimento das drogas por alunos do 6º ao 9º anos.

Escola I

A EMEF "I" atua com os Ensinos Fundamental I e II, além da EJA. No nível I, a escola atende a 339 alunos, distribuídos entre 1º a 4ª séries; no

nível II tem 627 discentes matriculados, distribuídos da 5ª a 8ª séries; e na EJA, 369 alunos, totalizando 1335 atendidos pela unidade escolar. De maneira geral, há um equilíbrio entre meninos e meninas nas turmas.

De acordo com a equipe escolar, a escola “I” atendia a um público de nível econômico baixo (população de baixa renda), sendo muitas famílias constituídas por pais separados, a maioria com empregos informais, autônomos, trabalhadoras domésticas, e outros, sem carteira assinada.

Quanto aos aspectos socioculturais, informaram que a comunidade não dispunha de muitos espaços destinados a transformações sociais, sendo a escola o único ambiente utilizado pelos alunos para socialização.

Além disso, acrescentaram que praticamente 99,9% dos alunos residiam na região, próximos à escola, o que, de acordo com eles, possibilitava um contato mais facilitado com pais e familiares que, esporadicamente, eram convidados a comparecer à escola.

Foi apontado ainda que o desempenho escolar dos alunos era baixo. Para tanto, a escola desenvolvia um projeto de reforço, com fins a auxiliar o processo de aprendizagem. Contudo, os educadores da escola “I” apontaram a necessidade de se desenvolver outros projetos semelhantes que visassem ampliar o conhecimento dos discentes.

Quanto ao relacionamento dos alunos com professores e funcionários, os educadores da escola “I” não apontaram problemas, afirmando que, em geral, era muito bom, embora ocorressem casos isolados de indisciplina, que eventualmente levavam a discussões e atitudes de rebeldia dos discentes.

Acrescentaram ainda que principal interesse dos alunos se relacionava à prática de esportes. Assim, com intuito de incentivar tal prática, a escola participava de campeonatos interescolares. Entretanto, ressaltaram que, fora do período letivo, poucos alunos participavam de atividades extraescolares. Ademais, observaram que havia, nas proximidades da escola, um CEU, contudo as atividades não eram direcionadas às crianças.

Os profissionais da escola “I” apontaram conhecer bem seus alunos, buscando, sempre que possível, o diálogo sobre diversos assuntos relacionados ao seu dia-a-dia fora do espaço escolar, aconselhando quando necessário.

Acrescentaram ainda que acreditavam que a escola poderia ter mais momentos e atividades de descontração, para que os alunos pudessem

perceber e sentir sua preocupação voltada sobretudo ao desenvolvimento de sua cidadania.

Contextualizando a escola

A equipe de profissionais da EMEF “I” afirmou tratar-se de uma escola com 55 anos de idade, localizada em bairro da periferia de São Paulo, fazendo divisa com outro município próximo. Sendo a primeira escola pública do bairro, apresentava como característica principal o atendimento à demanda de uma comunidade em desenvolvimento, que se viu obrigada a se adaptar ao progresso dos últimos anos.

Além disso, eles ponderaram que suas instalações, por se tratarem de construção antiga, não permitiam muitas intervenções. Ademais, inexistiam muros ao redor da escola, mas apenas engradados, o que favorecia a interação entre pessoas do ambiente externo à escola com os alunos. Dessa forma, justamente por apresentar um espaço físico de fácil acesso por estranhos, a escola enfrentava problemas como, por exemplo, o uso da quadra e das áreas externas para o consumo e tráfico de drogas.

O funcionamento da escola dividia-se em três turnos, sendo que os Ensinos Fundamental I e II ocorriam nos períodos matutino e vespertino; e a EJA no noturno.

Os educadores da escola “I” apontaram ainda a existência, nos arredores da escola, de residências e comércios, que, em virtude de se localizarem em locais privilegiados no bairro, acabavam atraindo para o muro da escola muito comércio informal, dentre eles a venda de álcool e outras drogas.

Também foi relatado que a escola “I” ainda não apresentava um projeto dirigido especificamente à prevenção do uso de álcool e drogas, apesar de prever, em seu PPP, a criação de projetos que envolvessem os alunos em atividades que os mantivessem afastados de qualquer situação de risco. Diante do exposto, desenvolvia projetos de xadrez, coral e rádio, todos fora do horário das aulas, estando ainda em fase de experimentação o professor/mediador, nos horários de aula, para auxiliar na resolução de

conflitos diários e, conseqüentemente, na prevenção de problemas que os colocassem em situação de risco.

Os profissionais da escola “I” relataram ainda que contavam com recursos pedagógicos diferenciados, tais como jogos e aparelhos elétricos (*data show*, som, etc.), além dos espaços físicos das salas de vídeo, informática, leitura e apoio pedagógico (onde ocorria a Recuperação Paralela).

De acordo com sua opinião, as relações interpessoais eram boas, justificadas por uma equipe de professores que já estavam há muitos anos na escola e, portanto, em contato direto com os alunos do Ensino Fundamental II, o que permitia o estabelecimento de uma relação de afetividade muito grande. Entretanto, foram também relatados pelos educadores da escola “I” casos de professores e funcionários que apresentavam dificuldades em estabelecer vínculos com os alunos, o que causava certa resistência e pouco envolvimento nos projetos desenvolvidos na escola.

Em geral, o envolvimento e o compromisso dos professores, funcionários e alunos com a escola eram tidos como muito bom, entretanto, considerando os pais e a comunidade, esses fatores deixavam a desejar.

Ao realizar um histórico da escola, os educadores supracitados descobriram que a escola tinha, há muitos anos, o apoio da comunidade e dos pais, com participação efetiva no ambiente escolar. Contudo, nos últimos anos os pais foram progressivamente se afastando, sendo que a justificativa apontada foi que isso ocorreu devido ao grande número de mães que necessitaram trabalhar fora de casa e, assim, não tinham tempo de participar das atividades escolares. Além disso, muitos pais não compareciam à escola nem mesmo quando eram convocados em virtude de ocorrência envolvendo o filho.

Outro ponto importante destacado pelos profissionais da escola “I” era que muitas famílias, quando convidadas a participar da vida escolar, mesmo que limitado às reuniões de pais, Conselhos de classe, APM, não demonstravam interesse. Os educadores afirmaram que a impressão que tinham era que o que interessava, de fato, era que seu filho estivesse na escola e terminasse o Ensino Fundamental. Entretanto, a maneira como isso ocorreria, infelizmente, não parecia ser a preocupação da maioria.

Diante do quadro supramencionado, podia-se depreender alguns motivos de os alunos viverem em situação de risco. Os professores da escola “I” acrescentaram que, apesar de não terem dados estatísticos, a utilização de drogas na comunidade era muito grande, levantada a partir da vivência diária com usuários ao redor da escola, sem contar os depoimentos de alunos sobre o uso de álcool e drogas por colegas e suas famílias, o que constituía motivo de preocupação, pois havia a necessidade de se pensar sobre como seria o futuro desses alunos diante da realidade vivenciada, onde a presença do tráfico certamente acarretaria elevação do risco de envolvimento com a violência na escola e seus arredores.

De acordo com as informações que dispunham, além de dados empíricos, as drogas mais consumidas no âmbito da comunidade eram álcool e tabaco, seguidos da maconha e do crack. O uso dessas drogas era intenso e, quanto aos tipos de usuários, eram constituídos, em sua maioria, por dependentes, embora existisse um grande número de usuários experimentadores.

Como consequências dessa realidade na comunidade, os profissionais da escola “I” destacaram a evasão escolar, acompanhada de elevados conflitos dentro e fora da escola, a exemplo de indisciplina e violência familiar.

Infelizmente, em sua perspectiva, as pessoas não estavam preparadas para lidar com a situação do uso de drogas, sendo o preconceito ainda muito grande e, para muitos, o usuário era tido como uma pessoa que “não tinha jeito” e que não sem possibilidade de resgate. Porém, por outro lado, existia na escola um grupo grande de pessoas que tentavam, de qualquer maneira, buscar soluções para encarar tal problema, mesmo que o fizesse simplesmente através da atenção, carinho, compreensão e orientação dos alunos, sem distinção ou julgamento.

Ressalvaram ainda os educadores que sua escola nunca realizara um trabalho preventivo com relação ao uso de drogas, apesar de esporadicamente ocorrerem debates, durante reuniões pedagógicas, leituras de textos, vídeos, etc. Contudo, nada que envolvesse diretamente o alunado em trabalhos acerca dessa temática.

Ainda de acordo com eles, as drogas lícitas apareciam em sua comunidade escolar, havendo inclusive casos de professores e funcionários

usuários de álcool, tabaco e medicamentos, os quais acabavam por comprometer o comportamento desses profissionais.

Relatou ainda a equipe da escola “I” que o uso de drogas, em geral, era grande na comunidade, problemática que atingia diretamente seus alunos e, conseqüentemente, o desempenho escolar dos mesmos.

Assim, visando melhor compreender a temática de prevenção do uso de drogas, esses educadores buscaram, através dos referenciais teóricos extraídos dos textos utilizados ao longo do curso - além das discussões em grupo - fazer uma análise de maneira a encontrar a melhor forma de se desenvolver um projeto de prevenção que contemplasse a realidade da escola.

Destacaram esses profissionais que o projeto em tela considerou que, para promover uma educação para a saúde, dever-se-ia realizar um desenvolvimento em rede, envolvendo, além da escola, amigos e comunidade, seus familiares, por meio de abordagem sistêmica.

Como referencial teórico, o primeiro princípio destacado foi o da promoção da saúde, sistematizado em três eixos: educação para a saúde; prevenção da doença e promoção da saúde (conceito mencionado na *Carta de Ottawa*).

Ademais, destacaram os educadores que na escola “I” o conceito de promoção da saúde era trabalhado através de palestras, apresentadas por profissionais da área de saúde, trazidos pelos professores de Ciências. Tais profissionais (enfermeiros e psicólogos da Unidade Básica de Saúde do bairro, que participavam de projetos financiados pelo SUS), tratavam de assuntos como gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis.

A equipe escolar destacou ainda que a Política Nacional sobre Drogas tinha como prioridade realizar ações comunitárias, por meio da valorização da participação dos jovens e da comunidade como um todo. Assim sendo, era de extrema importância a cooperação da rede interna da escola, por meio de trabalho coletivo, onde fosse possível o desenvolvimento, de forma tranquila e organizada, de projetos de prevenção do uso de drogas, buscando abordagens através de estratégias que lançassem mão de recursos da comunidade (ações coletivas, cooperações e parcerias).

Foi destacado ainda que o projeto de prevenção de uso de drogas desenvolvido tinha como objetivo principal ampliar o conhecimento dos alunos do Ensino Fundamental II sobre o álcool e outras drogas.

Para tanto, a metodologia utilizada pelos educadores da escola “I” para a realização do projeto foi pesquisa, palestras, oficinas e dinâmicas sobre os diferentes tipos de drogas, com destaque especial para tópicos tais como: a presença dessas drogas em nosso dia a dia; os efeitos das drogas no organismo e as consequências (físicas, pessoais e sociais) de seu uso.

Para que o objetivo proposto pelos profissionais fosse alcançado, buscou-se a cooperação geral dos funcionários da escola, bem como a parceria com a família e a comunidade. Assim, o projeto buscou uma conscientização, por parte da rede interna e externa da escola, acerca dos fatores de risco e de proteção de seus alunos dentro e fora da escola, procurando conhecer esses fatores, de maneira a auxiliar na prevenção do uso de drogas.

O supramencionado projeto pretendeu atingir principalmente os alunos do Ensino Fundamental, com a pretensão de atingir também as famílias dos alunos. Para tanto, os educadores da escola “I” desenvolveram atividades (seminários, apresentação de filmes, teatro e palestras realizadas pelos alunos, professores e profissionais da saúde, que seriam convidados pela escola) junto aos alunos, voltadas para a comunidade em que a escola estava inserida.

Considerando que a escola é um espaço privilegiado para a construção do sujeito e da promoção da saúde, ponderaram os profissionais da escola “I” que falar sobre saúde na educação deveria ser uma constante, pois quando tal prática educativa está presente, promove-se o fortalecimento do sujeito na busca da autonomia, protagonismo social e vivência plena da cidadania.

Durante as reuniões da escola, a equipe da escola “I” teve oportunidade de apresentar a proposta para seus colegas. Além disso, eles apresentaram uma cartilha para os pais, discutiram outras atividades a ser realizadas com os pais durante as reuniões de pais, buscaram realizar atividades que conscientizassem os pais, principais responsáveis pelo bem-estar de seus filhos.

Anexos

Rede interna da escola

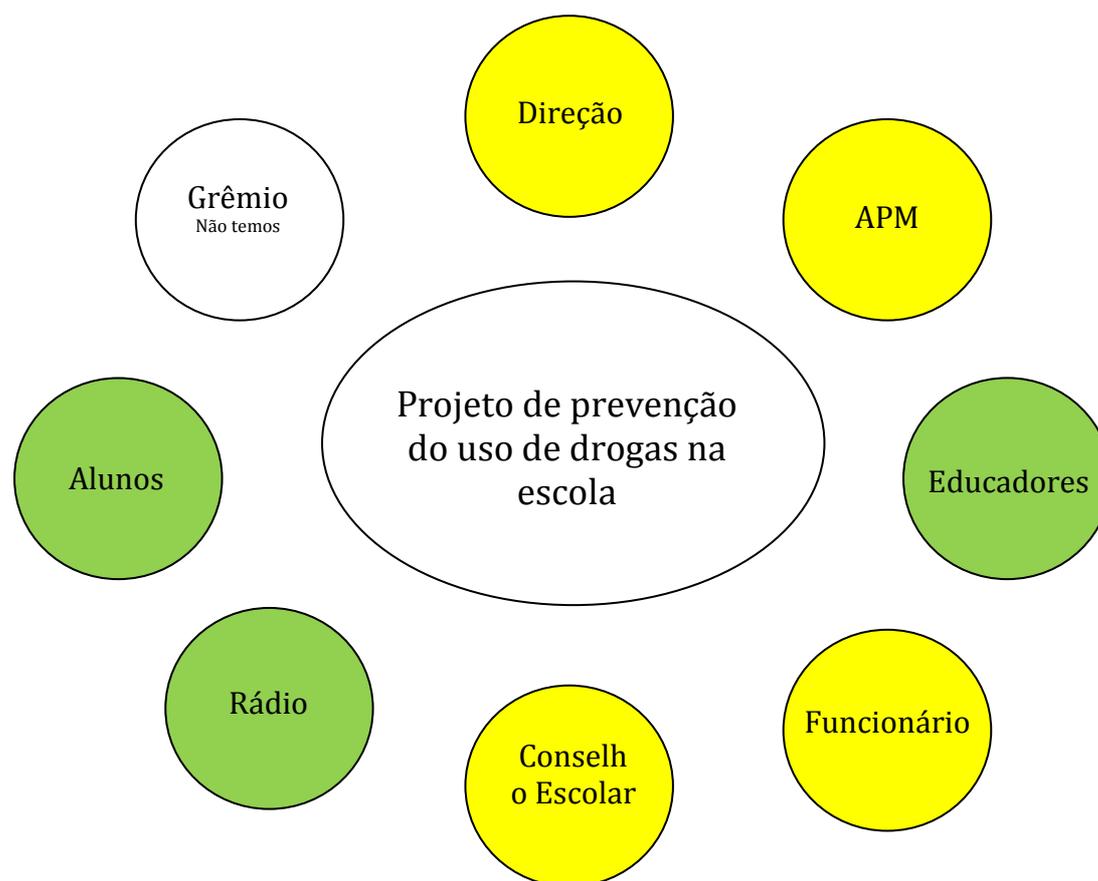


Figura 11. Esquema representativo da rede interna da escola "1".

Rede externa da escola

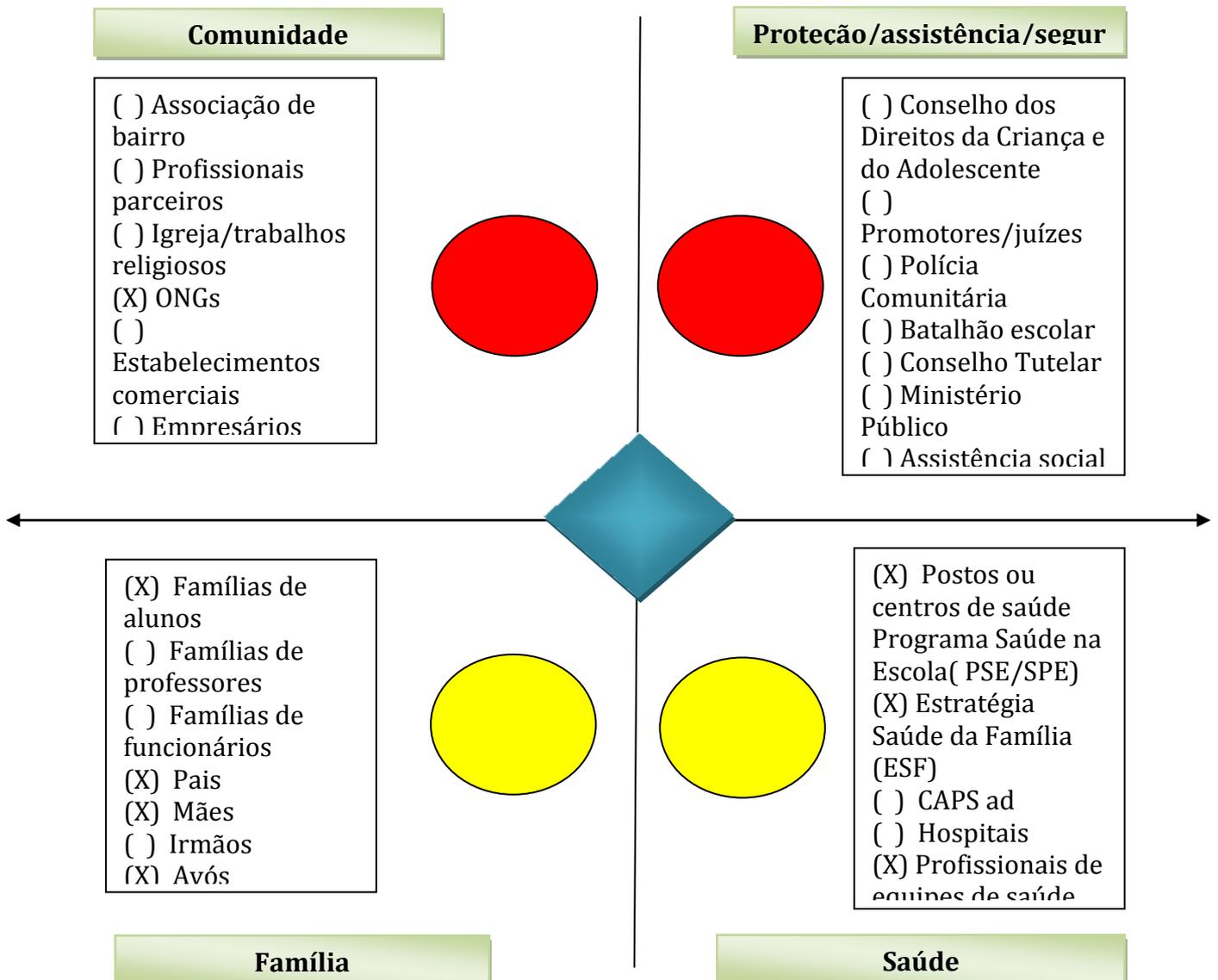


Figura 12. Esquema representativo da rede externa da escola "I".

Fatores de proteção: pontos fortes da minha escola	Fatores de risco: pontos fracos da minha escola
1. Existência de normas, regras, limites, previstas no PPP.	1. Não existe coerência entre os professores, diretores e servidores na aplicação das regras e normas escolares.
2. Estímulo à prática das atividades escolares por parte dos professores.	2. Pouca cooperação entre os agentes educativos.
3. Verbalização das expectativas positivas com relação ao desempenho dos alunos.	3. Dificuldade de cooperação na relação entre a família e a escola.
4. Promoção de práticas escolares criativas e estimulantes (projeto xadrez, projeto rádio e coral).	4. Presença de atitudes negativas e preconceituosas por parte de algumas pessoas na escola.
5. Fortes vínculos afetivos entre professor e aluno.	5. Pouca parceria entre a escola e outros setores (comunidade, saúde, ONGs etc.).
6. Professor mediador para lidar com os conflitos entre aluno/aluno, aluno/professor, aluno/funcionário (projeto novo, em fase de experimentação).	6. Medo por parte de alguns funcionários de se envolverem com os “problemas dos alunos” por causa da reação das famílias.
7.	7. Espaço externo de fácil acesso a usuários de drogas.

Tabela 7. Fatores de proteção e risco observados na escola “I”.

Escola J

Na perspectiva do grupo de educadores da EMEF “J”, o Projeto de Promoção de Saúde Integral poderia ser desenvolvido por meio de ações preventivas e medidas educativas articuladas com as políticas públicas, com uma abordagem adequada à realidade atual da comunidade escolar, do entorno e do Brasil.

A equipe escolar teve como meta a implementação do Projeto de Prevenção do uso indevido de drogas com enfoque na saúde integral dos educandos, considerados como público-alvo, a partir da articulação das redes sociais e em consonância com as orientações e diretrizes da Política Nacional sobre Drogas (PNAD) e do Plano Nacional de Educação (PNE).

De acordo com os profissionais da escola “J”, os Educandos do Ensino Fundamental constituiriam o público-alvo, uma vez que a adolescência é compreendida como um período marcado por mudanças e curiosidades sobre um mundo que existe além da família, um momento com tantas novidades atrativas e arriscadas, especialmente o álcool, tabaco e outras drogas.

Para eles, a meta do projeto era preparar os educadores para desenvolverem ações preventivas na escola e fortalecer o protagonismo juvenil. Além disso, afirmaram que seu compromisso era ampliar o nível de informação e de conhecimento sobre drogas e transformar o conhecimento adquirido em ações concretas para a prevenção do uso de drogas e proteção de crianças, adolescentes e jovens e desenvolver um projeto, cuja estratégia seja eficiente na Prevenção no que se refere a retardar o início da experimentação de álcool, tabaco e outras drogas entre os alunos do ensino fundamental.

Assim, considerando o educando como sujeito em desenvolvimento, por meio de fatores tais como: família; escola e políticas públicas; aprofundamento no estudo dos conceitos e abordagens sobre drogas e prevenção do seu uso; integrando teoria e prática no modelo da Educação para a Saúde e das Redes Sociais; promovendo ações que integrem o cotidiano da escola e o processo pedagógico; os educadores da escola “J” afirmaram ter intuito de fortalecer a escola na comunidade, como uma tarefa coletiva na legitimação institucional de todas as ações de prevenção, ação já praticada individualmente por muitos dos educadores.

1.1 - Contextualizando a escola

Conforme relato de seus profissionais, a escola “J”, situada no centro da cidade de São Paulo, foi inaugurada em 28 de fevereiro do ano de 1957.

Sua fundação apresenta três andares, duas quadras esportivas, um pátio interno e uma pequena área externa.

Afirmaram ainda eles que a instituição escolar realizava suas atividades educacionais nos três turnos diários, funcionando ininterruptamente das 7 às 23 horas. Ao todo, a escola apresentava 17 salas de aula, uma sala de leitura, um laboratório de informática, uma brinquedoteca e uma sala de vídeo.

A equipe pedagógica apresentava, ao todo, 74 pessoas, sendo 55 professoras e 19 professores; na área administrativa, operavam 22 profissionais, sendo 13 funcionárias e 9 funcionários; a equipe técnica, por sua vez, era composta por 5 indivíduos, dentre eles uma diretora, duas assistentes de diretor e duas coordenadoras pedagógicas.

A escola apresentava, à época do projeto, 1078 alunos matriculados, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. A distribuição sexual entre os alunos que lá estudavam era bem equilibrada, contendo 226 alunos e 215 alunas (manhã); 199 alunos e 246 alunas (tarde); e 98 alunos e 94 alunas (noturno). A faixa etária dos alunos que estudavam durante o dia estava distribuída entre os 6 e 15 anos. Já a dos alunos que estudam no noturno distribuía-se dos 15 anos até a idade adulta.

Dentre as modalidades de ensino oferecidas, foram destacadas pelos educadores: Ensino Fundamental I e II (4ª às 8ª séries) – total de 8 anos; concomitante ao Ensino Fundamental (1º ao 3º anos) – total de 9 anos; e EJA (1ª etapa – Inicial; 2ª etapa – Alfabética, compreendendo as séries iniciais do ensino fundamental; 3ª etapa – Básica; 4ª etapa – Final, compreendendo as séries finais do ensino fundamental).

1.2 - Conhecendo o educando e identificando a rede de proteção

Historicamente, a equipe profissional da escola “J” apresentou índices abaixo da média nas avaliações externas, tendo, contudo, alcançado as metas propostas para a UE referentes ao aumento da qualidade de ensino, o que, em sua opinião, pode ser comprovado por meio dos números observados no IDEB 2011.

De acordo com o relatado pelos educadores, os alunos da escola “J” eram de classes sociais menos favorecidas. Em pesquisa interna realizada, constataram que mais de 60% deles viviam em habitações com menos de três cômodos em regime de locação. Além disso, a região apresentava índices de violência, com destaque para roubos e drogas. Em virtude de tal quadro social, encontraram famílias destroçadas, com pais mortos ou sob a guarda do sistema prisional.

Nas atividades escolares, professores e corpo técnico conviviam com uma grande quantidade de problemas disciplinares, justificados pelos fatores sociais acima, o que gerava uma falta de perspectiva com relação ao futuro e à importância da aprendizagem. Acrescentaram ainda que tal problemática escolar foi tema de tese de doutorado de pesquisador da FAU/USP, em cujo estudo concluiu-se que a precariedade dos cortiços afetava o desempenho escolar, onde 42% dos alunos da EMEF “J” residiam em cortiços, número que subia para 64% dentre os estudantes reprovados em 2008. Diante disso, o autor do estudo concluiu que quanto menor era o espaço e as condições de moradia, pior era o rendimento escolar.

Foi apontado pelos educadores que, apesar disso, ou até devido a essa razão, a maioria dos alunos da escola “J” gostava de estar na escola, pois era o ambiente onde encontravam seus amigos, onde se sentiam seguros e também realizavam atividades físicas.

Levantaram ainda que o problema da violência no cotidiano escolar afetava as relações de convivência com todos os sujeitos da escola. Contudo, houve destaque para a boa relação de muitos professores e demais funcionários com alunos de comportamento tipicamente agressivo. Ainda assim, muitos professores ao longo do ano adoeciam, devido ao desgaste e desânimo causados pela rotina estressante da dia-a-dia.

Apesar de existirem algumas atividades e eventos gratuitos no grande centro, a comunidade não se sentia pertencente ao contexto cultural. Havia na região algumas instituições que ofereciam projetos que acolhiam uma pequena parcela dos alunos, oferecendo cursos de futebol, artesanatos, dança e outros. Entretanto, alguns alunos precisavam trabalhar para auxiliar a família nas despesas, outros ajudavam a cuidar dos irmãos mais novos para que os adultos trabalhassem.

Inicialmente, os educadores da escola “J” afirmaram que puderam contar com o apoio dos professores da escola que realizaram o curso e, gradativamente, buscar maior adesão entre os demais professores do Ensino Fundamental I e II e EJA, estagiários, professores especialistas, coordenação e direção, além do quadro de apoio, para auxiliar a pensar acerca dos projetos de promoção à saúde existentes no entorno da escola que pudessem ser trazidos para debates, palestras e apresentações aos alunos.

Com o intuito de se instalar uma Rede de Proteção na Escola, os educadores buscaram estabelecer um maior vínculo com os possíveis parceiros (SESC, Igreja, Corpo de Bombeiros Militar e Centro Comunitário), procurando se familiarizar com os diversos projetos existentes na comunidade. De acordo com eles, tais parceiros oportunizaram atividades esportivas no contra turno, sendo que alguns de seus alunos contaram com o apoio extraescolar de ONGs e Centro Comunitário - onde os alunos tiveram alimentação, atividades de informática e outros - além de Casas de Solidariedade - que ofereceram atividades artesanais, esportivas e culturais.

Em 2012, a equipe de profissionais da escola “J” recebeu um grupo de jovens que apresentariam o projeto da Força Jovem Brasil, tendo sido solicitada a quadra esportiva para utilização aos domingos, com eventos que ocorreriam acompanhados de palestras, a exemplo de um bastante interessante, denominado *Driblando o crack nas escolas*.

Acrescentaram ainda que acreditavam nos espaços alternativos como sendo de grande potencial para o estabelecimento de parcerias. Entretanto, ressaltaram que nem todos os alunos participavam desses projetos, sendo que as ruas ainda constituíam o maior atrativo para uma grande parcela daqueles discentes.

Diante do exposto, os educadores da escola “J” procuraram se aproximar de tais instituições, para poder contar com a ampliação e redistribuição das responsabilidades e, assim, atingir uma mobilização significativa no desenvolvimento de seu projeto. Além disso, destacaram que sentiram leniência no atendimento a determinados encaminhamentos dirigidos ao Conselho Tutelar da regional próxima à escola, objetivando solucionar as questões de negligência de determinadas famílias.

Outro ponto importante levantado pela equipe foi a existência de projetos na escola “J” (Teatro, Rádio, Vídeo e Jornal Mural) que, embora

integrados por um grupo de professores interessados, além de uma parcela de alunos, seriam considerados como pontos de partida, servindo como base para a abordagem de questões relacionadas à saúde integral em suas reuniões disciplinares.

Finalmente, foi informado pelos responsáveis que contariam também com as reuniões pedagógicas, rodas de conversa, grupo de formação existente na escola, etc. para debater e refletir sobre como tornar a escola um espaço promotor da Saúde, contando com a participação da comunidade, oportunizada nas reuniões bimestrais.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 - Definindo os Referenciais Teóricos

Os educadores da escola “J” assumiram seu compromisso de educação para a saúde, na busca da consolidação do previsto na política de prevenção do uso de drogas. No entanto, conforme a sua opinião, a Educação não possuía poderes próprios capazes de promover transformações sociais, além de também não possuir estatuto teórico próprio.

Acrescentaram ainda que a educação, como atividade mediadora, situava-se na intersecção entre o individual e o social e, portanto, acreditavam que as ações a serem desenvolvidas na escola deveriam se pautar pela troca e interação entre indivíduo e grupo, em um ciclo contínuo, onde o grupo motivaria e impulsionaria o indivíduo a agir na consolidação da rede de proteção.

Também ressaltaram que o ciclo contínuo de trocas a que se referiam só se manteria caso houvesse condições reais para a manifestação e participação individual dos alunos, por meio do protagonismo juvenil - tipo de ação de intervenção no contexto social utilizado na resposta aos problemas reais, onde o jovem seria sempre o ator principal.

Além disso, destacaram que precisavam aprofundar os conhecimentos sobre os principais eixos metodológicos para a construção do Projeto de Prevenção do Uso de Drogas na escola “J”. Na concepção desses profissionais, o conhecimento deveria ser construído de maneira a

desencadear processos cognitivos, afetivos e sociais, desenvolvendo não somente os alunos, bem como os educadores.

Referenciando Libâneo (1998), afirmaram que a escola deveria assegurar a todos a formação que ajudasse o aluno a transformar-se em um sujeito pensante, capaz de utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades e valores.

Desta feita, na concepção dos educadores da escola “J”, o papel da escola como espaço promotor da saúde deveria ser ampliado, de modo a mobilizar ações que levassem à reflexão acerca do contexto escolar, ambiente de interação entre professores, alunos e comunidade e, portanto, local onde muitas vezes surgem conflitos. Assim, diante do fato observado, que ocorre cotidianamente, deveriam - na condição de educadores - estar sempre preparados para saber ouvir e refletir antes de falar, por meio de pequenas ações e abordagens, através de uma visão sistêmica.

Ressaltaram ainda que no ambiente escolar, diversas vezes era possível identificar modelos que não condiziam com a promoção de saúde (tabagismo, má alimentação, estresse, etc.). Dessa forma, e considerando que é notório que as crianças se formam tomando como base os modelos que tiveram, concluíram que um projeto de promoção à saúde deveria incluir esses sujeitos. Entretanto, diante da complexidade, a escola e seus atores muitas vezes adotavam estratégias que não resolviam nada, por negarem a complexidade da escola na procura de um “bode expiatório”, que ora eram os alunos, ora os pais, ora a esquerda, ora a direita, os políticos, a administração, a hierarquia, etc. Citando Perrenoud (2001), destacaram que ninguém gosta de reconhecer que faz parte do problema, o qual contribuiria para criar, analisar e superar as contradições, porque as complexidades são “os outros”.

Assim, cogitando que, se a escola, além da função de ensinar tem a função social, e enquanto espaço de produção e criação de conhecimento, formador e transformador do ser humano, os educadores da escola “J” afirmaram, então, que se esperaria que esse complexo processo influenciasse, de modo decisivo, a subjetividade humana na adoção de seus valores.

Dessa forma, uma vez que o aprendizado se daria nas relações entre o sujeito e seu meio, de acordo com Moraes (2004, p.248), portanto, haveria

que se estabelecer no sistema escolar relações de confiança e não de poder, pois esta última reproduziria e manteria as relações injustas estabelecidas na sociedade atual.

Acreditando que para garantir e, minimamente, melhorar as condições de vida, além de promover a saúde e o bem-estar de todos os envolvidos, as intervenções deveriam se dar “em rede”, levando um maior número de órgãos a assumir a responsabilidade coletiva, envolvendo não tão somente a direção da escola, bem como professores, funcionários, alunos, famílias, comunidades do entorno, etc. que promova maior integração na perspectiva de um objetivo comum, qual seja o da ação preventiva, os profissionais da escola “J” reiteraram a necessidade de ações tais como: procurar conhecer as drogas em seu sentido mais amplo possível; explorar o contexto socioeconômico e o pensamento, interpretações e singularidades dos alunos; dialogar abertamente, como meio de percepção, reflexão e ação direcionada, através de uma abordagem multidisciplinar constituiriam interessantes objetos de estudo, sendo para eles interessante que todos pesquisassem e explorassem melhor o assunto relacionado à temática das drogas - o que são, como atuam o que causam no organismo de quem as consome.

Diante do exposto, consideraram tais educadores que o foco das ações do projeto seria a comunidade como um todo, constituída pelos alunos do Ensino Fundamental, além de professores e outros colaboradores (equipes de apoio e administrativa). Portanto, em sua concepção, a Escola da Atualidade deveria promover a formação de seus atores (equipes docente, de apoio, administrativa e gestora, famílias e educandos) para atuarem, coletivamente, na prevenção do uso de drogas na escola.

3. OBJETIVOS

3.1 - Objetivos Gerais

- Identificar a escola como espaço promotor da saúde;
- Incentivar o diálogo, criando situações em que todos tenham que exercitar a escuta e o respeito à diversidade de opiniões;

- Reconhecer as potencialidades da escola e seus atores;
- Ampliar o repertório cultural dos alunos;
- Valorizar a abertura da escola para a comunidade na construção de parcerias e na mobilização de redes sociais para um trabalho integrado.

3.2 - Objetivos Específicos

- Utilizar os projetos existentes da escola como espaço de formação de multiplicadores sobre o tema da saúde integral;
- Melhorar a autoestima dos alunos, ampliando seu capital cultural, com mais atividades externas a escolas (visitas a museus, peças de teatro, exposições, estudos do meio, etc.);
- Instrumentalizar os professores da escola para abordarem o tema da saúde integral em suas disciplinas;
- Integrar o tema da saúde e outros temas sociais que favoreçam o desenvolvimento do aluno, no planejamento das atividades escolares;
- Sensibilizar a comunidade escolar quanto às políticas de proteção ao adolescente em situação de risco pelo envolvimento com as drogas, a partir da perspectiva do conhecimento do ECA.

Para tanto, fazia-se necessário desenvolver um projeto de organização e construção de conhecimentos baseado na concepção de que o papel do educador não é trabalhar com o dependente e sim realizar ações que retardem ou evitem a experimentação de drogas pelos estudantes, sendo fundamental que os professores considerem os jovens como integrantes de um projeto dessa natureza.

4. METODOLOGIA

4.1 - Definindo a metodologia e as ações preventivas

Após discussão da equipe da escola “J”, e tomando como base os estudos e levantamentos realizados durante a confecção do projeto, optaram por utilizar dois dos eixos metodológicos sugeridos:

- Eixo 1: Participação juvenil e formação de multiplicadores

Para tanto, utilizaram o Programa Ampliar, que, em sua escola, era realizado por meio de oficinas tais como: Reforço Escolar, Jornal Mural, Rádio, Teatro e Vídeo, realizadas com alunos da escola, de forma voluntária, no contra turno escolar.

Em seguida, justificaram que, nas oficinas apontadas, objetivaram trazer à tona os temas de Saúde Integral, para serem abordados nos grupos de discussão e, posteriormente, disseminados aos demais membros da comunidade escolar, por meio dos jornais, programas de rádio, vídeos e peças de teatro produzidas pelos alunos. Ademais, no reforço escolar, o tema da saúde seria utilizado como suporte ao trabalho de estudos de recuperação paralela.

Assim, idealizaram que, tanto na frente de trabalho (através de mídias e teatro), bem como no reforço escolar, esses alunos se tornariam multiplicadores dos conceitos trabalhados, podendo influenciar positivamente os seus círculos de convivência (amigos e família), formando grupos construtivos.

Na mesma linha de raciocínio, também contariam com a participação de parceiros como o SESC, que ministraria oficinas na escola, além de oferecer atividades culturais no contexto de determinado projeto de arte.

Com isso, esclareceram que pretendiam fortalecer as atividades educacionais fora do âmbito escolar, almejando ampliar o capital cultural do adolescente, que influenciaria diretamente na sua autoestima, favorecendo o seu afastamento de grupos destrutivos.

- Eixo 2 - A integração da prevenção no currículo escolar

O segundo eixo escolhido pelos educadores trabalharia com a integração da prevenção do uso de drogas no currículo escolar. Para isso, o tema da Saúde Integral foi incluído no PPP e no PEA, realizado no horário da Jornada Especial Integral de Formação (JEIF).

Dessa forma, esclareceram que trabalhariam, nos horários de formação, com materiais do curso de prevenção, para que ele pudesse ser disseminado para o maior número possível de professores, instrumentalizando os educadores, de modo a reconhecer a escola “J” como um espaço de acolhimento, e este, como uma estratégia de prevenção, já que acolher significa preservar e aprofundar o vínculo com adolescentes, sendo a escuta sensível e compromissada do educando um modelo sistêmico, ou seja, uma nova visão a ser adotada, propiciando o empoderamento e segurança em incluir o tema da saúde integral nas aulas de todas as séries: do 1º ano do ensino Fundamental I até a 4ª etapa da EJA.

De acordo com os profissionais da escola “J”, nesses espaços seriam abertas situações em que os professores elaborariam oficinas para socializar os temas de saúde integral com seus alunos, pois, conforme Pedroza e Costa (2012, p.249), o educador só poderá agir com autonomia, segurança e criatividade, se tiver reservado, em sua jornada, momentos para reflexão sobre a prática pedagógica.

4.2 - Recursos

Entretanto, esclareceram que, para que as ações previstas na metodologia se efetivassem, seriam necessários os seguintes recursos:

- ✓ Humanos: parceria e preparação dos professores envolvidos no Projeto Ampliar e com os Coordenadores Pedagógicos;
- ✓ Físicos e Materiais: reprodução dos textos do material de apoio do curso; e Sala de vídeo para visualizações e discussões de vídeo-aulas.

* Outros materiais seriam demandados à medida em que os professores forem desenvolvendo estratégias para a inclusão do tema da saúde no currículo escolar.

idade escolar											
Ação dos professores, inserindo o tema da Saúde Integral no currículo											
Avaliação das ações e replanejamento											

Tabela 8. Cronograma de atividades da escola “J”.

Tendo em vista os dados supramencionados - extraídos da versão final dos projetos de prevenção do uso de drogas realizados pelas equipes de profissionais das escolas “A” a “J” - e após criteriosa supervisão e análise pelo pesquisador, autor deste trabalho, observou-se que, de maneira geral, os projetos apresentados pelos cursistas do 5º curso de Prevenção do Uso de Drogas por Educadores de Escolas Públicas contemplaram a proposta de prevenção do uso de drogas para crianças e adolescentes desejada, conforme os critérios previamente estabelecidos pelo Modelo de Projeto de Prevenção do Uso de Drogas (Seção 4, p.28-32).

Entretanto, como também era esperado, cada equipe escolar desenvolveu, de maneira peculiar, estratégias de ensino e aprendizagem criativas e interessante em seus projetos de prevenção, sem se esquecer de englobar as redes sociais interna e externa (pré-requisitos) como auxiliares no fortalecimento das fragilidades, vulnerabilidades e fatores de risco encontrados na própria escola, além de comunidades periféricas e famílias.

Embora a carência de capitais, mão-de-obra qualificada, recursos tecnológicos, etc. tenham sido apontados pelos educadores-alvo deste

estudo como entraves que dificultam a realização satisfatória de projetos de prevenção do uso de drogas nas instituições públicas, sobretudo escolares, tal problemática foi contornada por meio do uso criativo e sustentável dos recursos disponíveis.

Diante do exposto, e em virtude dos argumentos elencados, pode-se afirmar que os objetivos geral e específicos estabelecidos (Seção 1, p.11-12) foram satisfatoriamente atingidos pelos educadores das escolas “A” a “J”.

Finalmente, o autor espera que os resultados e discussão dos dados obtidos a partir das intervenções em escolas de Ensino Fundamental da rede pública disponibilizadas no estudo em tela possam ser úteis no desenvolvimento de novas estratégias que possam levar à implantação de outros projetos de prevenção do uso de drogas nas diversas instituições da Administração Pública, ultimamente tão carentes de um modelo adequado à promoção de saúde, em suas esferas municipal, estadual e federal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi apresentado, a presença das drogas na sociedade, sobretudo no âmbito escolar, espaço em que crianças e adolescentes tecem suas primeiras relações sociais sem interferência familiar direta, obriga a rede de proteção social - famílias, educadores, administradores e gestores públicos - a refletir sobre o papel individual na solução desse entrave.

Nesse sentido, as transformações econômico-sociais ocorridas em decorrência da globalização do mundo contemporâneo, que acarretaram no estabelecimento de um novo modelo familiar, também devem ser consideradas.

Esses novos modelos de organização familiar e social podem originar conflitos e expectativas que, quando não solucionados ou satisfeitas, culminam no aumento de fatores de risco e vulnerabilidade representativos

para crianças e adolescentes, que não possuem mecanismos de proteção contra as investidas da sociedade de consumo, pautada em valores muitas vezes distantes da realidade desses indivíduos.

Ademais, não se pode desconsiderar a ressignificação da adolescência no contexto do desenvolvimento humano, além da conseqüente valorização dessa fase de formação individual, principalmente após a implantação da PNaPS (2006) e do ECA (1990) - instrumentos responsáveis pelo fortalecimento das garantias e do respeito aos direitos de crianças e adolescentes - aliados a ações conjuntas pelos conselhos representativos sociais, no sentido da observação das particularidades regionais e da promoção de medidas preventivas específicas para cada grupo.

Assim, a partir da consideração de que o uso de álcool e drogas é um fenômeno sociocultural complexo, haja vista não existirem apenas variados tipos de drogas, mas também diferentes conseqüências produzidas em decorrência de sua utilização, sem se esquecer da problemática do consumo dessas substâncias entorpecentes na sociedade contemporânea, evidenciado sobretudo nos grandes centros urbanos, a exemplo das “cracolândias”, disseminadas na cidade de São Paulo.

Como a adolescência é um período caracterizado por curiosidades e transições de um mundo que se estende além dos domínios familiares, onde a droga exerce forte atrativo, justificado, em parte, pelo forte elo existente com o grupo de amigos, trata-se de uma faixa etária que carece de atenção, cautela e preocupações, no sentido de fortalecer as redes de proteção interna e externa do adolescente, a partir de influências positivas do meio social que aumentem sua autoestima, fazendo frente às vulnerabilidades sociais a que se submetem esses pré-jovens.

É conveniente ainda recordar que, para o desenvolvimento de uma política de prevenção eficaz, torna-se necessário a realização prévia de um levantamento dos fatores de risco (negativos) e de proteção (positivos), interpretando estes como condições a que os indivíduos estão expostos, podendo levar a um aumento ou diminuição da probabilidade do uso de drogas.

Portanto, partindo-se da premissa de que a grande maioria dos adolescentes se encontram matriculados em escolas públicas e privadas, o autor desta pesquisa focou sua pesquisa na educação básica (Ensino Fundamental), propondo um viés de prevenção do uso de drogas efetivo em EMEFs do estado de São Paulo, a partir da interpretação da escola como parte fundamental da base do tripé escola-família-comunidade social.

Vale ainda lembrar que, de acordo com o Artigo 14 da Resolução 113 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), de 19 de abril de 2006, o eixo estratégico da promoção dos direitos humanos de crianças e adolescentes operacionaliza-se através do desenvolvimento da Política de Atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente - prevista no artigo 86 do ECA, que integra o âmbito maior da política de promoção e proteção dos direitos humanos -, cujo desenvolvimento implica na satisfação das necessidades básicas de crianças e adolescentes pelas políticas públicas, como garantia de direitos humanos e ao mesmo tempo como um dever do Estado, da família e da sociedade (§ 3º, I).

Diante do exposto, os educadores participantes da 5ª edição do curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas desenvolveram, sob orientação do pesquisador/tutor, e de maneira satisfatória e significativa, projetos de prevenção do uso de drogas nas escolas onde trabalhavam, onde pretendia-se que tais projetos fossem, de fato, posteriormente implementados.

Assim, por meio da educação, responsável pela transmissão da cultura e do conhecimento gerados através dos tempos, os alunos foram chamados à reflexão e à crítica da realidade em que estavam inseridos, atuando como protagonistas na intervenção e proposição de novas orientações nos ambientes escolar, familiar e comunitário.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. G.; NISCATRI, S.; TONGUE, E. **Drogas**: Atualização em prevenção e tratamento Curso de Treinamento em Drogas para Países Africanos de Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Lemos, 1993.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 4. ed. Ed. Vozes, 2002.

BARBIER, R. **Pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa em educação matemática. **Pro-posições**, Campinas, v. 4, n. 10, p. 18-23, 1993.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNaPS: Revisão da Portaria MS/GM 687, de 30 de março de 2006. / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância à Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

_____. Portal do Planalto. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.

Acesso em 14/06/2015.

_____. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. 2010. A Prevenção do Uso de Drogas e a Terapia Comunitária. 2ª ed. Brasília, 2010. 24p. Disponível em: www.senad.gov.br. Acesso em 20/05/2015.

_____. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 5. ed. atual. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

CARVALHO *et al.* **Escolas de governo e gestão por competências**: mesa-redonda de pesquisa-ação. Brasília: ENAP, 2009. 109p.

Carta de Ottawa. I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, 1986.

CASTRO, C.A.P. de. **Sociologia aplicada à Administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. DEMO, P. Avaliação qualitativa. Polêmicas do nosso tempo. 8. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

D'ASCENÇÃO, L. C. M. **Organização, sistemas e métodos**: análise, redesenho e informatização de processos administrativos. São Paulo: Atlas, 2001.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 5ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DIGIÁCOMO, M. J.; DIGIÁCOMO, I. A. **Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado**. Curitiba. Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, 2013. 6ª Edição.

DUARTE, P. C. A. V.; DALBOSCO, C. **A política e a legislação brasileira sobre drogas**. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. 5. ed., atual. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

FERNANDES *et al.* **Educação a distância em organizações públicas;** mesa-redonda de pesquisa-ação. Brasília: ENAP, 2006.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática:** percursos teóricos e metodológicos. 2ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. **Qualitative research in information management.** Englewood. CO: Libraries Unlimited, 1992.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, abr.1995.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012.** Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>. Acesso em 20/05/2015. Rio de Janeiro, 2013.

KOHARA, L. T. **Relação entre as condições da moradia e o desempenho escolar: estudo com crianças residentes em cortiços.** 2009. 297f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.gaspargarcia.org.br/Administrativo/secure/arquivos/publicacoes/193201210320363.pdf>. Acesso em: 13/06/2015.

LEAL, M. C; ARAÚJO, D. A; PINHEIRO, P. C. **Alcoolismo e educação química.** Revista Química Nova na Escola, v.34, n.2, p. 58-66, Maio, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, M. N. M. **Entrevista de pesquisa:** a interação entrevistador / entrevistado. Tese. (Doutorado) - Belo Horizonte, 1991.

_____. **Uma metodologia para a pesquisa do social histórico.** (Artigo submetido, 10p.), 2005.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso.** Tradução de M. V. Barbosa; M. E. Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MALUF; MEYER. **Dependência:** uso compulsivo, priorização do seu consumo em detrimento dos danos que causa e de outros interesses pessoais sociais ou profissionais. 2002. p. 23-24.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. **A escola como espaço de transformações sociais e individuais** In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas.* 5. ed., atual. Brasília: Ministério da Justiça, 2012, p. 29.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONTAGNER *et al.* **Diversidade e capacitação em escolas de governo:** mesa-redonda de pesquisa-ação. Brasília: ENAP, 2010.

NICASTRI, S.; RAMOS, S. **Prevenção do Uso de Drogas.** Jornal Brasileiro de Dependência Química, Brasil. 2001; (supl): 25-29.

OLIVEIRA, M. C. S. L. **O adolescente como pessoa em desenvolvimento e a contemporaneidade**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1993.

PEDROZA, R. L. S; COSTA, L. F. **O Cuidado com os educadores**. In: BRASIL, SENAD. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas. 5. ed., Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

PIRES *et al.* **Gestão por competências em organizações de governo**. Brasília: ENAP, 2005.

Portal da 6a edição do Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas (SENAD). Disponível em: <http://educadores.senad.gov.br>. Acesso em 16/05/2015.

Portal Insper. Disponível em: <http://www.insper.edu.br/casos/estudo-caso/>. Acesso em 28/06/2015.

Portal Prodequi. Disponível em: <http://www.prodequi.unb.br/index.php/o-prodequi>. Acesso em 01/06/2014.

PUGLISI, M. L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

RAMAL, A. **Prevenção contra as drogas: desafio de pais e educadores**. Disponível em: <http://www.andreamal.com.br/conversando-com-os-pais/prevencao-contradrogas-desafio-de-pais-e-educadores-1#sthash.UJdLXJ23.dpuf>. Acesso em 20/05/2015.

SILVA, E.L.; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2000.

SIMÕES, C. A. *et al.* **Programas de Promoção de saúde integrados na política nacional de educação**: o papel da escola na prevenção do uso de drogas. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. 5. ed., atual. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. Resolução 113, de 19 de abril de 2006. Disponível em: <http://dh.sdh.gov.br/download/resolucoes-conanda/res-113.pdf>. Acesso em 28/06/2015.

SLOBODA, Z. **Programas de Prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA**. In: PINSKY, I. & BESSA, M. A. (Org.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2004.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; RODRÍGUES, H., SILVA, C. **Uso de drogas psicotrópicas por estudantes**: prevalência e fatores sociais associados. *Revista Saúde Pública*, 2004.

SUDBRACK, M.F.; PENSO, M.A. **Envolvimento em atos infracionais com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental**. *Psicologia USP*, 2004, 15(3), 29-54.

UNICEF. **Convenção sobre os direitos da criança**. Disponível em: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf. Acesso em: 28/06/2015.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular e a atenção à saúde da família**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1999.

VASCONCELOS, M. L. **Avaliação das redes sociais da escola**: uma estratégia de prevenção do uso de drogas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Brasília: Universidade de Brasília, 2008.